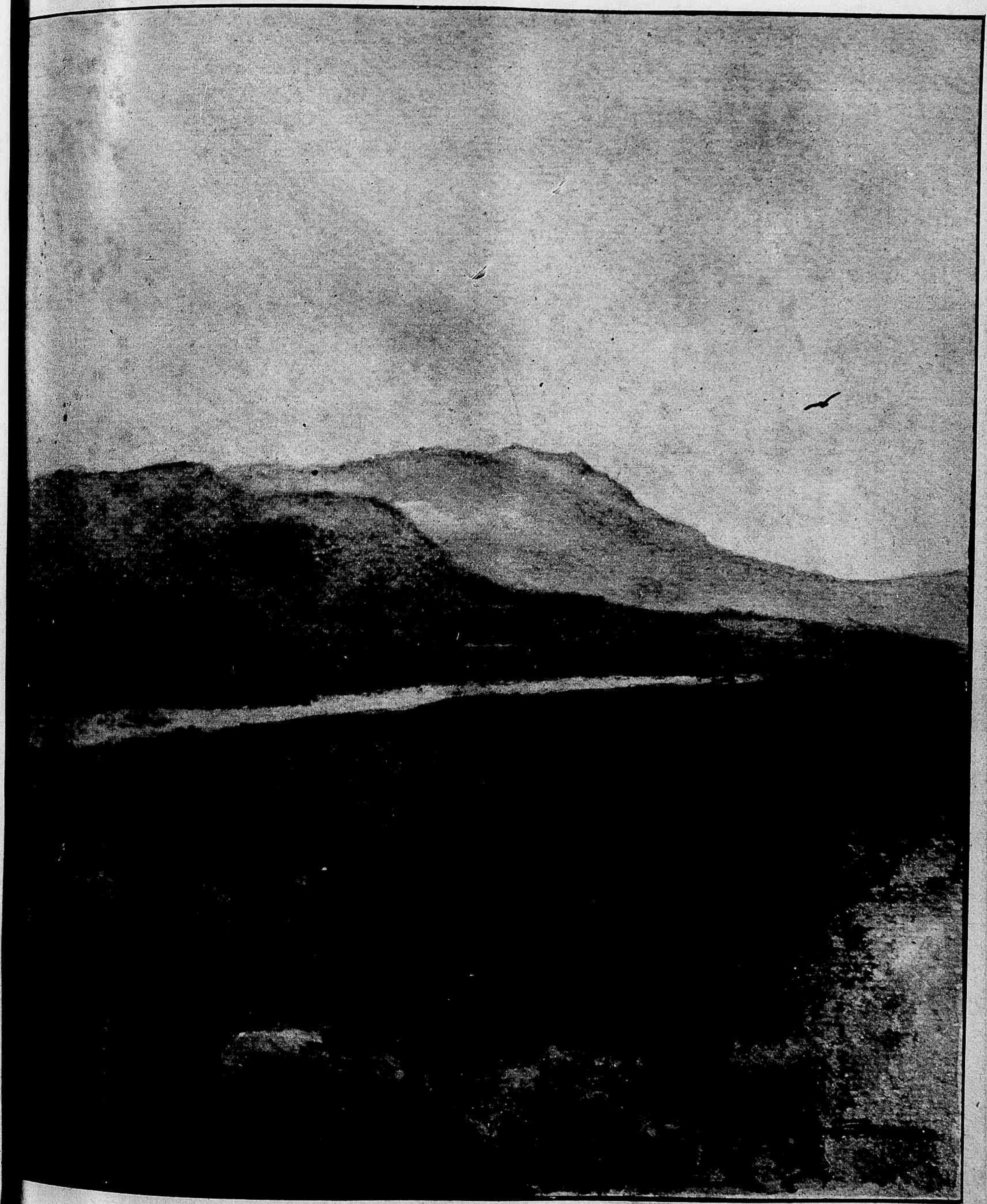
REVISTA DA SEMANA



Paisagem

O PRESENTE O MAIS UTIL, O MAIS DURADOURO E' O
CHRONOMETRO PATEK PHILIPPE, GONDOLO
& LABOURIAU, RELOJOEIROS—81, RUA DA QUITANDA

Caruso

Ouvi o tenor mais celebre do mundo

Se nunca ouvio os Discos Victor contendo a magnifica voz de Caruso, V. Sa. está-se privando de um dos maiores previlegios que se goza quando se possue uma Victor—o previlegio de ter á sua disposição a voz mais gloriosa que se tem conhecido.

Quatro Discos novos por este famoso artista:

Doze pollegadas, com orchestra, 10$000 cada um. Em Italiano

88279 **Pagliacci—No, Pagliaccio non son** ..... **Leoncavallo**
88280 **Addio** ..... **Tosti**

Dez pollegadas, com orchestra, 8$000 cada um. Em Italiano

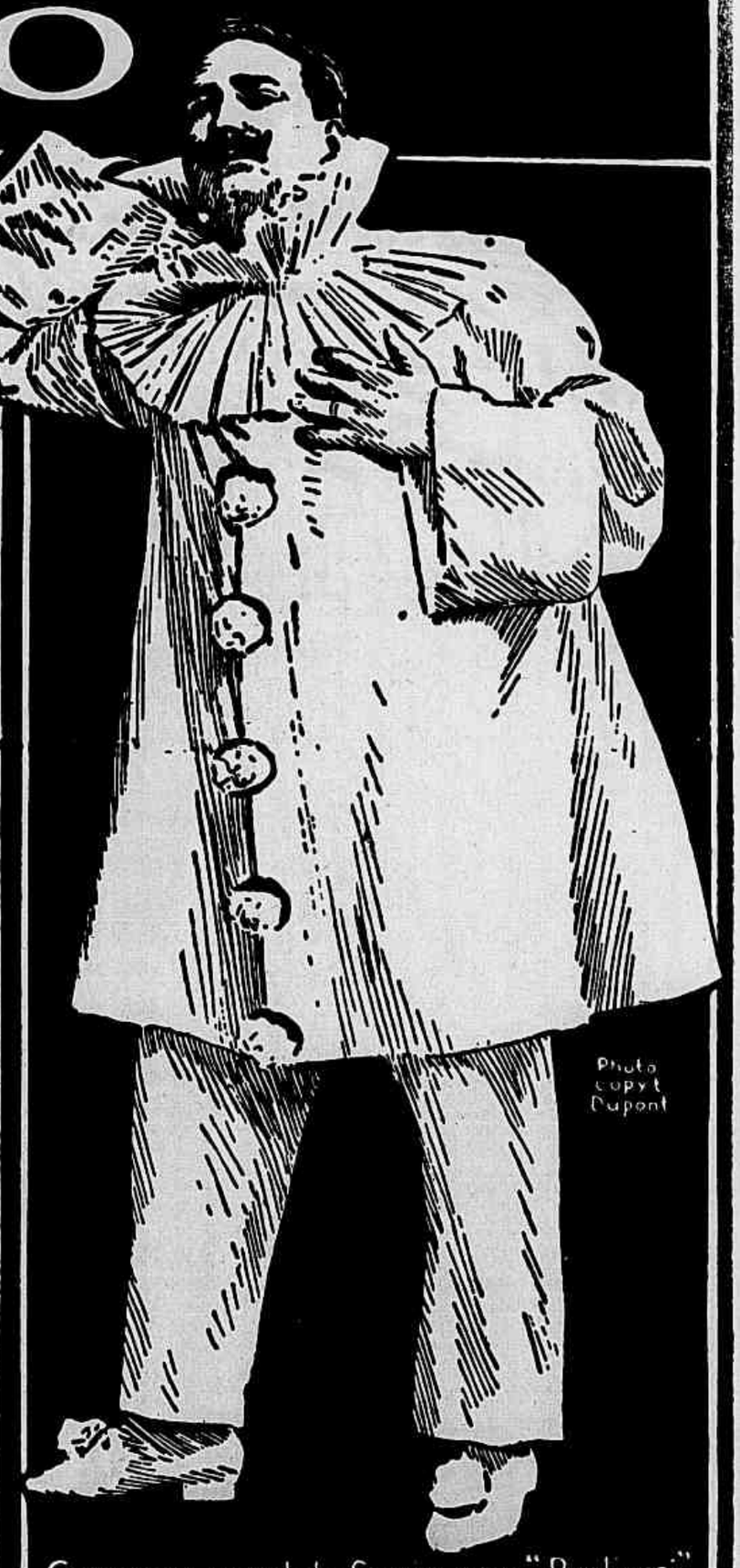
87071 **Otello—Ora e per sempre addio** ..... **Verdi**
87072 **Cavalleria Rusticana—Siciliana** ..... **Mascagni**

Faça o favor de entrar em qualquer estabelecimento onde veja a marca da fabrica Victor e pedi simplesmente para ouvir estes Discos por Caruso. V. Sa. ficará realmente maravilhado e admirar-se-ha porque tem esperado tanto tempo.

Exija sempre a marca da fabrica Victor, "A Voz do Dono", para ter a certeza de que obtem um producto Victor genuino. Esta marca acha-se em cada machina Victor, Victor-Victrola e nos Discos Victor.

Victor Talking Machine Co., Camden, N. J., E. U. da A.

Usae sempre as Discos Victor, tocados com as agulhas Victor. Não existe outra maneira de obter o inegualavel tom Victor.



Caruso no papel de Canio nos "Pagliacci"

E não se esqueça de ouvir a

Victor-Victrola

CAPIVAROL

Elixir de extracto de oleo de CAPIVARA

Iodo phosphatado sem gosto nem cheiro desagradavel. Tonico *nervino*, *muscular* e *cardiaco*; Contém todo o principio activo do **Oleo de Capivara** sem os inconveninentes d'este. *PREPARADO PELO PHARMACEUTICO CHIMICO* **CARLOS BARBOSA LEITE.** **Encontra-se em** Araujo Freitas & C. e P. de Araujo, **Depositarios Geraes — RIO DE JANEIRO.**

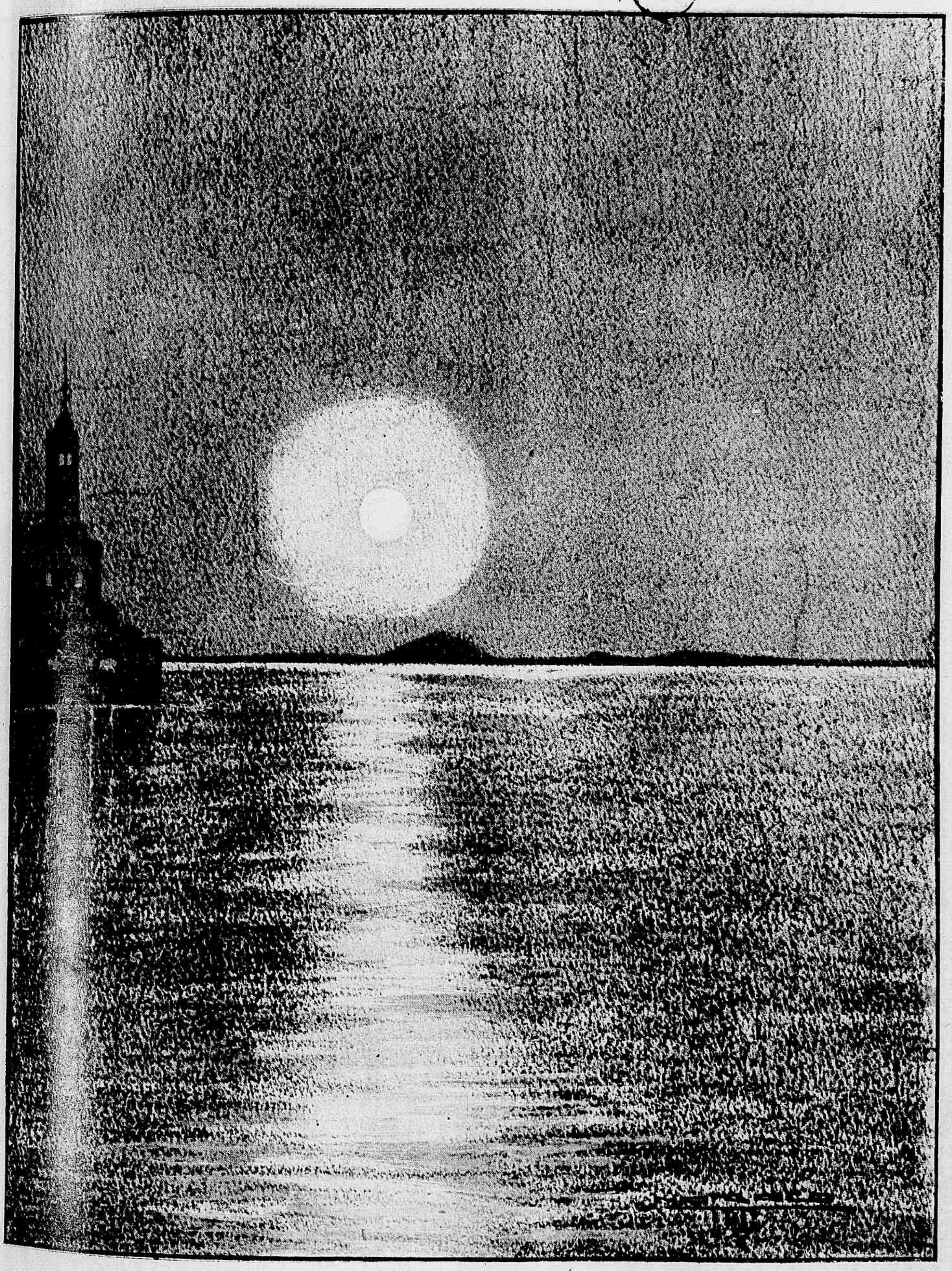
REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1913

Anno XIV — N. 582 — Assinatura 300 réis
Avenida Rio Branco 110 e 112

BIBLIOTECA NACIONAL RIO DE JANEIRO



Effeitos do luar

CHRONICA

Por entre as manifestações de pezar de que era assás merecedor, sepultou-se, sabbado ultimo, 31 de Maio, o Dr. Francisco Pereira Passos.

Nesta Capital e mesmo nos pontos cultos do paiz, e ainda nas nações do velho mundo, cujos circulos financeiros e industriaes se preoccupam com o progresso intenso de nossa patria, é bem conhecido e respeitado o nome venerando do venerando brasileiro, cujos trabalhos, como profissional e como administrador, ahi estão eloquentemente attestando uma vida de estudo e energia pouco vulgares, tornando-se por isso o illustre patricio um typo representativo de uma época de renascimento.

Feriu-lhe de surpreza a morte a bordo do navio que o conduzia á Europa, em viagem de descanço, mostrando-se até aos ultimos momentos o mesmo espirito lucido e activo, apezar da avançada edade, do austero ex-Director da Central do Brasil, do grande Hasselman carioca, que em luta aberta com a rotina, collocando-se superior aos ataques ferozes do interesse mesquinho, soube incutir no animo do povo o verdadeiro sentimento do Bello e do Bom, como apostolo da Arte e da Hygiene.

Todas as homenagens á sua memoria têm sido tributadas; a ultima que resta ao poder humano, a maior dellas, esperamos que não seja esquecida:— é a perpetuação no bronze do vulto do respeitavel compatriota, para que na praça publica tenham os filhos desta amada terra o exemplo eterno do trabalho, do estudo e da energia.

* * *

Contrario á espectativa geral, ainda em crise permanece a politica nacional, embora já manifestado o apoio unanime á candidatura conciliatoria do eminente ex-Presidente, Dr. Campos Salles.

Como o têm feito desde o principio da luta que se propuzeram, os *colligados* se apegam em nugas, fazendo questão fechada de formalidades inuteis para o momento. Acceitam a citada candidatura comtanto que uma convenção de todos os elementos em luta, *sem direito de recusar o accordo*, venha ratifical-o e o Vice-Presidente saia de um dos Estados colligados; e assim pensando recusam uma contra-proposta de S. Paulo em que se alvitra a apresentação por um manifesto politico e a escolha do Vice-Presidente fóra do terreno partidario, com o caracter neutral e conciliador do candidato á Presidencia.

Ora, á vista do exposto, sem grande esforço mental se verifica que perfeitamente rasoavel é a contra-proposta paulista. Se accordam todos em relação ao nome a suffragar e se á convenção é vedado recusal-o, ella se torna desnecessaria, superflua, por falta da funcção principal para que se deveria reunir — a escolha do candidato. Quando já ha accordo previo sobre um determinado, accordo definitivo, o unico acto cabivel é o manifesto como documento de apresentação.

Quanto ao Vice-Presidente, é logico que se desistem as facções litigantes do direito á indicação do Presidente, acceitando um estranho a ambas, não poderá uma exigir que o outro nome da chapa seja um dos seus, pois que a outra facção teria tambem o direito de tal exigencia e, assim, onde a conciliação ?

Tudo isso é o resultado da falta de idéas e de orientação por parte dos *colligados*.

Sem um fim determinado, certo ou errado, não póde haver coherencia nos actos.

P.C.

TRAÇOS E TROÇAS

Dona Constituição, senhora honesta e bôa,
Que sobre a terra santa
Dos cálidos Brasis, deixou cahir á tôa
A doutrina que, encanta,
Da egualdade na lei, — os homens não conhece
Nem o grande poder do intermino *interesse*:

Se o soubesse, de certo, em formula concisa
De principio immutavel,
Não nos daria o Jury, o tribunal que visa,
Em moral detestavel,
Fazer do sapateiro o juiz em um só dia,
Transformando o Direito em odio ou sympathia.

Elle, o maior poder dos homens cá na terra,
Julgando o nosso crime,
Em nome de uma lei aos quatro ventos berra
A sentença que exprime
O premio da maldade, o escarneo da justiça,
Ao dinheiro, ao poder, ao forte só submissa !

Oh ! dura contingencia em lugubres momentos !
Se rico ou poderoso
Terá o assassinato em *leves ferimentos*
Mudado, ou para goso
Maior, a absolvição, e mandar outro ainda
Desta para melhor. Como doutrina é linda !

E o pobre ou despresado além por este mundo ?
E' o pária da sorte !
A este o carcere atroz, terrivel, nauseabundo,
Que a vida não supporte !
Muito peior que o vicio, a fome, a guerra, a peste,
E' ter um Tribunal que contra a lei investe.

Juca.

Os máos são como doentes que não querem medico.

CARTAS DE UM TABARÉO

Bom compadre

Rio, 8—VI—1913.

Treguas á politicagem, meu caro.

O que tenho observado causa-me nojo, aborrecimento, tedio...

E lembrarmos que no Brasil falha até a sabedoria das nações !...

Parece incrivel, mas é a pura verdade, meu amigo.

Diz o ditado: E' mais facil mudar o curso de um rio que os costumes de um povo.

E' essa a sentença que infelizmente falha em nossa patria.

E' mais facil mudar *os bons* costumes de um povo que o curso de um rio, assim se deve dizer.

Effectivamente os bons costumes do povo se transformam em máos com a maxima facilidade.

Disto é prova o que succede com a Camara dos Deputados...

Tempo houve em que naquelle recinto pediam a um Ferreira Vianna que fallasse mais alto e elle se desculpava de não dever levantar a voz diante da collectividade que elle respeitosamente acatava...

Nesse mesmo recinto, meu caro, deu-se o seguinte:

Fallava um Deputado alludindo ao Sr. Souza Franco, que singularmente representava o partido liberal, quando um gaiato grosseiro, como em geral são todos os gaiatos, se lembrou de imitar o latido de um cão.

Como o caso despertasse sussurro, atalhou o orador affirmando ter sido um aparte do famoso Visconde...

Incontinente, sem se azedar, replicou o injuriado:

—"E' o éco da voz de V.Ex..."

Esse episodio causou escandalo, não obstante darem todos razão ao Sr. Souza Franco.

Que succederia á sociedade d'atanho se apreciasse as bellezas de linguaguem actual ? !...

Decididamente é mais difficil mudar o curso de um rio que os bons costumes de um povo.

Assim, meu caro, emendo a sabedoria popular. E olha que não preciso ser nenhum Souza Franco para defender a minha proposta...

E com esta, treguas á politicagem...

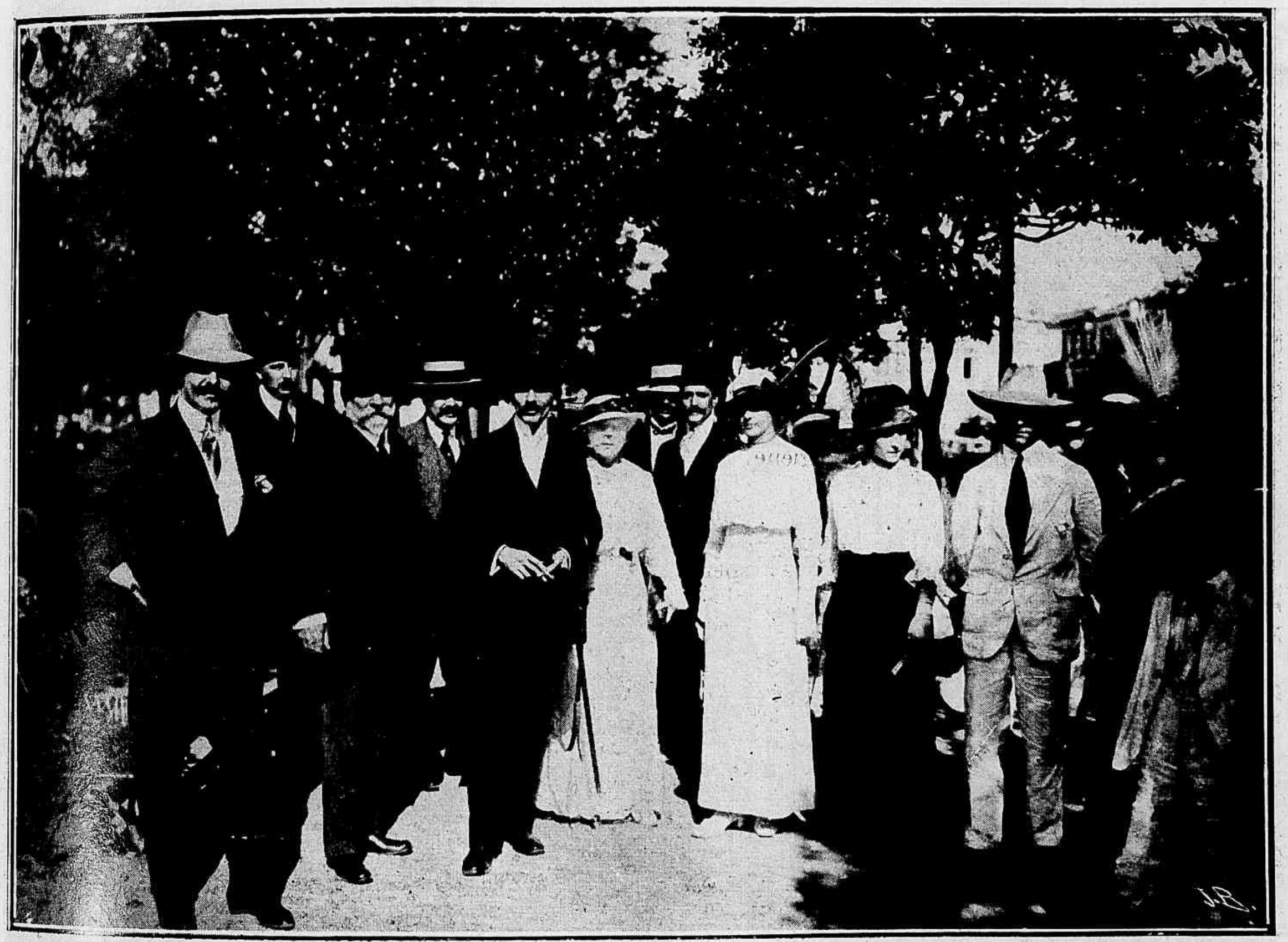
Adeus.

Teu,

Bermudes.

P. S. — Recommenda á comadre que prepare o quarto; por causa das pulgas, manda pôr bastante herva de S. João debaixo da cama, que eu, pelo dito lá estarei, para pularmos a fogueira; vale ?

B.



O Sr. Dr. Fernando Mendes de Almeida Junior ao centro, cercado de sua Exma. familia e de varios companheiros do "Jornal do Brasil" e amigos, no Caes Pharoux, depois de seu desembarque.

ORSA, A CIDADE MODELO

Haverá muita gente que não acredite nesta informação.

Mas ella é real, e affirma os creditos de alguns governantes.

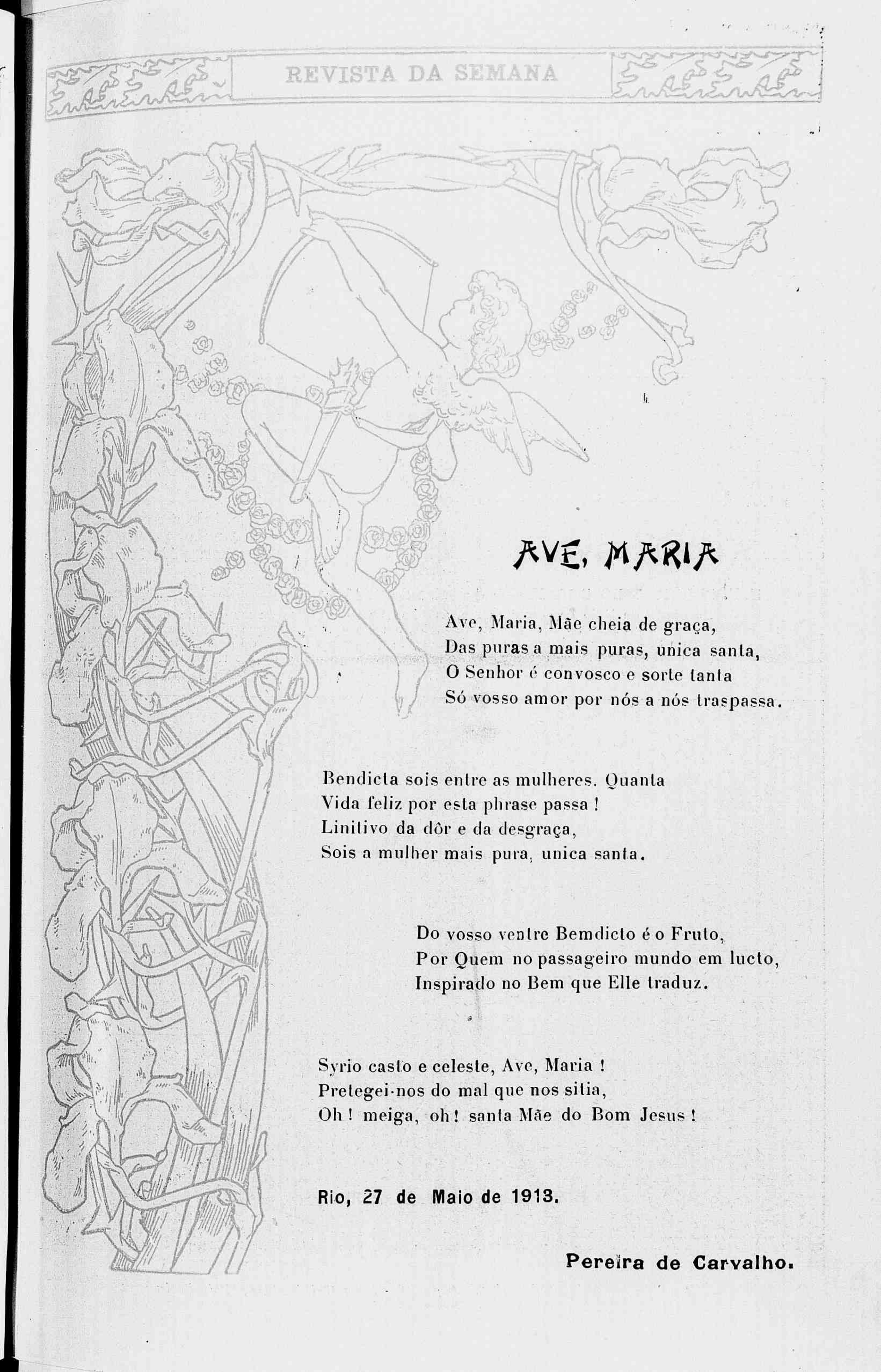
A cidade suéca de Orsa, é uma cidade modelo. A população não paga impostos, as crianças são educadas de graça e o telephone e os bond são tambem gratuitos.

E como conseguem os governantes de Orsa todos esses milagres ?

Muito simplesmente: vendendo as madeiras dos bosques visinhos á cidade e, o que é essencial, gastando com honradez e criterio o producto desse negocio.

RECEPÇÃO

Aspectos da recepção dada pelo Sr. Ministro da Italia, no salão nobre da Sociedade Italiana de Beneficencia



AVE, MARIA

Ave, Maria, Mãe cheia de graça,
Das puras a mais puras, unica santa,
O Senhor é convosco e sorte tanta
Só vosso amor por nós a nós traspassa.

Bendicta sois entre as mulheres. Quanta
Vida feliz por esta phrase passa!
Linitivo da dôr e da desgraça,
Sois a mulher mais pura, unica santa.

Do vosso ventre Bemdicto é o Fruto,
Por Quem no passageiro mundo em lucto,
Inspirado no Bem que Elle traduz.

Syrio casto e celeste, Ave, Maria!
Pretegei-nos do mal que nos sitia,
Oh! meiga, oh! santa Mãe do Bom Jesus!

Rio, 27 de Maio de 1913.

Pereira de Carvalho.

NA SOLIDÃO

— Anjo luminoso, como te chamas ?

— Delicadeza...

— Onde vives ? — no beijo casto de esposa ou no perfume subtil da flor ? !...

— No sonho azul de um coração adolescente...

— E ha muito ?

— Desde o desabrochar das boninas nos jardins do amor...

— Has de estranhar immensamente a minha curiosidade; mas, dize-me: vives só ?

— Tenho a envolver-me o coração os mais divinisados suspiros de amor derramados por meu esposo que, vagueia, agora, de labio em labio, matando tristezas que obscurecem a vida...

— Como se chama o teu esposo ?

— Sorriso de Candura !...

— Sorriso de Candura ? ! Oh ! conheço o teu esposo, Delicadeza... conheço-lhe a luz suave e meiga que esparge nos labios doces das doces donzellas !... conheço-lhe o carinho que dulcifica a alma dos que se sentem presos á grande dôr da saudade !... Tu és bem digna delle, — doce sonho de amor ! Chamas-te Delicadeza e, não pódes negar, és a essencia purificada do coração do teu esposo...

— Por que arrastas comtigo, Borboleta, essa tristeza que te mergulha na treva ? !.... serão maguas que queres occultar ? !...

— O manto roxo do sentimento que me envolve demonstra bem a dôr que me faz soffrer !... Sou filha da Tristeza e vivo abandonada dos lírios da Innocencia e desprezada pelos jardins !... Amei; mas, o meu amor passou mais ligeiro que o favonio por entre os malmequeres em flor !... Foi profundamente ephemero ! Hoje visto esta côr roxa, que dizem ser a côr do desalento, porque já não mais me consolam os perfumes doces e subtis dos jasmineiros que bordam os altos dos caminhos !... Tenho que arrastar, no silencio da solidão, a cadeia suspirosa da minha desesperança como o vagalume inquieto arrasta por sobre virentes folhagens a tenue luz que de si emitte !... Tenho que soffrer os golpes da Indifferença e perder as ultimas saudades das horas contemplativas das tardes de estio !...

— Então perdeste já toda a esperança ? !

— Perdi; e não ha mais esperança que me reconforte a existencia, nem póde havel-a, porque

E. F. CENTRAL DO BRASIL — O desastre de Deodoro

No dia 28 de Maio do corrente anno, ás 6 horas e 50 minutos da manhã, na estação de Deodoro, muito proximo ao triangulo de reversão, o trem «S. M. 6», que descia para a Central, vindo de Paracamby, foi de encontro á cauda de um trem especial de gado, que alli manobrava, descarrilando não só a locomotiva que rebocava o primeiro desses trens, como os dous ultimos carros do especial.

Local onde se deu o desastre.— O guarda-freios Gabriel Manuel da Costa

NA SOLIDÃO

— Anjo luminoso, como te chamas ?

— Delicadeza...

— Onde vives ? — no beijo casto de esposa ou no perfume subtil da flor ? !...

— No sonho azul de um coração adolescente...

— E ha muito ?

— Desde o desabrochar das boninas nos jardins do amor...

— Has de estranhar immensamente a minha curiosidade; mas, dize-me: vives só ?

— Tenho a envolver-me o coração os mais divinisados suspiros de amor derramados por meu esposo que, vagueia, agora, de labio em labio, matando tristezas que obscurecem a vida...

— Como se chama o teu esposo ?

— Sorriso de Candura !...

— Sorriso de Candura ? ! Oh ! conheço o teu esposo, Delicadeza... conheço-lhe a luz suave e meiga que esparge nos labios doces das doces donzellas !... conheço-lhe o carinho que dulcifica a alma dos que se sentem presos á grande dôr da saudade !... Tu és bem digna delle, — doce sonho de amor ! Chamas-te Delicadeza e, não pódes negar, és a essencia purificada do e poso...

— Por que arrastas comtigo tristeza que te mergulha na tre maguas que queres occultar ? !...

— O manto roxo do sentimen ve demonstra bem a dôr que me Sou filha da Tristeza e vivo abando da Innocencia e desprezada pelo Amei; mas, o meu amor passou mai favonio por entre os malmequeres em profundamente ephemero ! Hoje visto esta roxa, que dizem ser a côr do desalento, porqu não mais me consolam os perfumes doces e s dos jasmineiros que bordam os altos dos c nhos !... Tenho que arrastar, no silencio da dão, a cadeia suspirosa da minha desesper como o vagalume inquieto arrasta por sobre rentes folhagens a tenue luz que de si emitte Tenho que soffrer os golpes da Indifferença e der as ultimas saudades das horas contemplat das tardes de estio !...

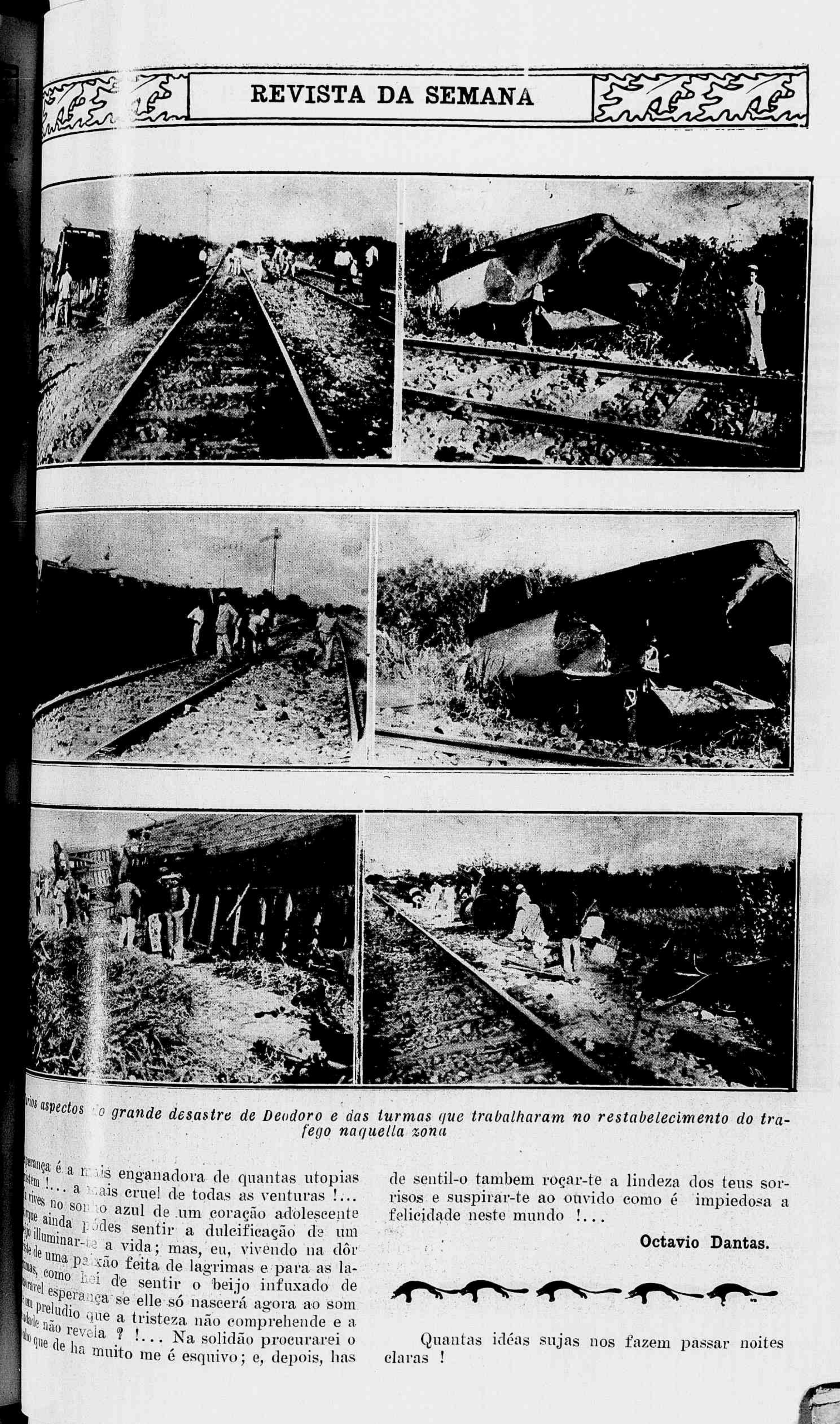
— Então perdeste já toda a esperança ? !

— Perdi; e não ha mais esperança que me conforte a existencia, nem póde havel-a, po

E. F. CENTRAL DO BRASIL — O desastre de Deodoro

No dia 28 de Maio do corrente anno, ás 6 horas e 50 minutos da manhã, na estação de Deo muito proximo ao triangulo de reversão, o trem «S. M. 6», que descia para a Central, v de Paracamby, foi de encontro á cauda de um trem especial de gado, que alli manobrava, carrilando não só a locomotiva que rebocava o primeiro desses trens, como os dous ult carros do especial.

Local onde se deu o desastre.— O guarda-freios Gabriel Manuel da Costa

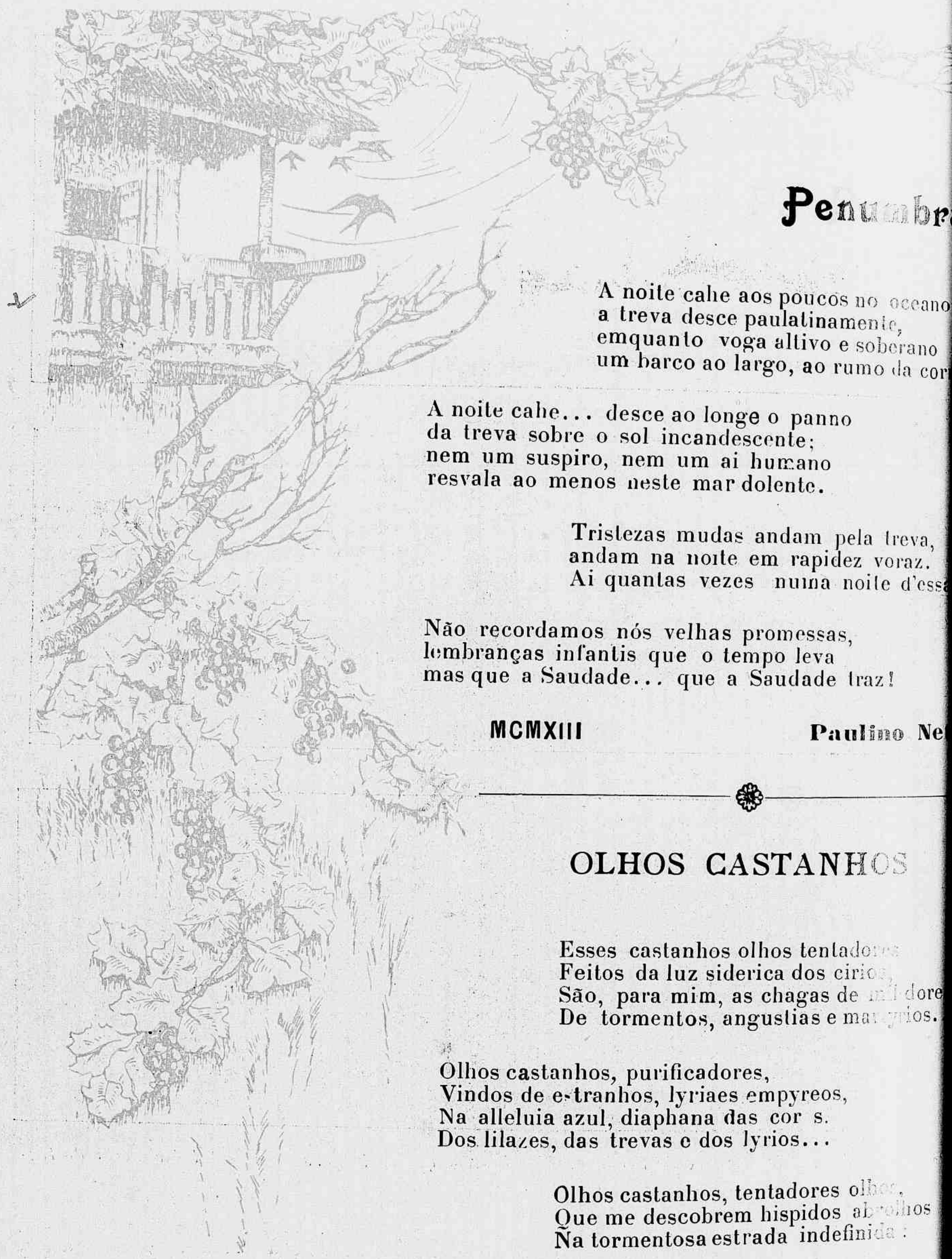


...rios aspectos do grande desastre de Deodoro e das turmas que trabalharam no restabelecimento do trafego naquella zona

...perança é a mais enganadora de quantas utopias ...stem !... a mais cruel de todas as venturas !... ...vives no sonho azul de um coração adolescente ...rque ainda pódes sentir a dulcificação de um ...jo illuminar-te a vida; mas, eu, vivendo na dôr ...ste de uma paixão feita de lagrimas e para as la...mas, como hei de sentir o beijo infuxado de ...oravel esperança se elle só nascerá agora ao som ...um preludio que a tristeza não comprehende e a ...idade não revela ? !... Na solidão procurarei o ...ho que de ha muito me é esquivo; e, depois, has de sentil-o tambem roçar-te a lindeza dos teus sorrisos e suspirar-te ao ouvido como é impiedosa a felicidade neste mundo !...

Octavio Dantas.

Quantas idéas sujas nos fazem passar noites claras !



Penumbra

A noite cahe aos poucos no oceano
a treva desce paulatinamente,
emquanto voga altivo e soberano
um barco ao largo, ao rumo da cor

A noite cahe... desce ao longe o panno
da treva sobre o sol incandescente;
nem um suspiro, nem um ai humano
resvala ao menos neste mar dolente.

Tristezas mudas andam pela treva,
andam na noite em rapidez voraz.
Ai quantas vezes numa noite d'ess

Não recordamos nós velhas promessas,
lembranças infantis que o tempo leva
mas que a Saudade... que a Saudade traz!

MCMXIII

Paulino Ne

OLHOS CASTANHOS

Esses castanhos olhos tentado
Feitos da luz siderica dos cirio
São, para mim, as chagas de mil dore
De tormentos, angustias e mar yrios.

Olhos castanhos, purificadores,
Vindos de estranhos, lyriaes empyreos,
Na alleluia azul, diaphana das cor s.
Dos lilazes, das trevas e dos lyrios...

Olhos castanhos, tentadores olhos,
Que me descobrem hispidos abrolhos
Na tormentosa estrada indefinida:

Sois o fóco de luz que me fascina,
E o poderoso Ser que me domina
Nesta mesquinha e torturosa Vida!

Carvalho Guimarãe

GABRIEL HANOTAUX

Gabriel Hanotaux narrar no *Figaro* as suas impressões a respeito de umas das maiores usinas electricas que transformam em luz e força algumas quedas da immensa catarata do Niagara.

Fica na margem canadense e alimenta as industrias de cidades distantes duzentos ou trezentos kilometros.

E' um edificio colossal de uma pureza de linhas e sobriedade magistraes. Um corredor de mosaico leva a uma sala toda branca: ahi, de um paleão de aço se dominam vinte turbinas formidaveis que giram sem parar, enchendo o ar com o seu ruido.

TAYUCAROBA

Depurativo vegetal mineiro

Unico remedio que cura **Eczema, Darthro, Pelle grossa, Ulcera chronica, etc.**

ARAUJO FREITAS & C. Ourives 88

Ao centro, uma especie de cathedra em que estão sentados dous homens "Dous homens, explica o guia, para o caso de um delles morrer."

Esses dous homens têm os olhos fixos sobre vinte quadrantes dos manometros correspondentes ás vintes turbinas. No caso de se dar qualquer accidente basta tocar num botão para interromper a corrente.

Representa uma força de 200.000 cavallos vapor. Corredores magnificamente illuminados percorrem o edificio e grandes ascensores levam até ás cascatas.

A um certo ponto encontra-se uma porta de aço com o seguinte distico: "Silencio". O guia toca no botão. A porta se abre silenciosamente e deixa á vista uma vasta camara semicircular.

A "REVISTA DA SEMANA" EM PARIS

Mlle. Mistinguett, compra na praça da Opera o seu ramo de «muguet».

Os homens são como os vinhos: em envelhecendo, os bons melhoram, os máos azedam.

ABRIEL HANOTAUX

Gabriel Hanotaux narrar no *Figaro* as suas impressões a respeito de umas das maiores usinas electricas que transformam em luz e força algumas quédas da immensa catarata do Niagara.

Fica na margem canadense e alimenta as industrias de cidades distantes duzentos ou tresentos kilometros.

E' um edificio colossal de uma pureza de linhas e sobriedade magistraes. Um corredor de mosaico leva a uma sala toda branca: ahi, de um balcão de aço se dominam vinte turbinas formidaveis que giram sem parar, enchendo o ar com o seu ruido.

TAYUCAROBA

Depurativo vegetal mineiro

Unico remedio que cura Eczema, Darthro, Pelle grossa, Ulcera chronica, etc.

ARAUJO FREITAS & C. Ourives 88

Ao centro, uma especie de cathedra em que estão sentados dous homens "Dous homens, explica o guia, para o caso de um delles morrer."

Esses dous homens têm os olhos fixos sobre vinte quadrantes dos manometros correspondentes ás vintes turbinas. No caso de se dar qualquer accidente basta tocar num botão para interromper a corrente.

Representa uma força de 200.000 cavallos vapor. Corredores magnificamente illuminados percorrem o edificio e grandes ascensores levam até ás cascatas.

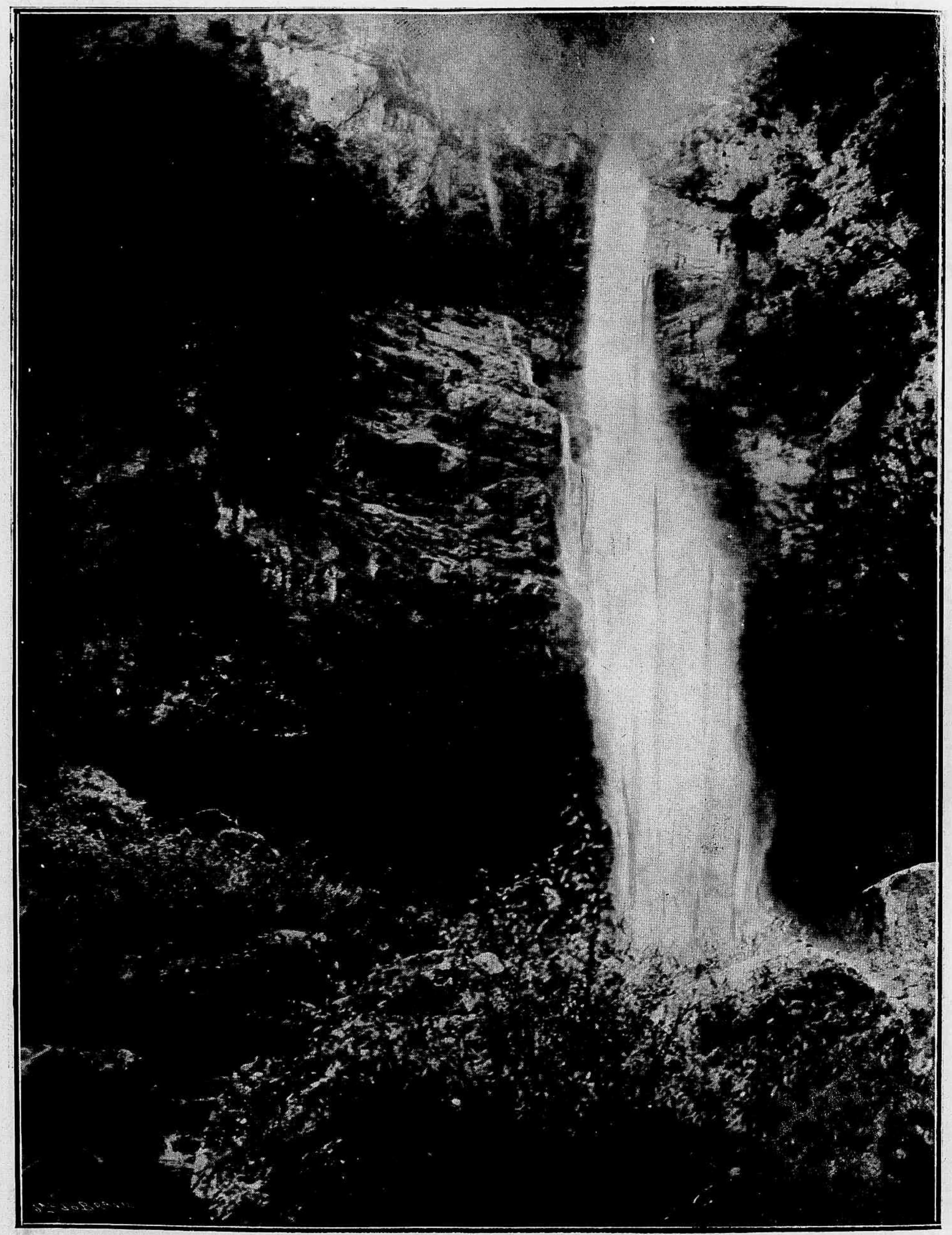
A um certo ponto encontra-se uma porta de aço com o seguinte distico: "Silencio". O guia toca no botão. A porta se abre silenciosamente e deixa á vista uma vasta camara semicircular.

A "REVISTA DA SEMANA" EM PARIS

Mlle. Mistinguett, compra na praça da Opera o seu ramo de «muguet».

Os homens são como os vinhos: em envelhecendo, os bons melhoram, os máos azedam.

A "REVISTA DA SEMANA" NO RIO GRANDE DO SUL



Cascata do Herval, nas proximidades de Sapyranga, tendo 105 metros de altura

PIADAS SPORTIVAS

No Derby

— Então, o Dominguinhos vence tudo ?

— Podera ! Se sahe tres dias na frente.

— E' que elle é esperto...

— Pois, sim, mas por que não era esperto quando o Apollinario dava as sahidas paradas ?

* *

— O tiro do Lamartine sahiu pela culatra.

— Sahiu. Está provado que elle não se dá com injecções de gazolina.

* *

— E o Asturias ? Que derrota !

— Que queres ? Foram com muita sêde ao póte. O cavallo o que precisa é de musculos.

— E o Figueirôa quer dinheiro.

— Pois por isso mesmo é que estão estragando o ex-Orchestrion.

— Que tal o cavallo das sombrinhas !

— Não digas isso. E' que o Braulio soffre do coração e não aguenta o *train* da corrida.

— E por que é que só quando elle tem que perder fazem o Braulio montar ?

— Segredos da natura.

* *

— O Dominguinhos anda assustado.

— Por que ?

— Porque fez uns *afagos* na cabeça da Acacia e agora receia receber o *premio* no Jockey Club.

— Que queres ! Quem semeia ventos...

— Colhe tempestades.

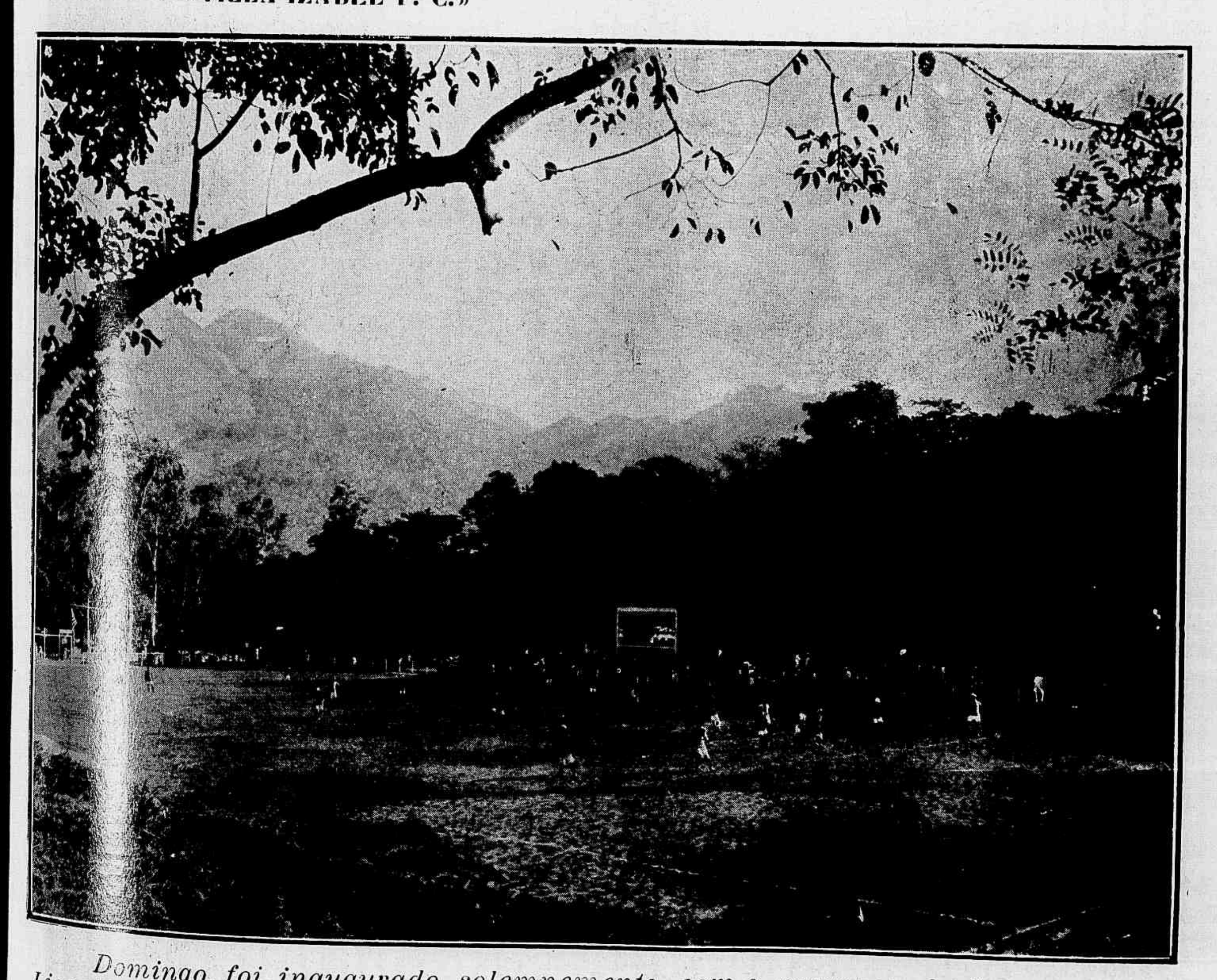
* *

— Por que é que o Foá quando não tem com quem brigar luta com os páos da cerca ?

— E' que elle julga que não póde haver corrida sem luta.

ABELHUDO.

«VILLA IZABEL F. C.»



Domingo, foi inaugurado solemnemente, com a presença do Presidente da Liga Metropolitana de Sports Athleticos e muitas pessoas gradas, o novo campo de sport do «Villa Izabel F. C» no Jardim Zoologico. — Um instantaneo do match inaugural.

CANÇÕES PORTUGUEZAS

Moro á beira do mar

Allegro moderato.

CANTO.

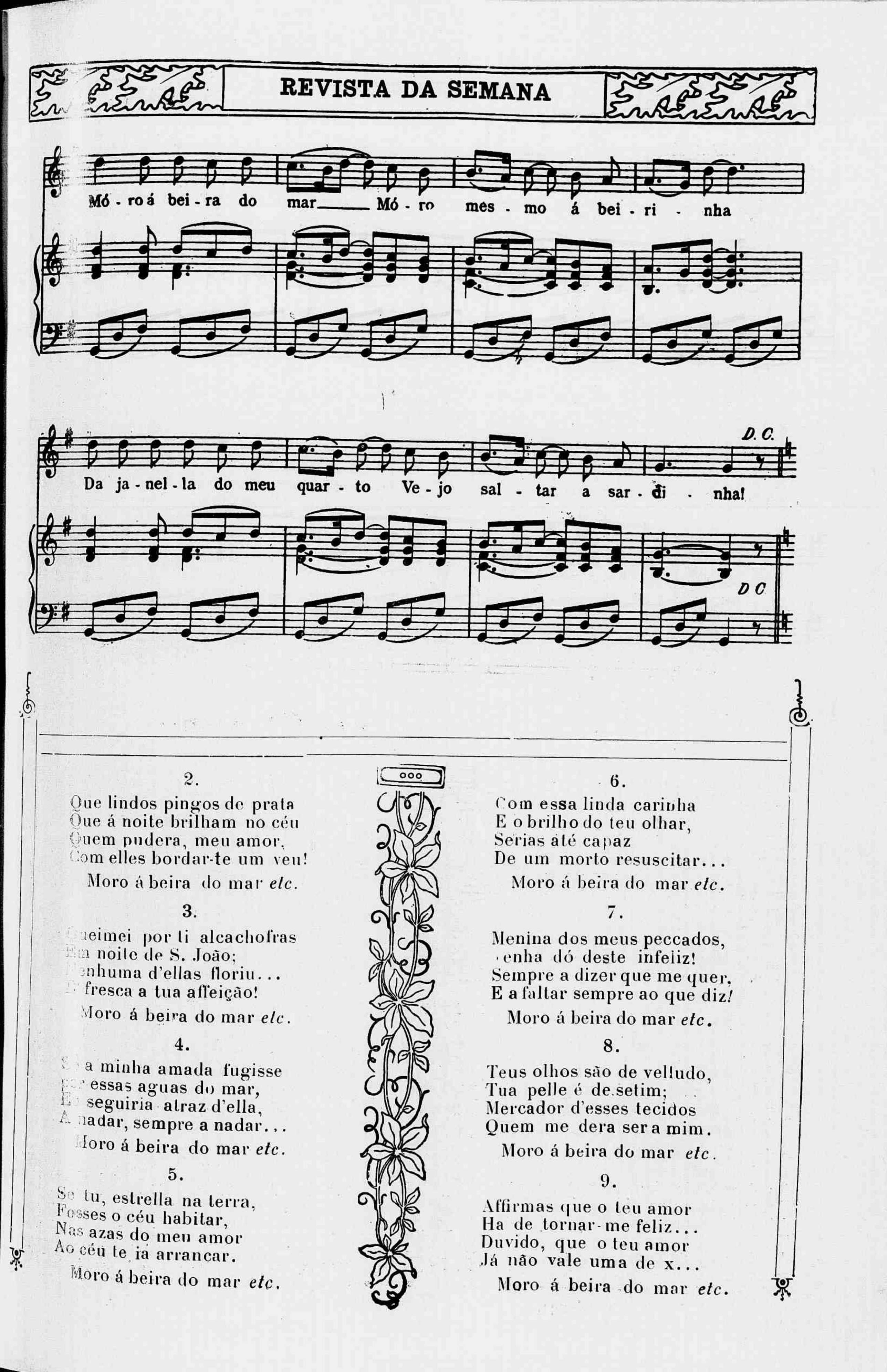
PIANO.

mf

1. A - mor, quan-do te fô - - - Escre-ve - me no ca - mi - nho,

p

Se não ti - ver's pa - pel — Nas a - zas d'um pas - sa - ri - nho!



2.

Que lindos pingos de prata
Que á noite brilham no céu
Quem pudera, meu amor,
Com elles bordar-te um veu!

Moro á beira do mar *etc.*

3.

Queimei por ti alcachofras
Na noite de S. João;
Nenhuma d'ellas floriu...
Fresca a tua affeição!

Moro á beira do mar *etc.*

4.

Se a minha amada fugisse
Por essas aguas do mar,
Eu seguiria atraz d'ella,
A nadar, sempre a nadar...

Moro á beira do mar *etc.*

5.

Se tu, estrella na terra,
Fosses o céu habitar,
Nas azas do meu amor
Ao céu te ia arrancar.

Moro á beira do mar *etc.*

6.

Com essa linda carinha
E o brilho do teu olhar,
Serias até capaz
De um morto resuscitar...

Moro á beira do mar *etc.*

7.

Menina dos meus peccados,
Tenha dó deste infeliz!
Sempre a dizer que me quer,
E a faltar sempre ao que diz!

Moro á beira do mar *etc.*

8.

Teus olhos são de velludo,
Tua pelle é de setim;
Mercador d'esses tecidos
Quem me dera ser a mim.

Moro á beira do mar *etc.*

9.

Affirmas que o teu amor
Ha de tornar-me feliz...
Duvido, que o teu amor
Já não vale uma de x...

Moro á beira do mar *etc.*

A CONFISSÃO

MARGARIDA de Therelles ia morrer, e estava tão abatida que embora só tivesse cincoenta e seis annos parecia ter, no minimo, setenta e cinco. Mais pallida que os lençóes de sua cama, ella arquejava, sacudida por terriveis calefrios, com o rosto convulso, os olhos arregalados, como se alguma cousa de horrivel lhe houvesse apparecido.

Sua irmã, mais idosa seis annos, de joelhos junto ao leito, soluçava. Chegada á cabeceira da agonisante uma pequena mesa supportava, sobre uma alva toalha, duas vellas accesas, pois esperavam o padre que lhe devia dar a Extrema Uncção, a communhão derradeira.

O quarto tinha o aspecto sinistro que têm os aposentos dos moribundos: um ar desolador. Sobre os moveis atulhavam-se os vidrinhos da pharmacia, roupas jaziam pelos cantos atiradas com um ponta-pé ou de alguma vassourada. As cadeiras, em desordem, pareciam — até ellas — assombradas, como se tivessem corrido em todos os sentidos. A morte, terrivel, lá estava, escondida, á espera.

A historia das duas irmãs era enternecedora. Citavam-n'a muitas vezes, e ella fizera chorar bom numero de olhos.

Suzanna, a mais velha, havia sido, outr'ora, loucamente amada por um rapaz de quem por sua vez muito gostava. Chegaram a ser noivos, e esperava-se unicamente o dia fixado para o casamento, quando Henrique de Sampierre morreu repentinamente.

O desespero da moça foi doloroso, e Suzanna jurou não mais se casar. Cumpriu a palavra. Passou a usar vestidos de viuva que nunca mais abandonou.

Então sua irmã, sua irmãzinha Margarida, que tinha apenas doze annos, atirou-se, uma certa manhã, nos braços da mais velha e lhe disse: "Minha mãezinha, não quero que tu sejas desgraçada. Não quero que chores toda a tua vida. Não te deixarei nunca, nunca, nunca. Tambem eu não me casarei. Hei de ficar comtigo sempre, sempre, sempre."

Suzanna beijou-a, enternecida por esta dedicação de criança, mas não deu importancia á promessa.

Mas a pequena tambem cumpriu o juramento e, apezar dos rogos de seus paes, máo grado as supplicas de sua irmã, não se casou nunca. Era bonita, muito bonita mesmo; recusou muitos rapazes que pareciam amal-a; não deixou a irmã.

* *

Passaram juntas todos os dias da existencia. Viveram lado a lado, inseparavelmente unidas. Mas Margarida era sempre triste, acabrunhada, mais fria que a irmã, como se, talvez, o seu sublime sacrificio a tivesse dilacerado. Envelheceu mais cedo, teve cabellos brancos desde a edade de trinta annos e, sempre doente, parecia soffrer de um mal desconhecido que a atormentasse sem cessar.

NOVA PRIMAVERA: NOVA SILHUETA

Aqui estão duas figuras que evocam perfeitamente a nova silhueta. O movimento dos quadris que tende a accentuar-se cada vez mais, attingiu agora a sua perfeita harmonia, sublinhado, como é, pelo pequeno paletot direito, destacando-se completamente do corpo e deixando apparecer o collete claro, uma das phantasias encantadoras da estação.

agora, ia morrer primeiro. Não fallava havia mais de vinte e quatro horas. Dissera sómente, aos primeiros clarões da aurora:

— Vá buscar o senhor cura: chegou o momento.

E em seguida, ficara deitada de costas, abalada por grandes espasmos, de labios agitados como se palavras terriveis lhe houvessem subido do coração sem conseguirem sahir. O olhar, cheio de espanto, era horroroso de ver-se.

Com a cabeça apoiada a borda do leito, sua irmã, louca de dôr, chorava perdidamente, e dizia:

— Margot, minha pobre Margot, minha filhinha!

Chamara-lhe sempre: "filhinha" como a outra lhe havia sempre chamado "mãezinha".

Ouviram passos na escada. A porta abriu-se. Um menino de côro appareceu seguido do velho padre que vinha de sobrepelliz. Mal o avistou, a moribunda sentou-se penosamente, descerrou os labios, balbuciou duas ou tres palavras, e poz-se a esgravatar as unhas como se nellas quizesse fazer algum buraco.

O abbade Simão approximou-se, tomou-lhe a mão, beijou-a na testa e, depois, fallando meigamente:

— Deus lhe perdôe, minha filha. Tenha coragem. Chegou o momento: falle.

Então, Margarida, tiritando da cabeça aos pés, espalhando toda a roupa com os seus movimentos nervosos, balbuciou:

— Senta-te, mãezinha, escuta.

O padre abaixou-se para Suzanna, sempre abatida aos pés da cama, levantou-a, fel-a sentar na poltrona e, tomando em cada mão uma das mãos de cada irmã, pronunciou:

— Senhor, meu Deus! dae-lhes força. Atirae sobre ellas a vossa misericordia.

E Margarida começou a fallar. As palavras lhe sahiam da garganta uma a uma, roucas, escandidas, como que extenuadas.

* *

— Perdão, perdão, mãezinha. Oh! se soubesses o quanto, toda a vida, tive medo deste momento!...

Suzanna, articulou, por entre as lagrimas:

— Perdoar-te o que, filhinha? Foste sempre minha amiga. Tudo por mim sacrificaste; és um anjo...

Mas Margarida interrompeu-a:

— Cala-te, cala-te. Deixa-me dizer... não interrompas... E' indigno... deixa-me dizer tudo... até ao fim... Ouve... Tu te recordas, tu te recordas... Henrique...

Suzanna estremeceu e olhou a irmã. Margarida proseguiu:

— E' preciso escutar tudo para comprehenderes. Eu tinha doze annos, sómente doze annos, tu te lembras, não é? Fazia tudo o que queria!... Lembras-te como me enchiam de mimos?... Escuta... A primeira vez que elle veio cá, trazia botas de verniz; desceu do cavallo em frente ao portão e desculpou-se do traje: vinha sómente trazer uma noticia a papae. Lembras-te, não é?... Não digas nada... escuta. Quando o vi fiquei toda commovida, tanto o achei bello, e deixei-me ficar de pé num canto do salão durante todo o tempo em que elle fallou. As crianças são singulares... e terriveis... Oh! quanto sonhei com elle!

"Elle tornou... muitas vezes... eu o olhava apaixonadamente, de toda a minha alma... Eu era desenvolvida para a minha edade... e muito mais fina do que pensavam. Elle veio ainda... Eu só pensava nelle e pronunciava baixinho:

"— Henrique... Henrique de Sampierre!

"Depois disseram que elle te ia esposar. Que desgosto... oh! mãezinha... que desgosto... que desgosto! Chorei tres noites, sem dormir. Elle vinha todos os dias, á tarde, depois do almoço... tu te lembras, não é? Não digas nada... escuta. Tu lhe fazias doces de que elle muito gostava... com farinha, manteiga e leite... Oh! sei como se faz... Faria ainda se fosse preciso. Elle os engolia de uma vez, e depois bebia um copo de vinho... e, em seguida, dizia: "E' delicioso!" Lembras-te como dizia isso?

"Eu tinha ciumes, ciumes!... O dia de teu casamento approximava-se. Faltavam apenas quinze dias. Comecei a ficar maluca. Eu dizia: Elle não esposará Suzanna, não, não quero! A mim é que elle esposará, quando eu fôr grande. Nunca acharei outro a quem ame tanto... Mas uma noite, dez dias antes do teu contrato, passeaste com elle no jardim do castello, ao luar... e lá... sob o grande pinheiro... Henrique te beijou... beijou-te longamente... Tu te recordas, com certeza! Era provavelmente a primeira vez... sim... Estavas tão pallida ao entrar no salão!

"Eu vi: estava lá entre a folhagem. Tive uma gana! Se pudesse teria assassinado todos dois!

"Disse para commigo: Elle não esposará Suzanna, nunca! Não esposará ninguem. Eu seria muito desgraçada... E, de subito, puz-me a odial-o horrivelmente.

"Então, sabes, o que fiz?... escuta. Eu vira o jardineiro preparar bolinhas para matar os cães vagabundos. Elle quebrava uma garrafa e mettia o vidro pi-

E' um casal de gaviões que a figura representa. Em cima o macho, com um *Bem-te-vi* que acaba de caçar; em baixo a femea, que geralmente é maior que a macho. O colorido varia muito dos individuos novos para os velhos, de modo que é muito difficil a sua classificação.

cado dentro de uma bolinha de carne.

"Tirei do quarto de mamãe um vidrinho de pharmacia, triturei-o e escondi o pó brilhante no bolso. No dia seguinte, quando acabastes de fazer os doces, furei-os com uma faca e enchi de vidro os buracos... Elle comeu tres... eu tambem comi um... Atirei os outros no lago... os dous cysnos morreram tres dias depois... Lembraste?... Oh! não digas nada... ouve, ouve... Só eu não morri... mas estive sempre doente... escuta... Elle morreu... tu sabes... escuta... isto não é nada... Foi depois, mais tarde... sempre... o mais terrivel... escuta...

"Minha vida, toda a minha vida... que tortura! Eu dizia a mim propria: Não deixarei nunca minha irmã. E dir-lhe-ei tudo na hora da morte... Eis ahi. E depois, pensei continuamente neste momento; no momento em que te diria tudo... Eil-o chegado... E' terrivel... Oh! mãezinha!

"Eu pensava noite e dia, de manhã, á tarde: Será preciso dizer-lhe tudo, uma vez... Esperei... Que supplicio!... Fil-o... Não digas nada... Agora, tenho medo... tenho medo... oh! tenho medo... Se eu o fosse vêr, daqui a pouco, quando morrer... Revel-o... Sabes!... Primeiro que tu!... Não ousaria... E' preciso... Vou morrer... Quero que me perdoes. Quero-o... Não quero encontral-o sem estar perdoada... Oh! diga-lhe que me perdoe, senhor cura, diga-lhe... peço-lhe. Não posso morrer sem isto..."

* *

Calou-se. E arquejava, arranhando as cobertas com as unhas crispadas...

Suzanna escondera o rosto entre as mãos e não se movia mais. Pensava nelle que poderia ter, tanto tempo, amado! Que bella vida haveriam tido! Revia-o no velho passado para sempre extincto! Oh! aquelle beijo, seu unico beijo! Havia-o guardado na alma. E depois mais nada, mais nada em toda sua existencia!...

De repente o padre levantou-se e, de uma voz forte, vibrante, exclamou:

— Mlle. Suzanna, sua irmã vae morrer!

Então Suzanna, abrindo as mãos, mostrou o rosto sulcado de lagrimas, e, precipitando-se para a irmã, beijou-a com todas as forças, balbuciando:

— Eu te perdôo, eu te perdôo, filhinha...

Guy de Maupassant.

A MODA NO THEATRO

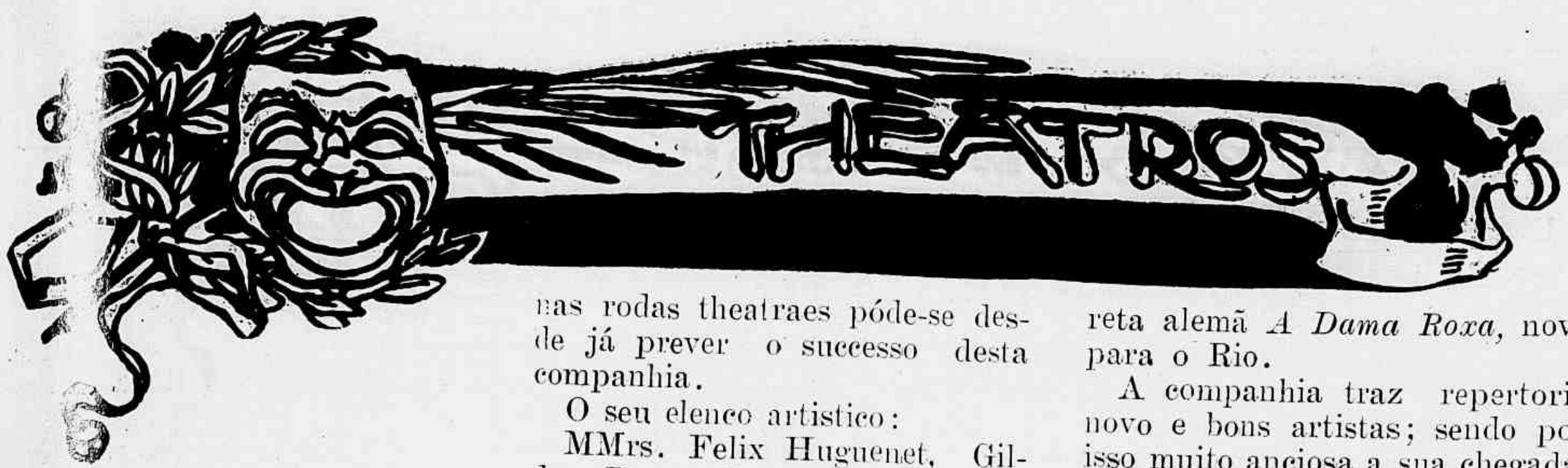
Mlle. Vera Sergine, do theatro Vaudeville.

A CÔR DAS REDES DE PESCA

A côr das redes influe de modo notavel sobre a abundancia de peixe recolhido.

Eis porque desde algum tempo se procura substituir para a pesca da sardinha a classica rede de fios amarellados por outras de côr azul.

A experiencia, nas costas da Bretanha, tem provado muito bem.



THEATRO NACIONAL — Os artistas que compunham a companhia nacional, já se acham quasi todos trabalhando em diversos theatros do centro e dos arrabaldes, a espera que os poderes publicos um dia lembrem-se de organizar o definitivo theatro nacional.

E quando isto succederá ?

Quando o Sr. Prefeito e os legisladores do largo da Mãe do Bispo quizerem.

O Sr. Prefeito, que se mostrou tão interessado na questão de theatro nacional, assim deve continuar, pois que é um dos maiores serviços que póde prestar ao Brasil.

E' no Sr. Prefeito, que os artistas, os alumnos da Escola Dramatica, os autores e os demais brasileiros interessados no theatro confiam a criação do seu verdadeiro e definitivo theatro nacional.

ZACCONI—E' amanhã, que o genial actor italiano Ermete Zacconi dará o seu espectaculo de despedida ao nosso publico.

Zacconi representará na sua despedida *Il spetros*, de Ibsen, uma das melhores peças do seu repertorio.

O nosso publico que diariamente applaude este actor tão consagrado, amanhã, mais do que nunca, o applaudirá, pedindo o seu breve regresso para nos dar novas noites de sua verdadeira arte.

COMPANHIA FELIX HUGUENET. —Felix Huguenet um dos primeiros artistas da scena francez, muito em breve estará entre nós.

Felix Huguenet vem dirigindo uma *troupe* de artistas que se destina a trabalhar no theatro Municipal.

A companhia traz um repertorio moderno e um conjuncto harmonioso.

Com o celebre actor vem artistas de real valor.

Pelo enthusiasmo que corre nas rodas theatraes póde-se desde já prever o successo desta companhia.

O seu elenco artistico:

MMrs. Felix Huguenet, Gildes, Rouer, Leubas, Lacroix, G. Carpenter, Aime Simon, Duvernay, G. Deyrens, Nicole, Andreal, Firmin e Dodah; Mmes. Marcele Geniat (ex-societaria da Comedie Française); Simon-Girard, Suzanne Revonne (da Comedie Française); Céliat (do Odéon); J. Taldor (do Odéon);

Mr. Felix Hugenet, o brilhante artista francez

Alcine-Leblanc, Gueret, Vareska, Nandy, Berka, Minat, *la petite* Bartout.

Repertorio: *Papá*, de Flers et Caillavet; *Sire*, Lavedan; *Le secrét de Polichinelle*, Wolff; *La Bascule*, Maurice Donnay; *Le Foyer*, Mirbeau et Natanson; *La Robe Rouge*, Brieu; *La Famille Pontiquet*, Bisson; *Papillon dit lyonnais le juste*, Benière; *Le chant du cygne*, Douval et Roux; *L'Habit Vert*, De Flers e Caillavet; *Les petits*, Nepoty; *La Gamine*, Weber; *Les Flambeaux*, Bataille; *Le petit lord*, Lerman et Schurman; *Un conseil judiciaire*, Bisson; *Le voyage de Mr. Perrichon*, Labinche; *L'Idée de Françoise*, Gavault; *La folle enchére*, Bernard; *Les Marionettes*, Wolff.

COMPANHIA GOMES E GRIJO' — Esta companhia embarcou no dia 30 de Maio, no Porto, com destino a esta capital, onde deve estreiar em 13 do corrente, no Recreio, com a opereta alemã *A Dama Roxa*, nova para o Rio.

A companhia traz repertorio novo e bons artistas; sendo por isso muito anciosa a sua chegada.

O seu repertorio é o seguinte: operetas: *Manobras de outamno, Mulher Moderna, Soldado de chocolate, Eva, Sacrificio de Arabão, Sangue creoulo, S. M. Diverte-se, Dominó lilaz, Querido Agostinho, Menina de automovel;* revista: *E' p'ra já*; magica *Atraz de uma orelha*; opera-comica: *A Bohemia* e outras.

Elenco: Sras. Elsy Ruline, soprano ligeiro; Ilda Ferreira, Carmen Osorio, Irene Gomes, Emilia Neves, Alice Figueira, Sophia Santos, Encarnação Fernandes; Srs. Antonio Mendes, Antonio Gomes, Chaby Pinheiro, Grijó, Amadeu Ferreira, Garcia Vasco Peixoto, Helbeck Bastos, Ignacio Gemenez e muitos outros. 10 bailarinas e 28 coristas de ambos os sexos.

CHANTECLER — A interessante opereta em 3 actos *O diabinho de saias*, da qual o Sr. Olympio Nogueira é autor da musica e do poema, teve a sua *reprise* na sexta-feira passada neste elegante theatrinho.

E' dispensavel fazermos a apreciação. *O diabinho de saias* é bastante conhecida do publico, já foi levada á scena no theatro Rio Branco.

O seu desempenho foi o seguinte:

A Sra. Conchita Escuder, elegante e graciosa, interpretou a protagonista com todas as exigencias.

A Sra. Marianna Soares fez todo o esforço para bem interpretar a "Corina", mas foi debalde, é muito fraca e não póde tomar papeis desta ordem.

As Sras. Candelaria Couto e Alvina Leitão, a contento.

O Sr. Olympio Nogueira, feliz autor da opereta, fez o "Epiphanio" com muita graça, merecendo justos applausos.

O Sr. Brandão no "Caipira" foi bem.

Os Srs. Silveira, Coimbra e Horacio agradaram.

O guarda-roupa e os scenarios bons.

ROYAL-THEATRO — O Sr. Romualdo de Figueiredo organizou para trabalhar neste theatro uma *troupe* composta dos melhores elementos ora disponiveis. Entre estes elementos destaca-se o Sr. Carlos Abreu que fez parte da companhia dramatica nacional onde fez diversas e boas creações.

Esta companhia vae explorar nos suburbios o repertorio moderno.

A estréa da *troupe* será hoje com o drama em 4 actos, de J. Aicard, *Papá Lebonnard.*

LYRICO — A companhia allemã despediu-se no dia 5 com a opereta *A viuva Aleare.*

Hontem estreiou neste theatro a Companhia Vitale com a opereta *La piccola amica,* representada pela primeira vez nesta Capital.

RECREIO — *A menina de chocolate.*

APOLLO — Foi hontem á scena a revista portugueza *Cócórócó.*

CARLOS GOMES — *Braga por um canudo.*

S. JOSE' — *E' chapa,* subiu hontem á scena neste theatro.

RIO BRANCO — *Cá e lá.*

PALACE-THEATRE — Importantes estréas.

COLYSEU — Programma variado.

Telesphoro Junior.

SCENAS CASEIRAS

— Manuel, deixei uma carta aqui e não a encontro.

— Botei-a no correio, patrão.

— Mas, se não tinha endereço !

— Pensei que fosse uma carta anonyma...

Entre as justas homenagens prestadas á memoria do Dr. Pereira Passos, o grande reformador desta cidade, foram distribuidos por accasião das ceremonias funebres, retratos do saudoso engenheiro, mandados imprimir pela sociedade de pensões, peculios e dotes "A Carioca", que dos mesmos nos mandou um exemplar.

ENGHIEN

RESTAURANTE DE PRIMEIRA ORDEM

A DEZ MINUTOS DE PARIS

ESTABELECIMENTO THERMAL
Aguas sulfurosas

TEMPORADA: DE ABRIL A OUTUBRO

GRANDE CASINO MUNICIPAL, O MAIS LUXUOSO DO MUNDO

Theatro — Concerto — Lago — Embarcações — etc.

TODAS AS ATTRACÇÕES DOS LOGARES BALNEARIOS

A Moda

AS ELEGANCIAS FLUMINENSES

As mulheres brasileiras são um conjuncto de mimo e graça, têm toda a linha elegante e civilisada das européas, com aquelle encanto especial das filhas das regiões tropicaes.

Os motivos que levam muitos estrangeiros visitar a estrella brilhante do sul, o Rio de Janeiro, é além da curiosidade do *touriste* a do espirito de aventura que conduz a estas serras prendadas pela natureza.

A carioca de linha fidalga e de porte tem a expressão de uma figura que indica toda a tradicção da raça que recebem nos seus salões, em saráos e reuniões das grandes personagens, sendo ella propria acolhida com as regras palatinas do cerimonial das grandes cidades.

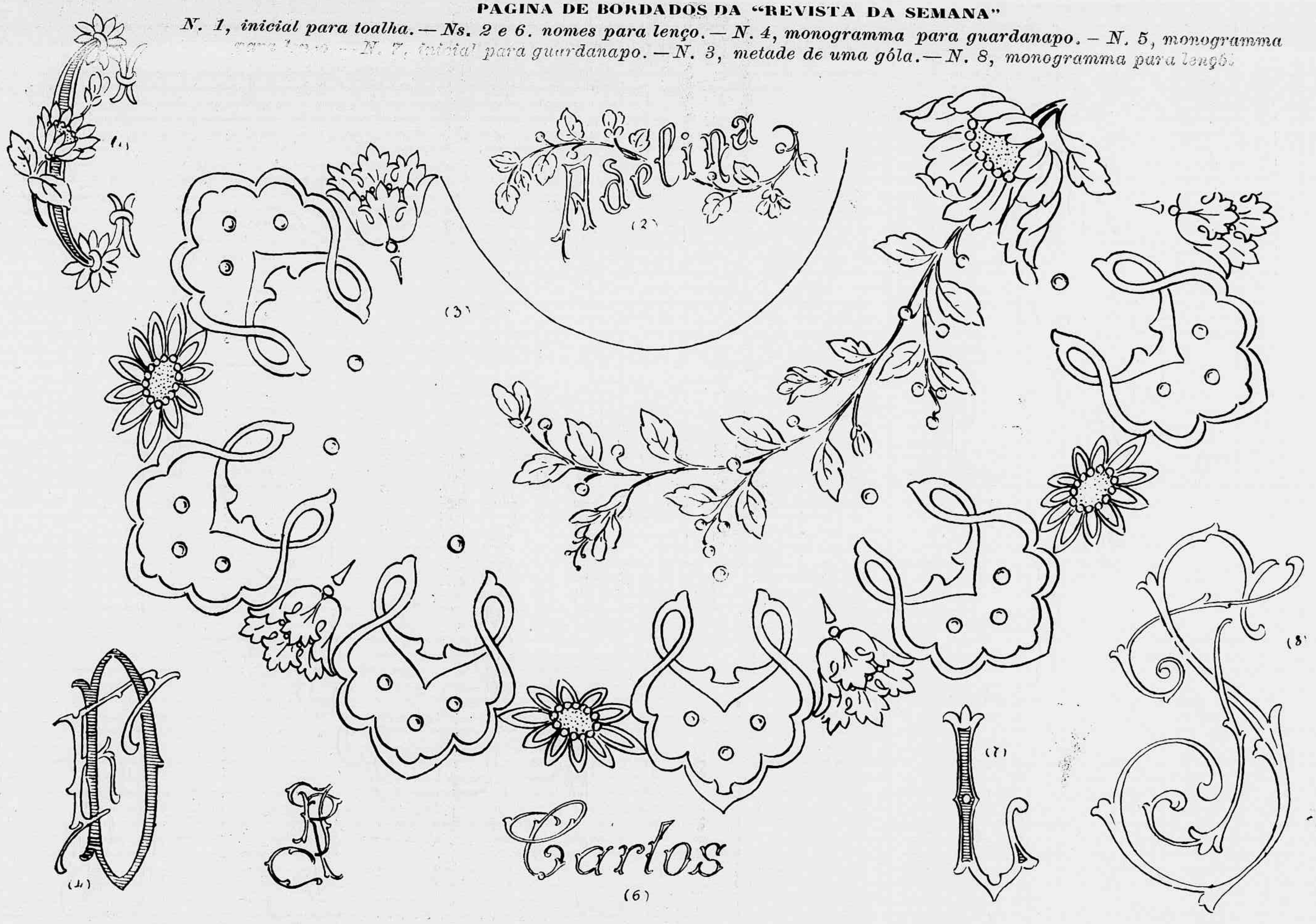
Parallelisando com essas naturaes maneiras as suas normas de arte, os gostos, as predilecções parisiense, encontram-se na elegante fluminense.

A mulher brasileira é um conjuncto de mimo e graça.

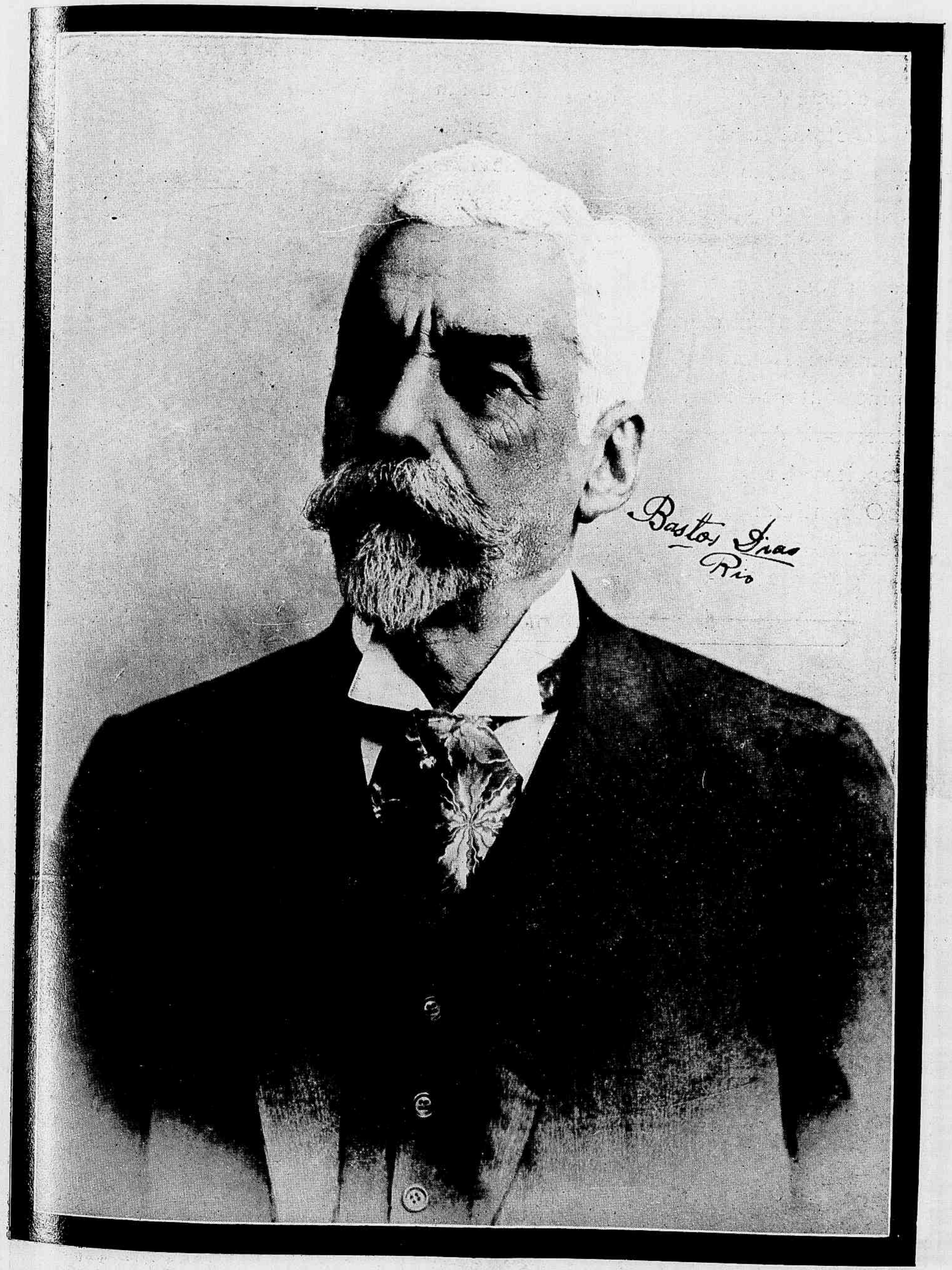
NÃO SINTAM, Senhoras, a falta das virtudes da lendaria Fonte de Juvencia. Os mesmos effeitos encontrarão no emprego constante do **Creme Simon**, que faz desapparecer rugas, manchas, eczemas, e torna a cutis sã e limpeza, conservando em uma palavra a belleza da pelle. Empregando com o **CREME** o **PO' DE ARROZ** e o **SABÃO SIMON**, terão durante toda a vida a tez da côr dos lyrios e das rosas. Tomem, porém, cuidado com as imitações e falsificações, que produzem um effeito diametralmente opposto.

PAGINA DE BORDADOS DA "REVISTA DA SEMANA"

N. 1, inicial para toalha. — Ns. 2 e 6. nomes para lenço. — N. 4, monogramma para guardanapo. — N. 5, monogramma para lenço. — N. 7, inicial para guardanapo. — N. 3, metade de uma góla. — N. 8, monogramma para lençol.



O SORTIMENMO DE CONFECÇÕES CHICS, tunicas, manteaux, vestidos, blusas de seda, costumes de lã e tecidos modernos para a presente estação com que
"A' BRZILEIRA"
inaugurou a sua exposição de inverno é sem contestação possivel :
O PRIMEIRO
EM MODELOS
ORIGINAES
SEM IGUAL EM
BOM GOSTO E
VARIEDADE
DE ESCOLHA
SEM RIVAL
EM MODICIDADE
DE PREÇOS
Visitem «A' BRAZILEIRA» e terão a prova desta affirmativa.
Peçam o nosso catalogo de inverno, do qual destacamos os dois presentes modelos :
Manteau de casimira, confecção elegante e bem acabada..... 51$000
Vestido genero tailleur em sarja ou setim de lã, modelo de ultima novidade..... 68$000
Largo de S. Francisco de Paula



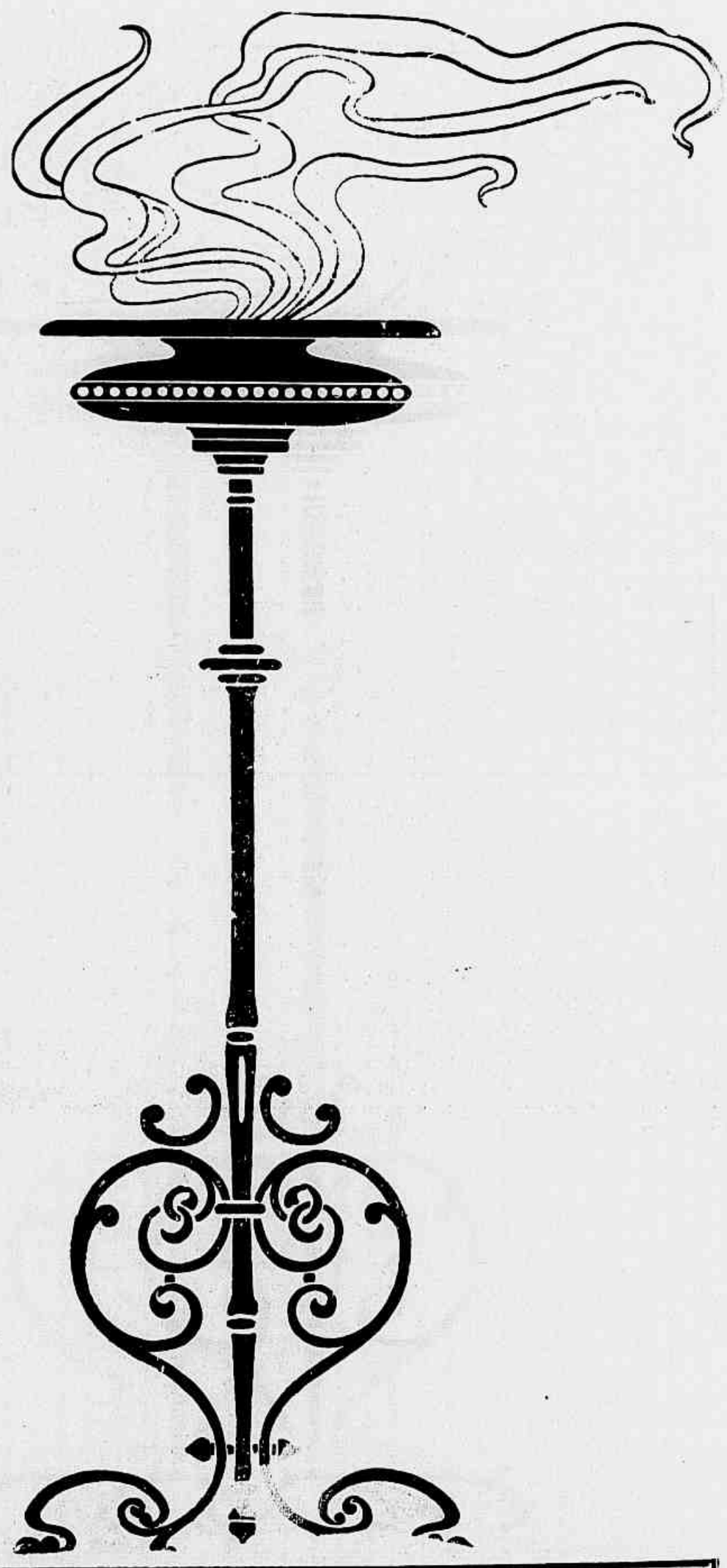
DR. FRANCISCO PEREIRA PASSOS

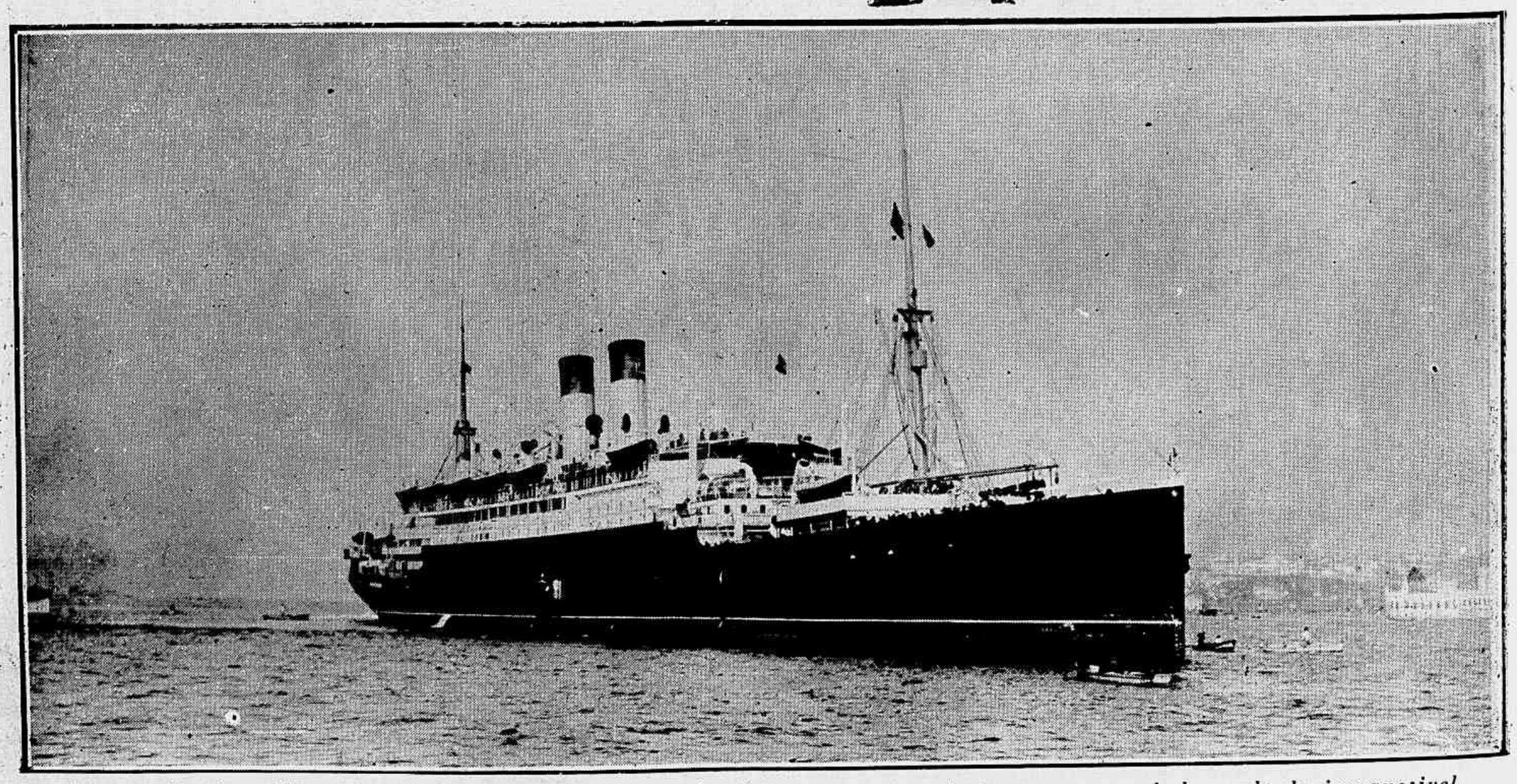
Dr. Pereira Passos

A cidade do Rio de Janeiro praticou um grande acto de Justiça e de bellissimo sentimento de gratidão recebendo com as devidas homenagens o corpo do seu inesquecivel transformador, ex-Prefeito Dr. Francisco Pereira Passos.

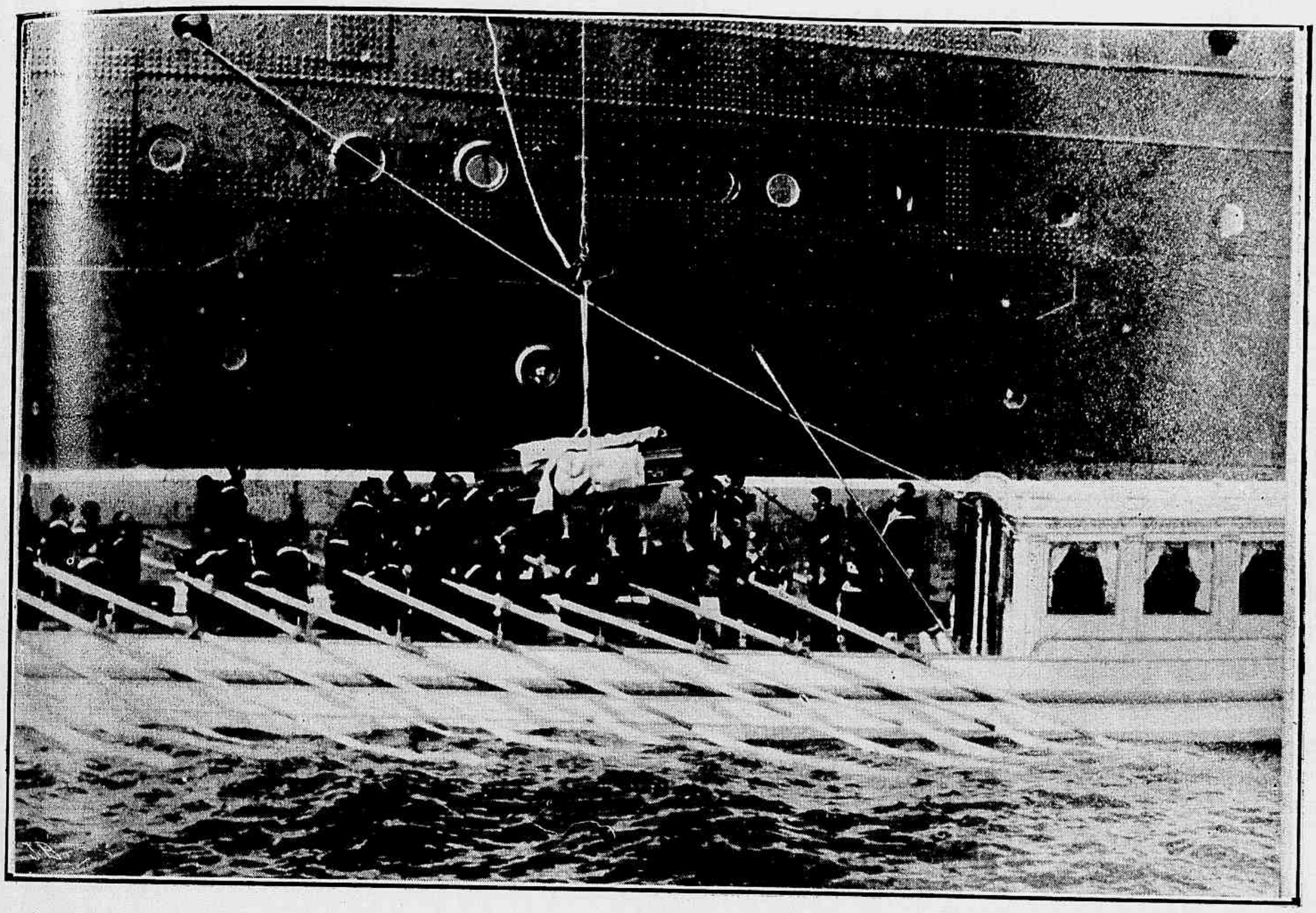
Pode-se dizer mesmo que foi essa uma das raras vezes em que o sentimento popular dominou intenso e em absoluto, imprimindo a ceremonia dessa ordem um cunho solemne respeitavel.

O sentimento publico era profundo e sincero.

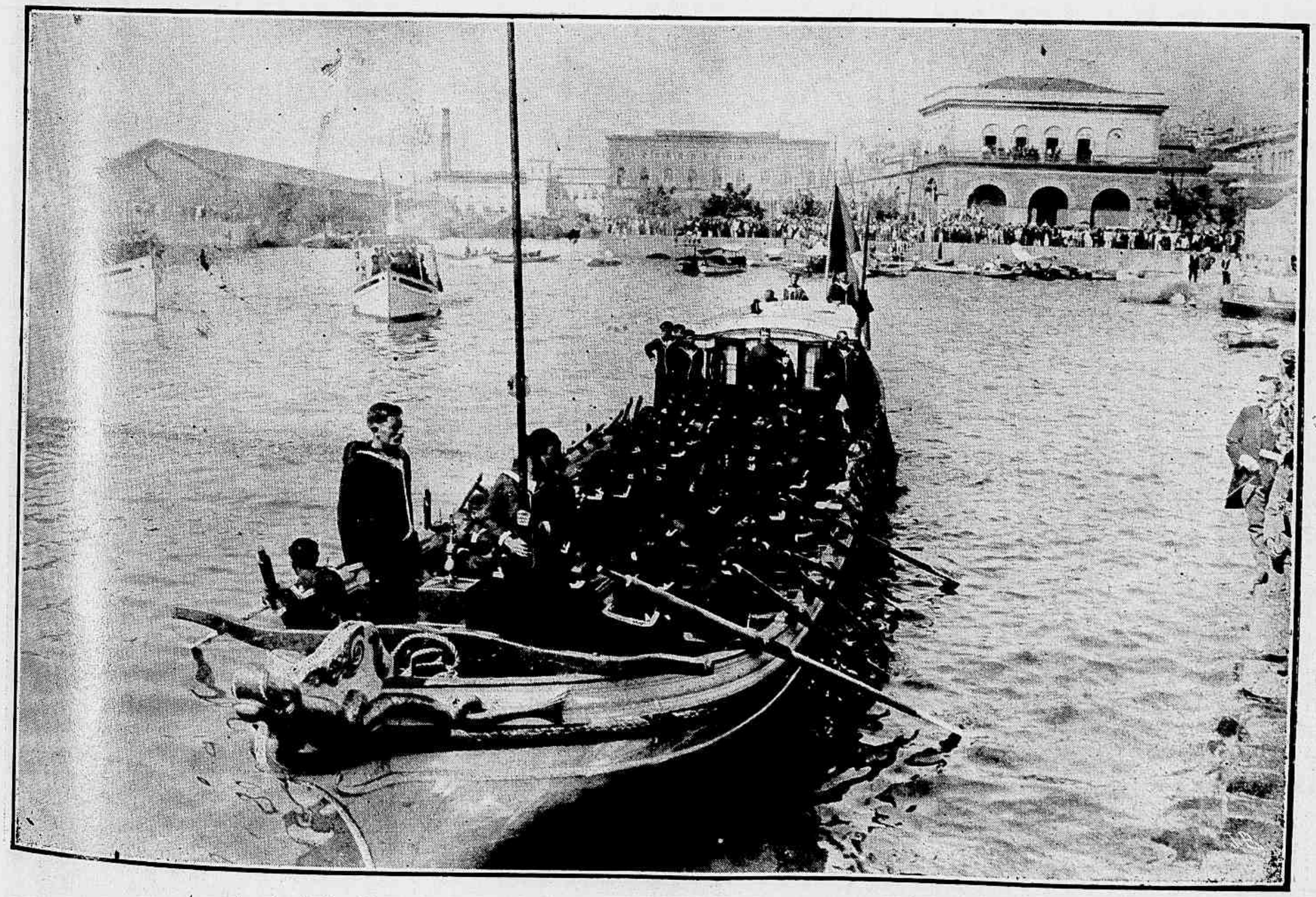




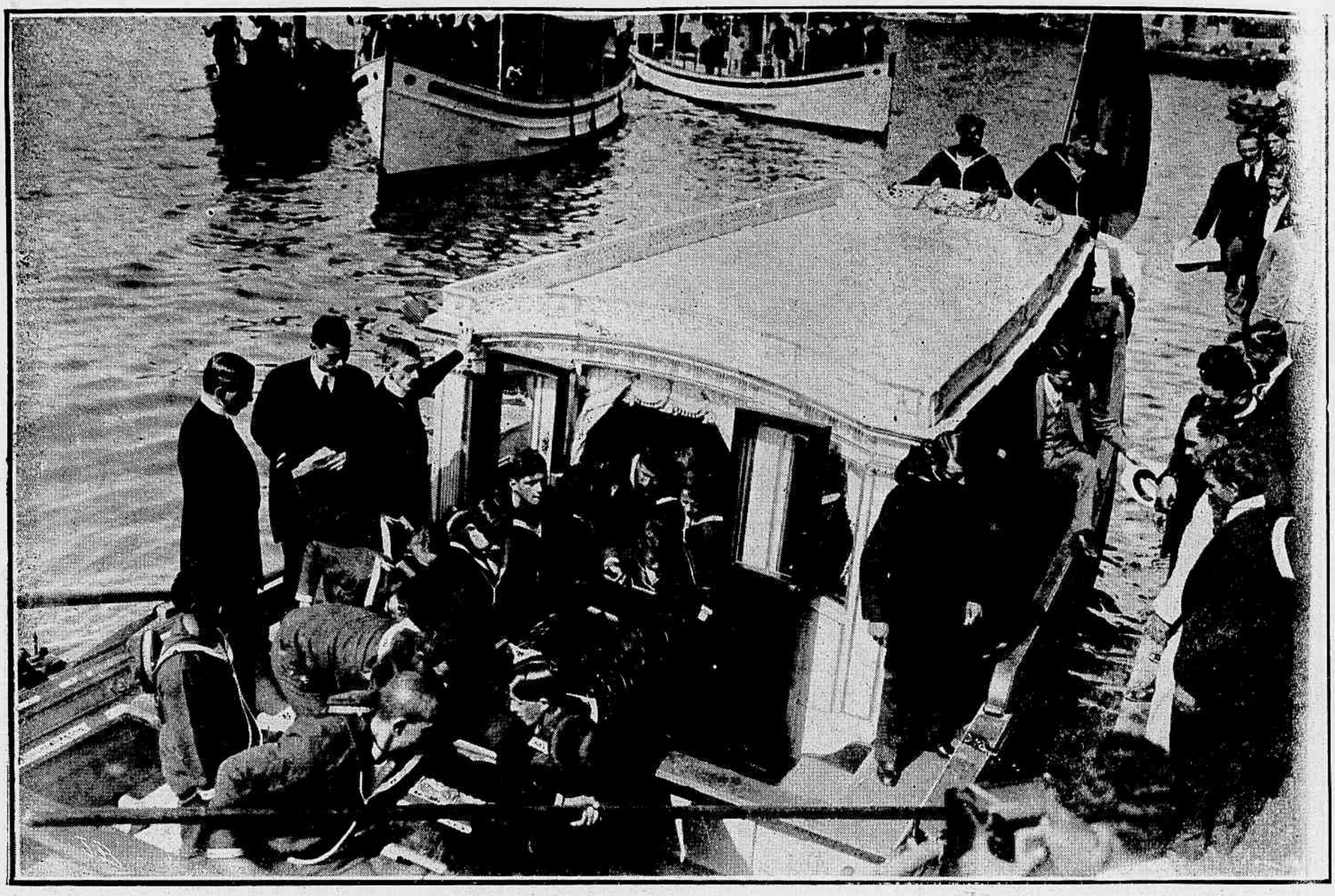
O transatlantico "Cap Finisterre" que trouxe, a seu bordo, em camara ardente, o corpo embalsamado do inesquecivel Dr. Francisco Pereira Passos, ex-Prefeito desta cidade



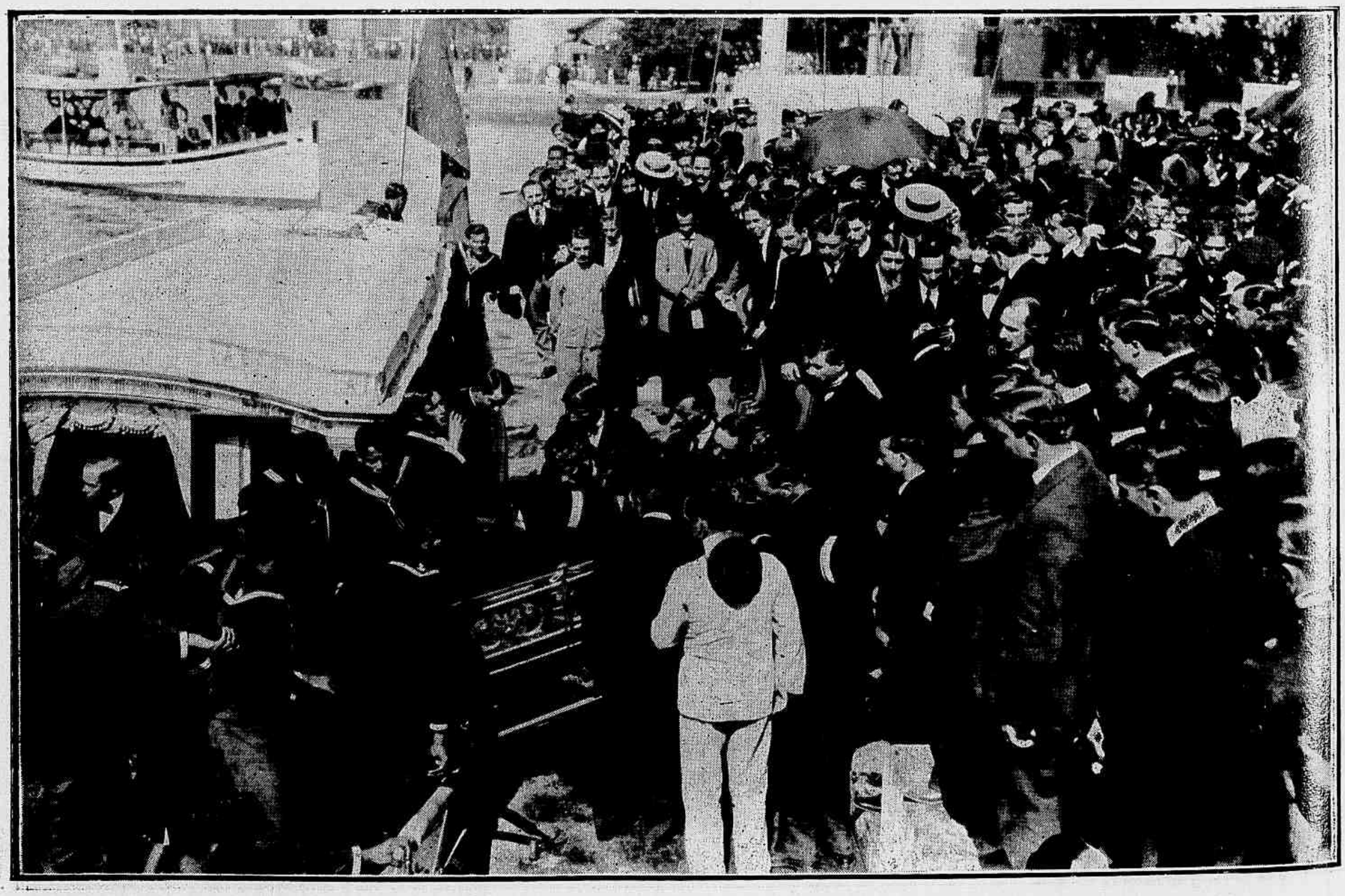
A galeota "D. João VI" encostada ao transatlantico "Cap Finisterre" e recebendo o caixão funerario com o corpo embalsamado do venerando brasileiro



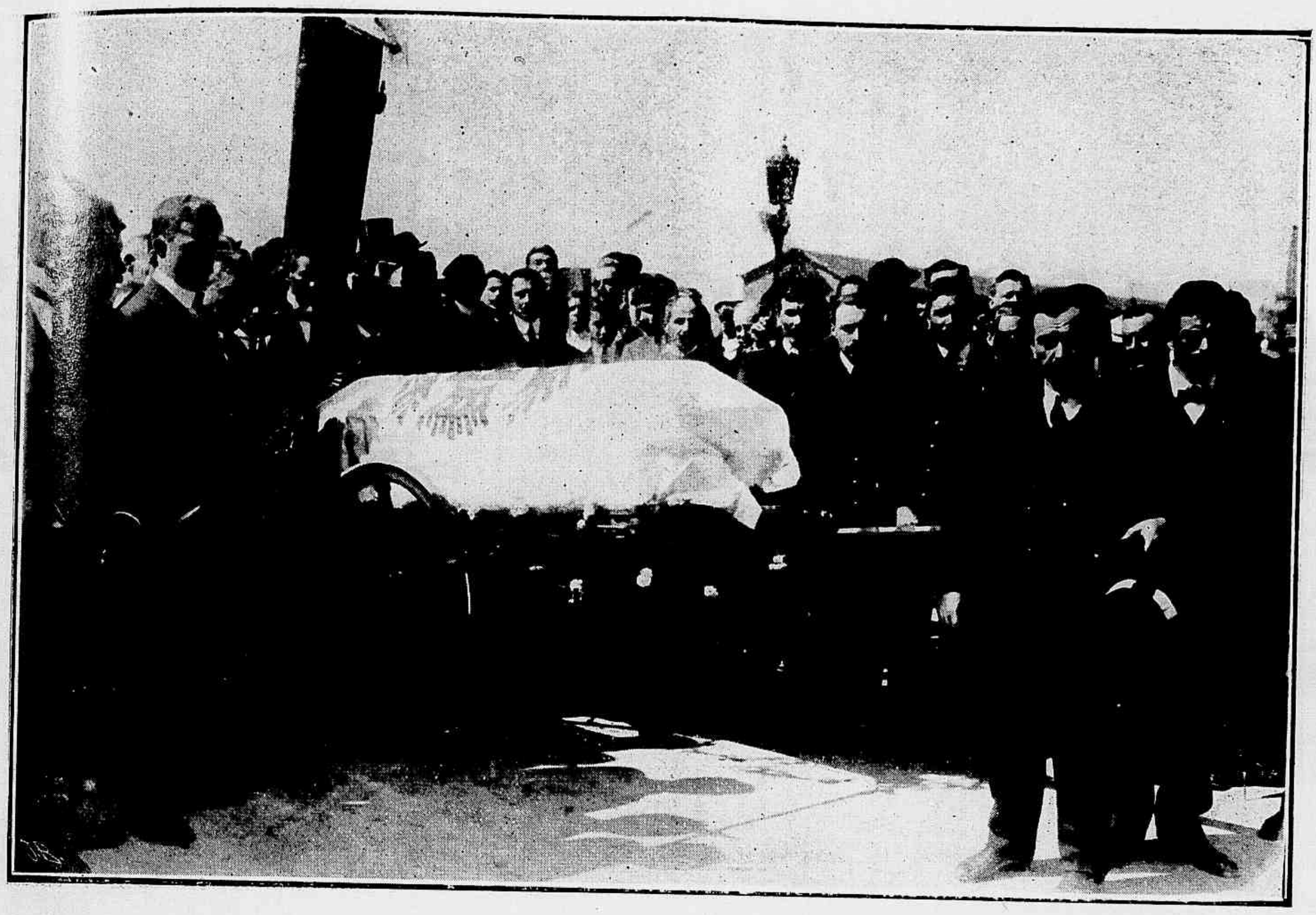
A galeota "D. João VI" approximando-se do cáes do Arsenal de Marinha



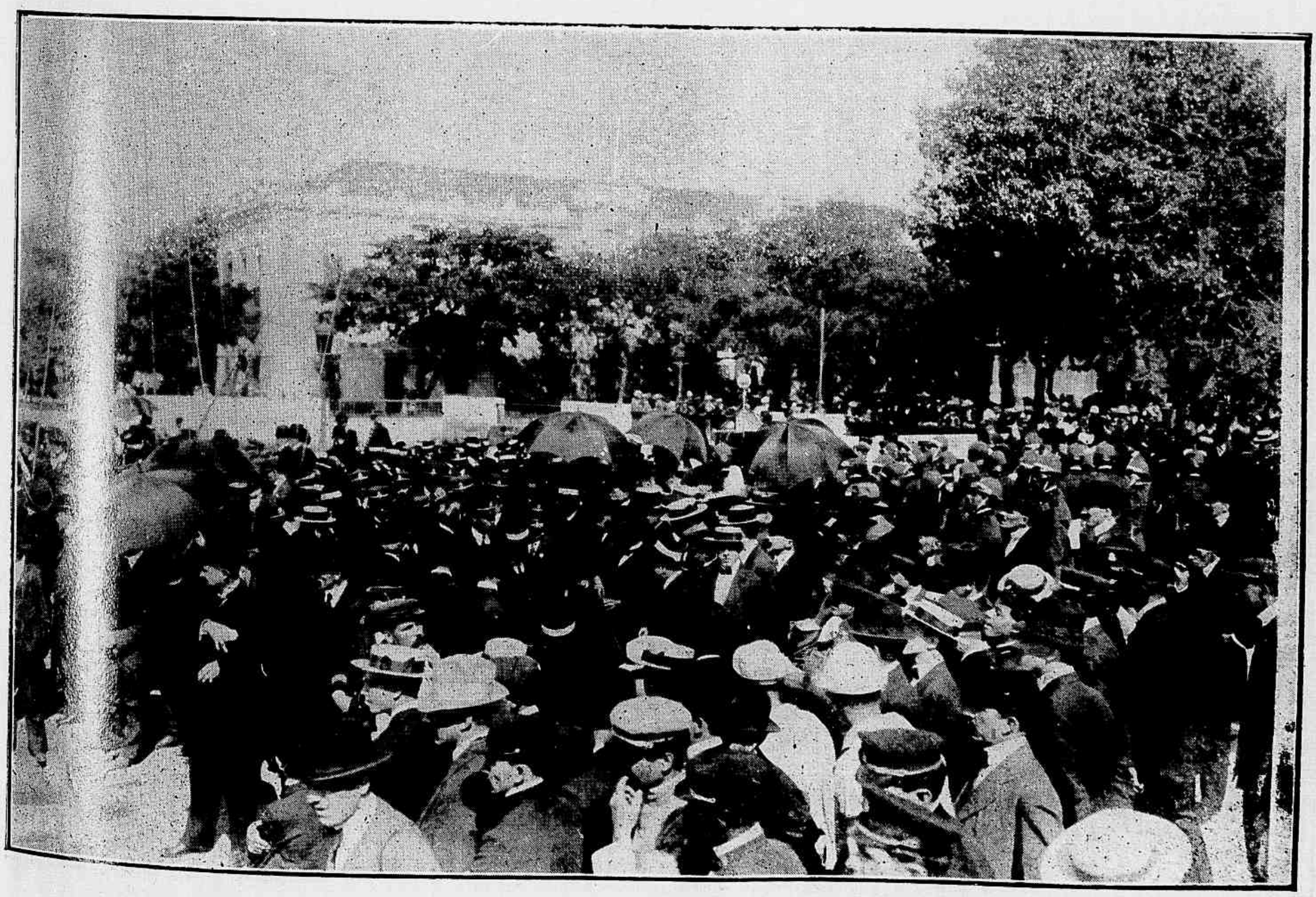
A galeota "D. João VI" atracando ao cáes do Arsenal de Marinha, da qual estão retirando os despojos mortaes do ex-Prefeito



O caixão contendo o corpo embalsamado do remodelador da nossa cidade, desembarcando no cáes do Arsenal de Marinha



O caixão no Arsenal de Marinha

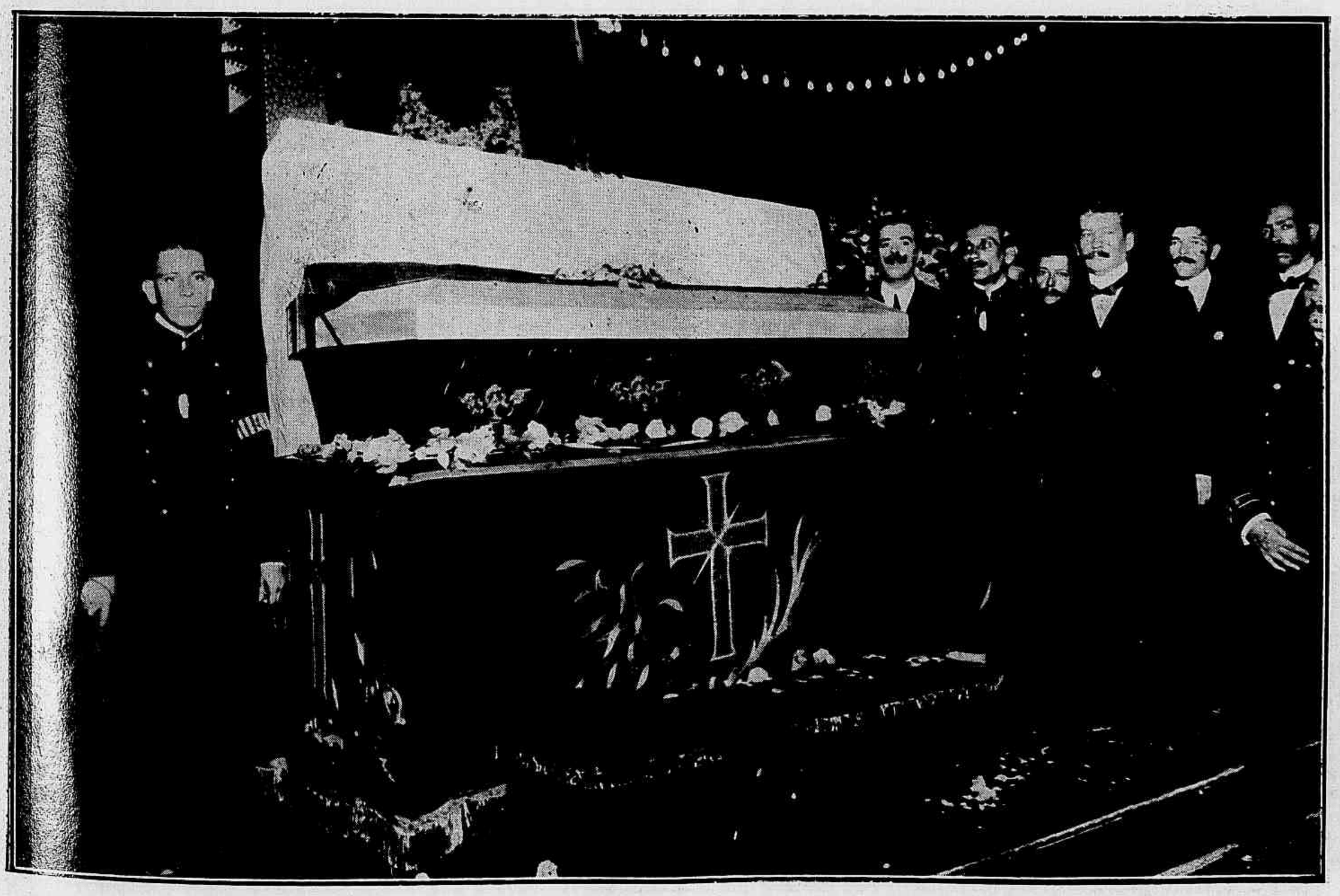


O povo aglomerado no pateo do Arsenal de Marinha

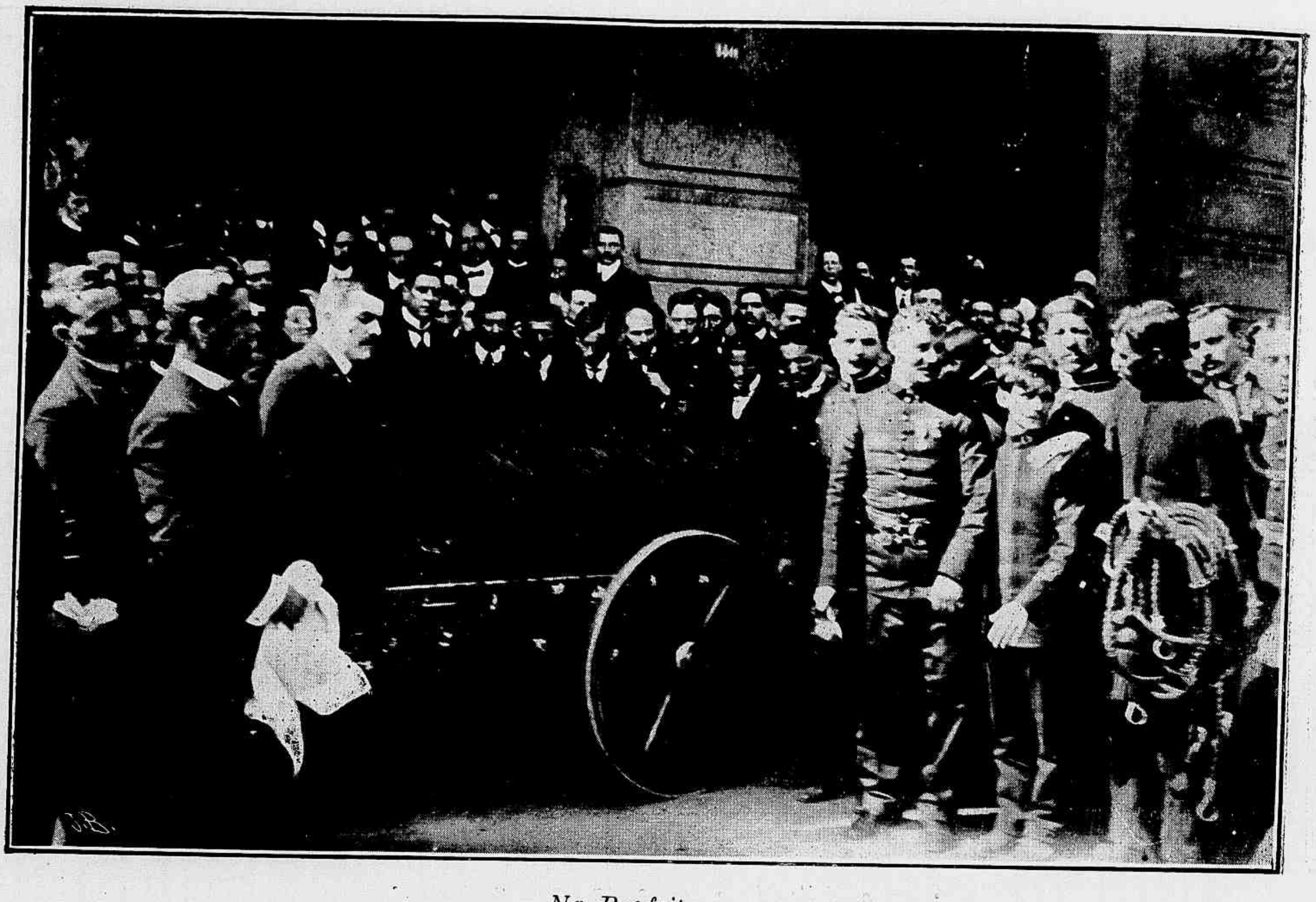
O prestito funebre na Avenida Rio-Branco

Na Prefeitura

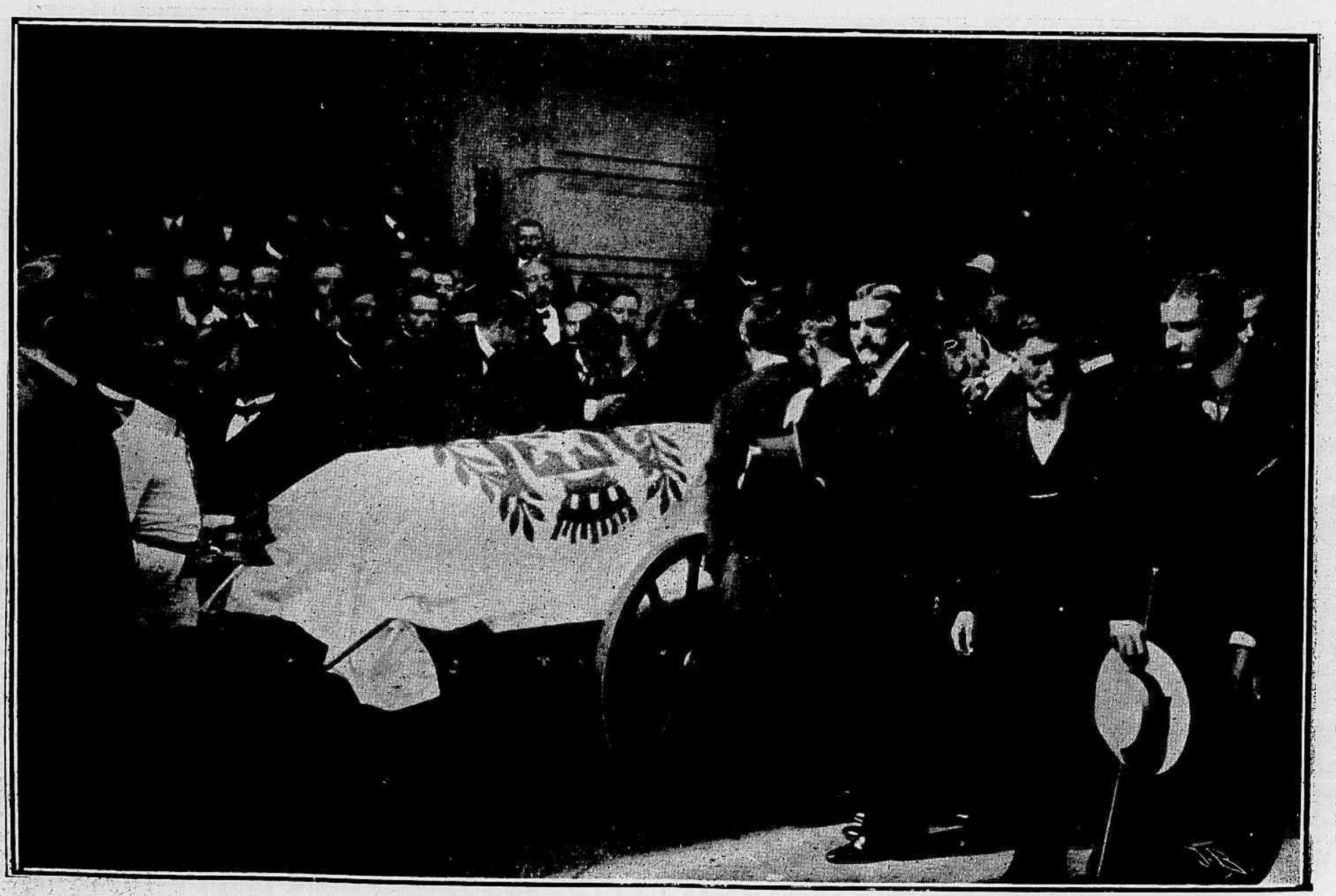
O povo visitando o corpo na camara ardente



O caixão mortuario na camara ardente

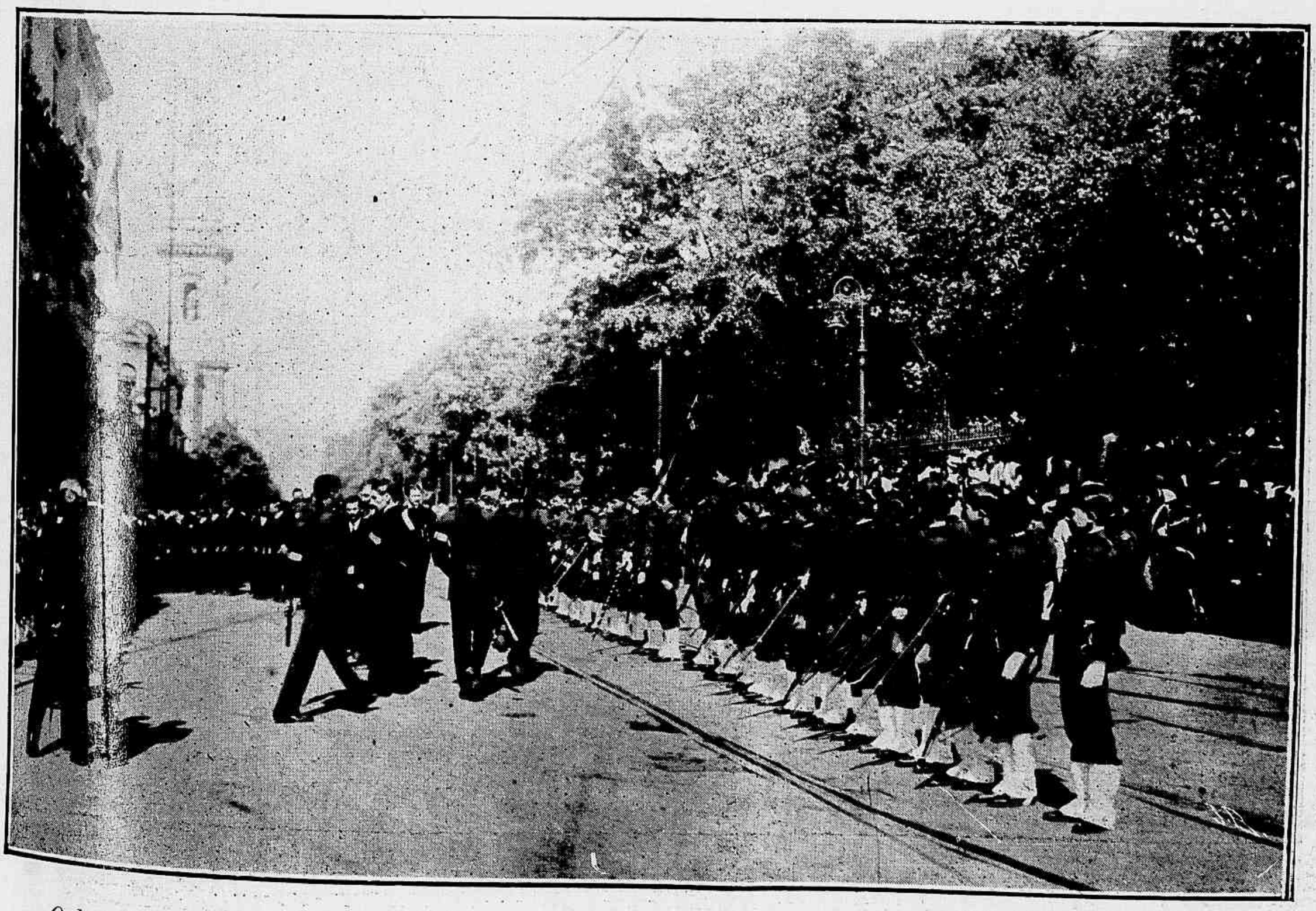


Na Prefeitura



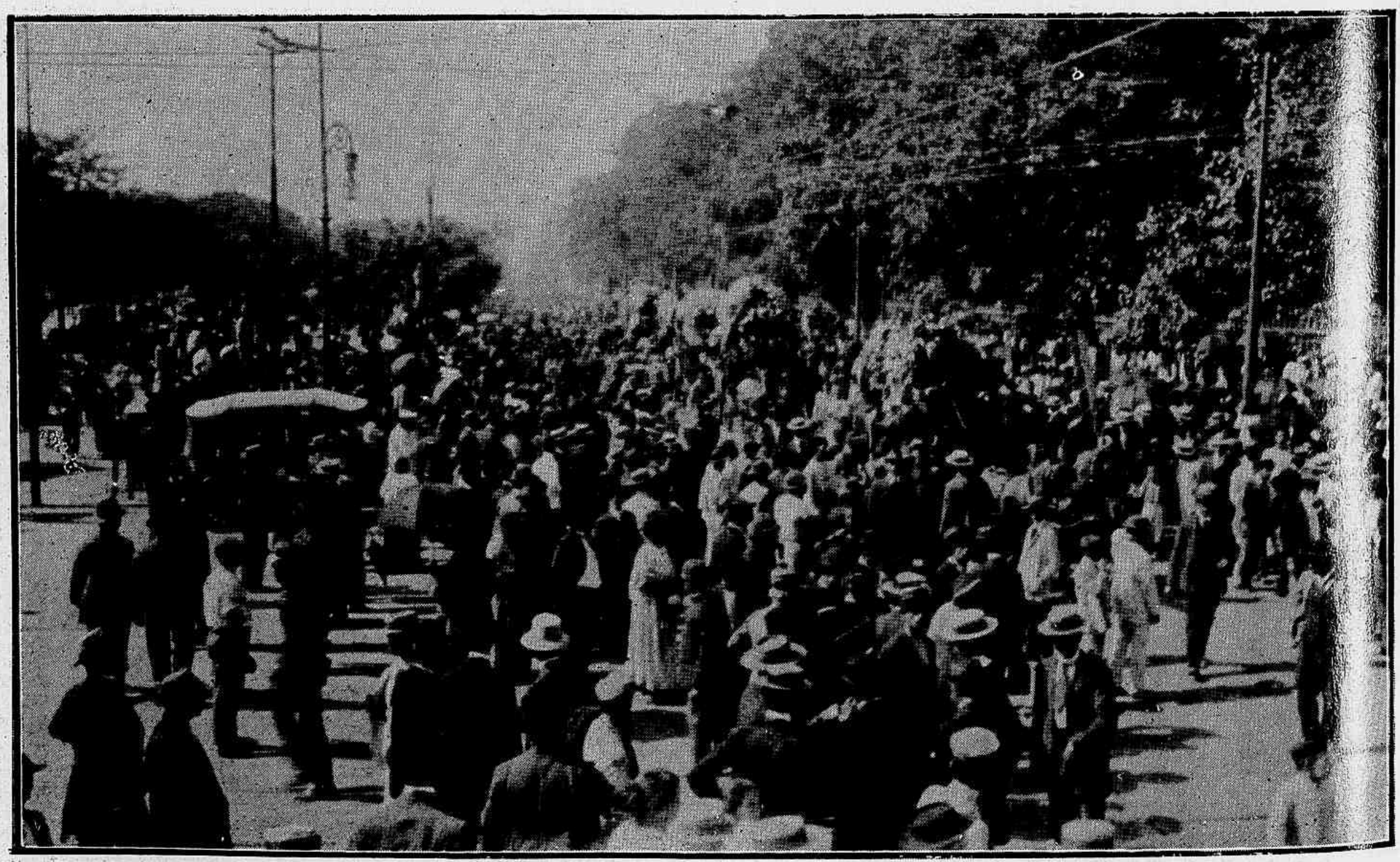
O caixão coberto com a bandeira da Prefeitura

A formação do prestito



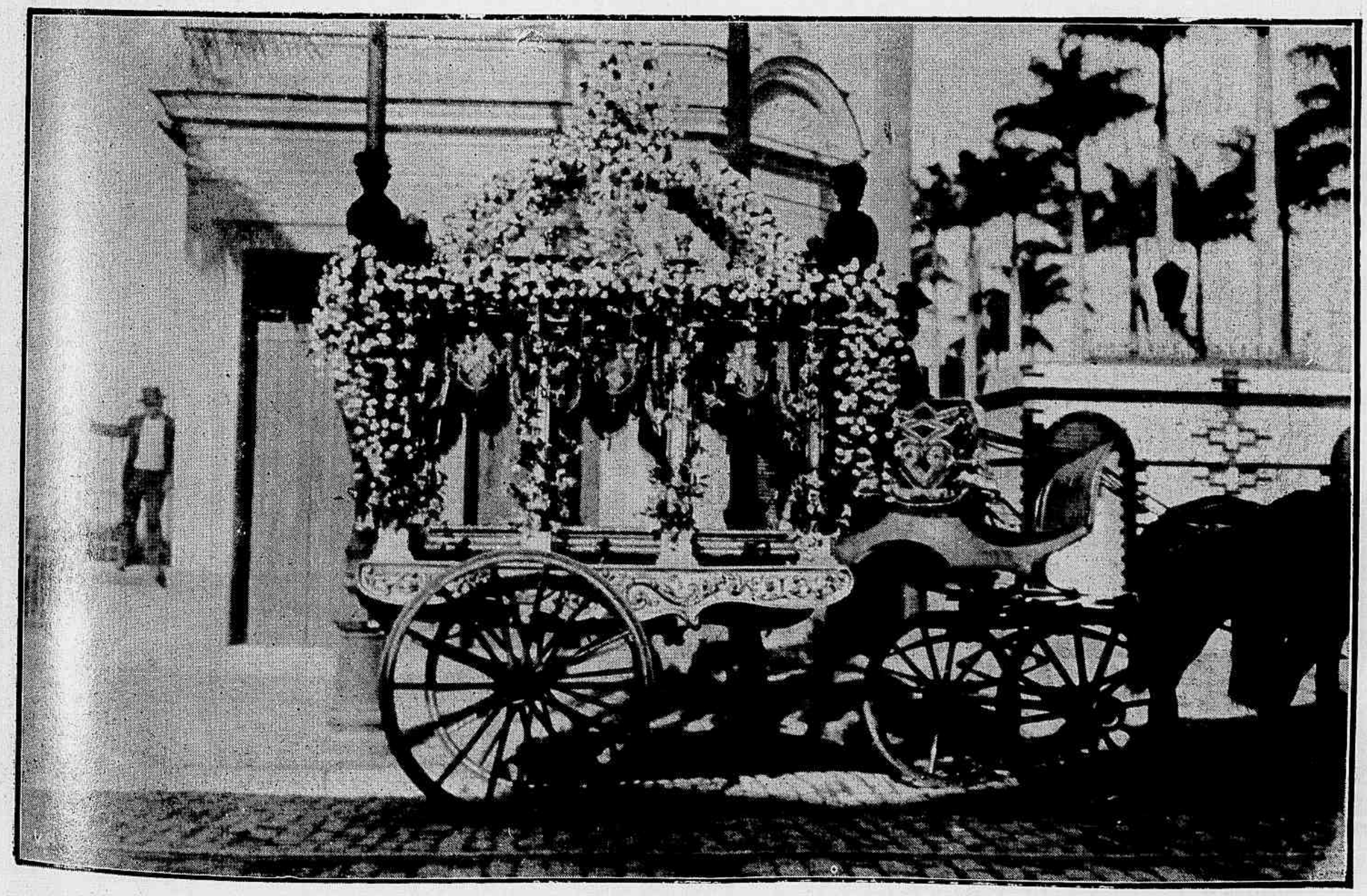
O batalhão do Instituto Profissional Masculino, prestando as derradeiras honras ao corpo do illustre morto

O prestito funebre pondo-se em movimento

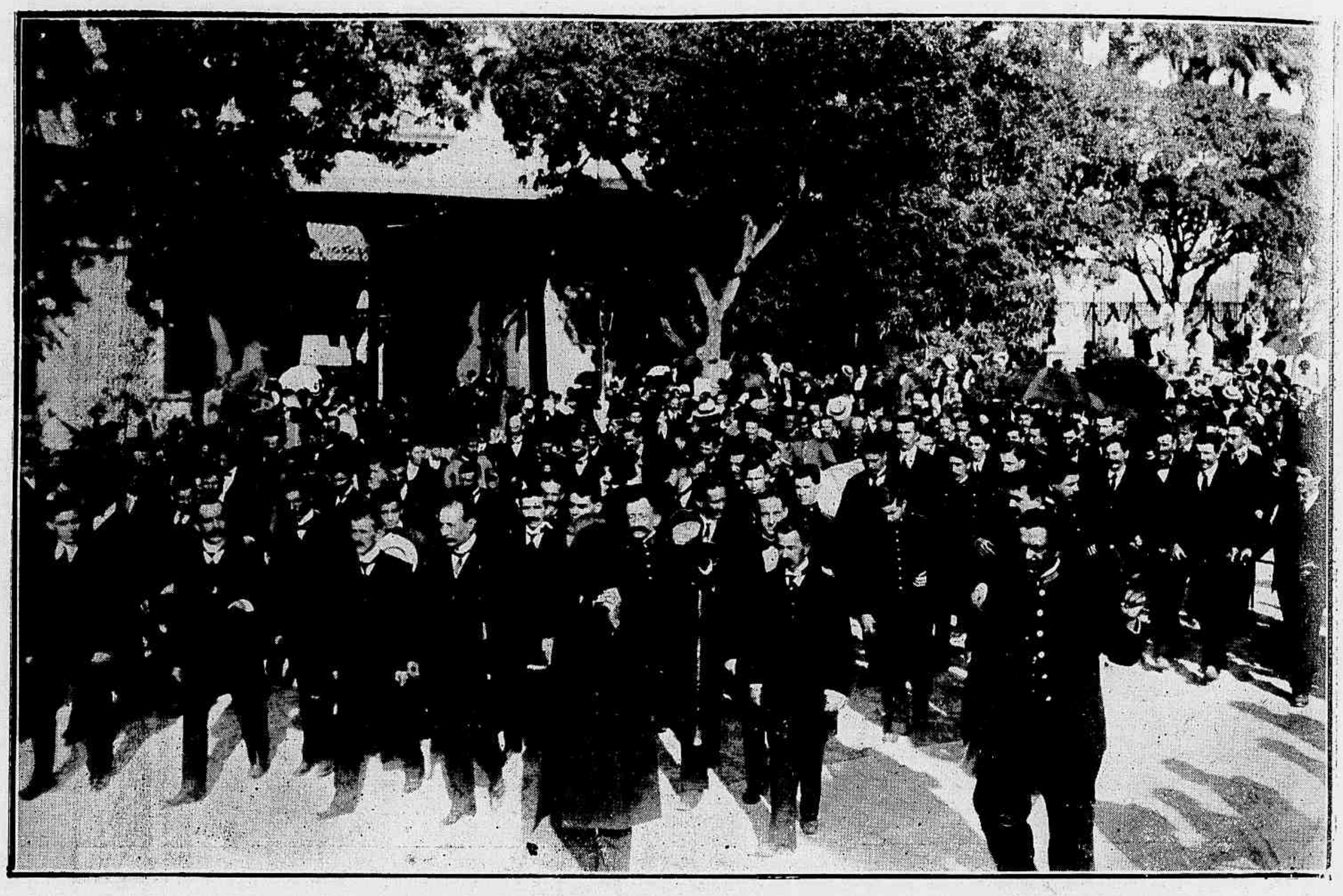


A massa popular na praça da Republica, aguardando a sahida do corpo do edificio da Prefeitura

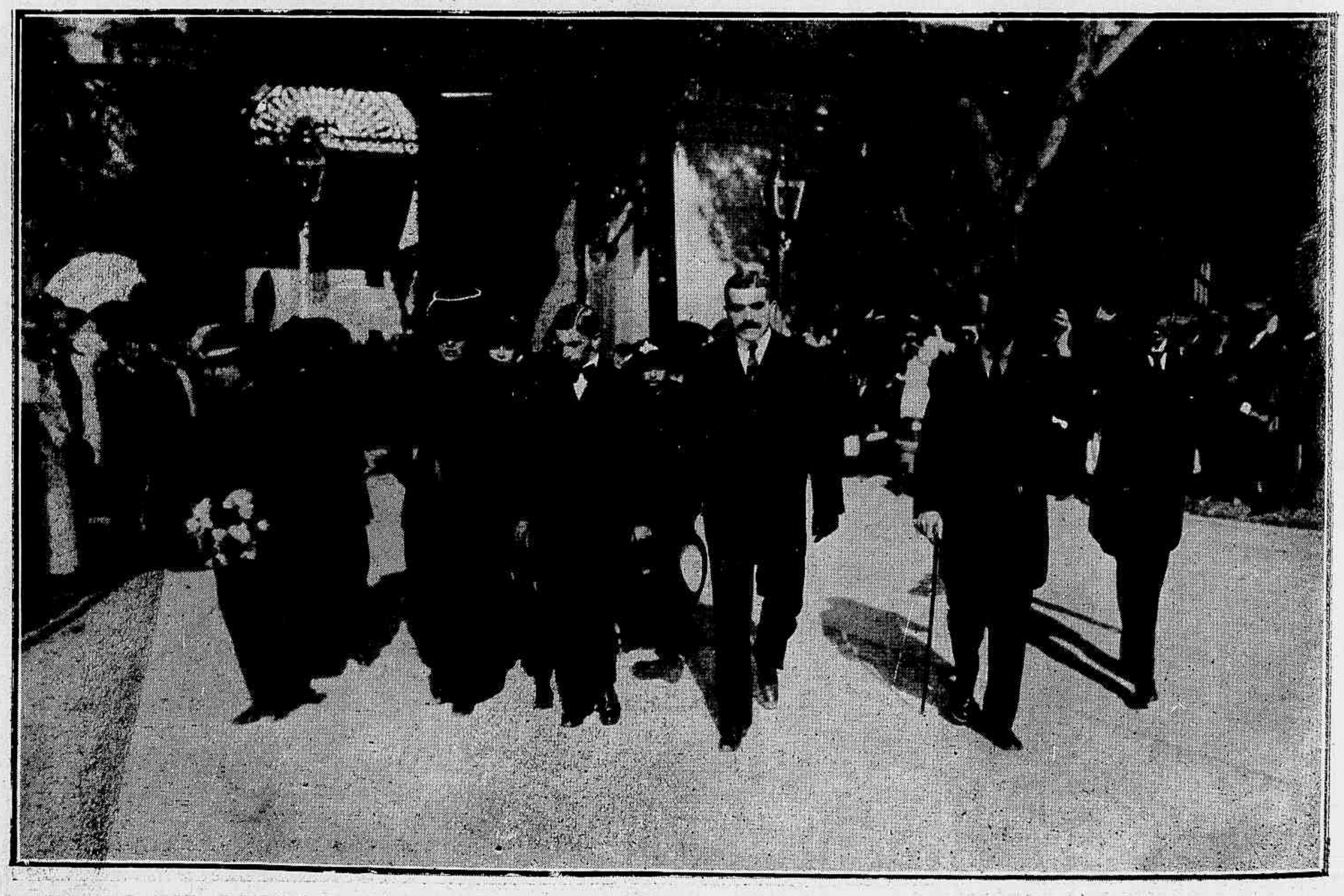
O prestito funebre na Avenida do Mangue



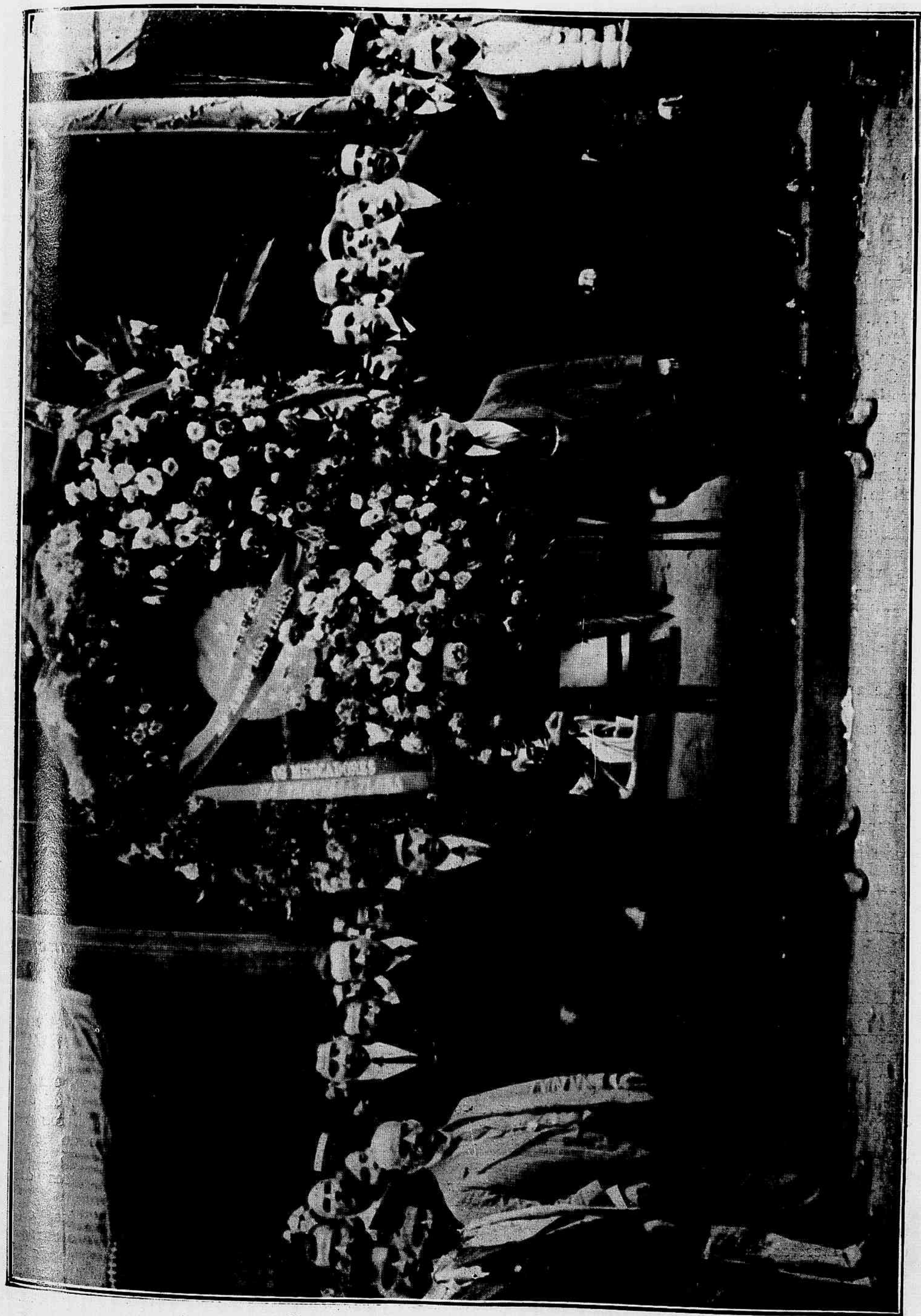
O carro funebre á porta do cemiterio



O corpo entrando no cemiterio



A familia do illustre morto no cemiterio



A corôa que o Mercado das Flores depositou no tumulo do Prefeito Passos.

CALINADAS

Calino foi servir de copeiro em casa do Barão X.

Depois de receber as ordens do mordomo, o nosso pandego segue para as bandas da cozinha, passando naturalmente pela sala do engommado e vê a engommadeira cuspir no ferro.

Encabulado com o caso, pergunta-lhe:

— Não me dirá a senhora porqle cospe no ferro ?

— E' para ver se está quente.

— Ah ! sim !... E' boa idéa é !...

A' tarde chega o Barão e senta-se com a fiamilia á mesa...

Calino, então, correctamente vestido, guardanapo ao braço, entra com a sopa no momento em que o Barão se propõe fallar em politica, na Colligação, no civilismo e quanta cousa por ahi existe.

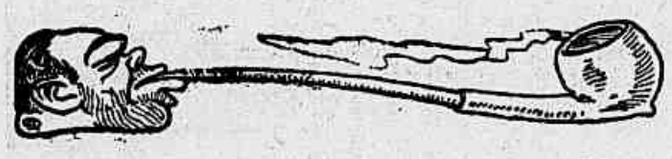
A senhora, porém, que é pinheirista a valer; que deixou de comer queijo de Minas só porque os mineiros, enbirrando com o todo marcial do vencedor do Gumercindo, não o quizeram para candidato, replicou contrariada:

— Deixemos isso para logo, meu amigo, e vamos á sopa, que póde arrefecer...

— Ah ! não tenha duvida, minha senhora, diz o eterno imbecil, está muito quente, até; e senão veja V. Ex...

E assim fallando, destapa a sopeira e pespega-lhe dentro uma cusparada....

X.



COMO SE EVITA QUE ENTREM MOSCAS EM CASA

Numa communicação de Mr. Spence á Sociedade Entomologica Franceza está consignado que mesmo deixando abertas as janellas pode-se evitar a entrada das moscas em casa, bastando estender redes de côr clara com malhas grandes, até de uma pollegada cada uma.

Apezar de não haver obstaculo material para a entrada destes insectos, elles não se aventuram a atravessar a rede. E' preciso, porém, que a rede receba luz só por um lado. Se a mosca vê luz do outro lado da rede, atreve-se a passar.

Mr. Spence fez esta observação nas visinhanças de Florença e a pratica já vinha dos frades da Verna. Herodoto, livro II, capitulo 95, conta que os pescadores do seu tempo, quando dormiam ao relento e queriam livrar-se desses incommodos insectos, cobriam-se com as redes de pescar e apezar da largura das malhas as moscas não passavam.

A corôa da Prefeitura depositada no tumulo do Dr. Francisco Pereira Passos

A MACHINA HUMANA

O coração humano, diz um conceituado physicologista inglez, é uma pequena bomba com uns 15 centimetros de altura, 7 de largura, e que funcciona vezes por minuto, 4.203 por hora, 100.800 por dia e 36.792.000 por anno.

A cada pulsação lança, em media, umas cem grammas de sangue na circulação, 7 litros por dia. Todo o sangue do corpo, que são, no maximo, 25 litros, passa cada dous ou tres dias pelo coração.

Segundo estes calculos, conclue-se que a força que o coração humano desenvolve, é capaz de levantar um peso de 46 toneladas a um metro de altura.

FALLECIMENTO

Marechal Bellarmino de Mendonça

Victima de uma «angina-pectoris», falleceu na madrugada de 28 do mez proximo passado o estimado Marechal Bellarmino de Mendonça. Ministro do Supremo Tribunal Militar e um dos vultos mais eminentes do nosso exercito.

Varios aspectos dos preparativos para a formação do prestito funebre do saudoso Marechal Bellarmino de Mendonça.

O MONOPOLIO DAS CARNES VERDES

Grupo de curiosos estacionado deante do Entreposto de S. Diogo

Alguns interessados na questão das carnes verdes, photographados no Entreposto de S. Diogo

A força de policia destacada no Entreposto de S. Diogo

NO GYMNASIO NACIONAL

Mlle. M... no exame de historia natural:

— Os animaes possuem, realmente, o sentido da affeição ?

— Sim, quasi todos.

— Qual é o animal que tem, na sua opinião, mais affeição ao homem ?

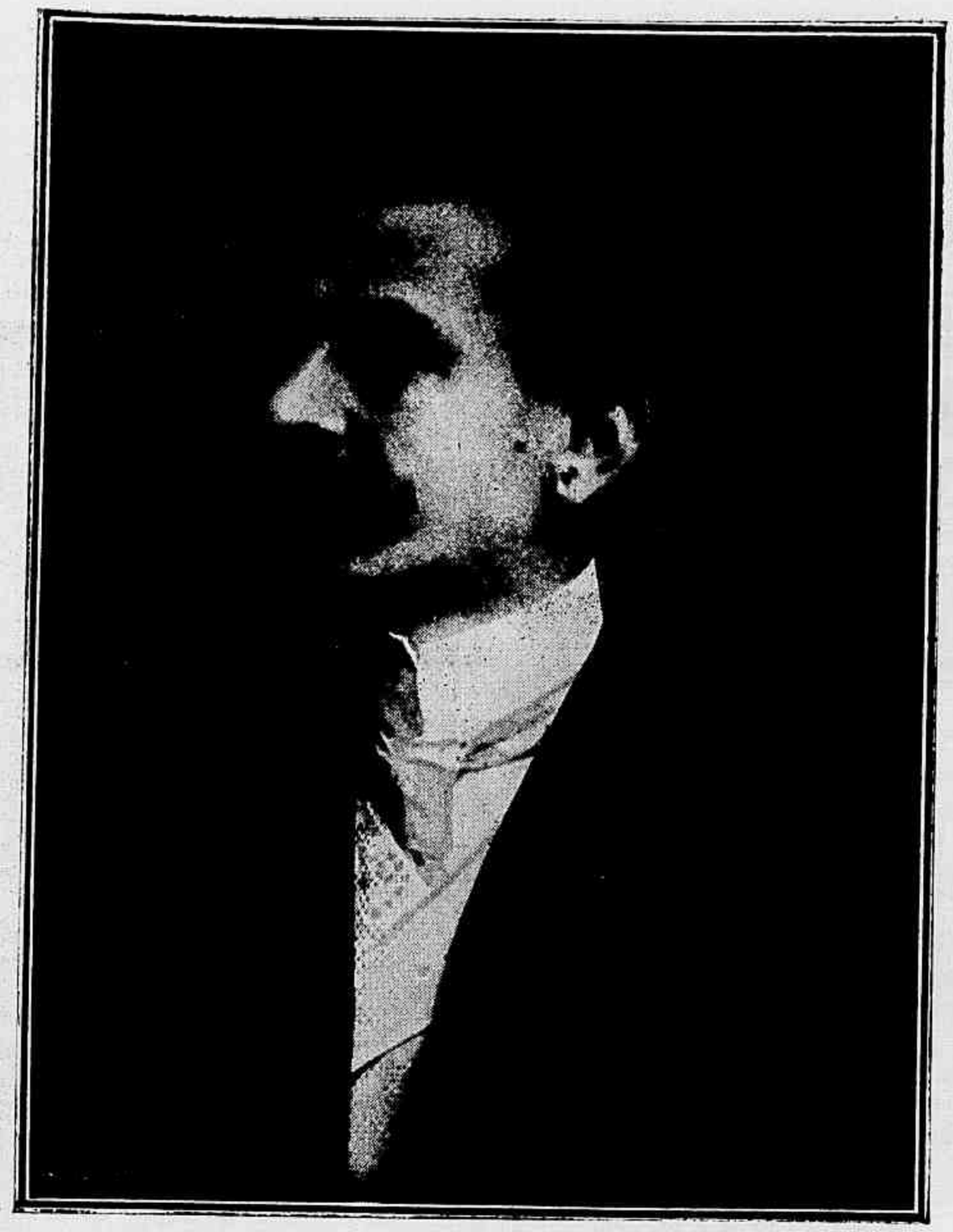
— A mulher.

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES

Commemorou, a 3 do corrente, o seu anniversario natalicio, este esforçado educador, herdeiro das tradições honrosas daquelle coração generoso e bom, daquelle espirito todo devotado ao ensino da mocidade e que foi um apostolo cheio de serviços inestimaveis, cujo nome é proferido com o maior respeito por gerações e gerações.

O Barão de Macahubas, o genitor do Dr. Joaquim Abilio, deixou neste seu herdeiro tudo que possuia: civismo, honra e dignidade.

Lente da Faculdade Livre de Direito, Director Geral da Universidade Nacional do Rio de Janeiro, que elle fundou a 3 de Junho de 1912, o Dr. Joaquim Abilio Borges é idolatrado por seus discipulos que muito o estremecem e amam e na terça-



Dr. Joaquim Abilio Borges

O incendio nas ruas Sete de Setembro e Carioca, no dia 2 do corrente

Curiosos vendo os predios incendiados.

Escombros do incendio

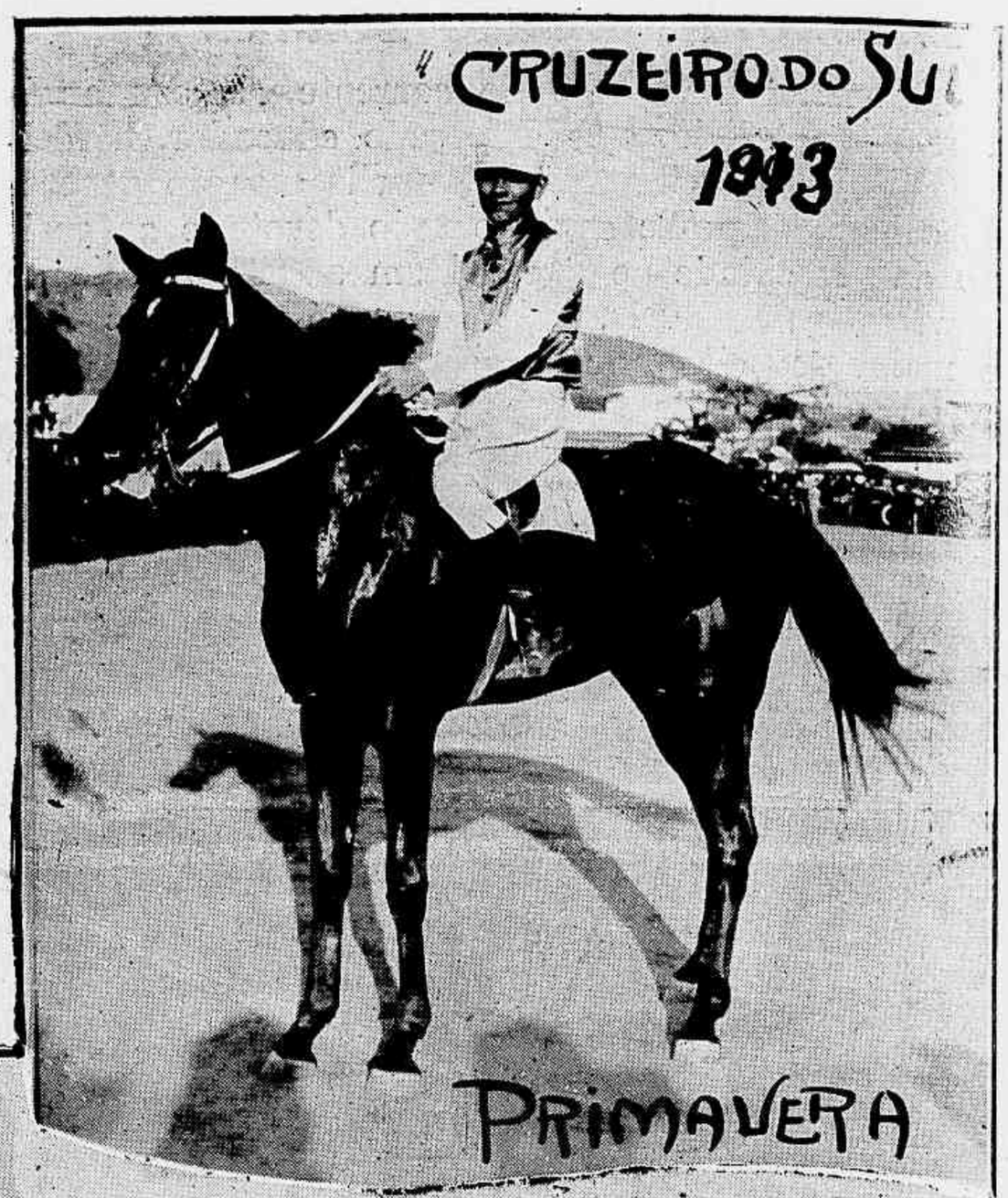
feira desta semana elle teve as mais eloquentes manifestações de estima e sympathia da mocidade.

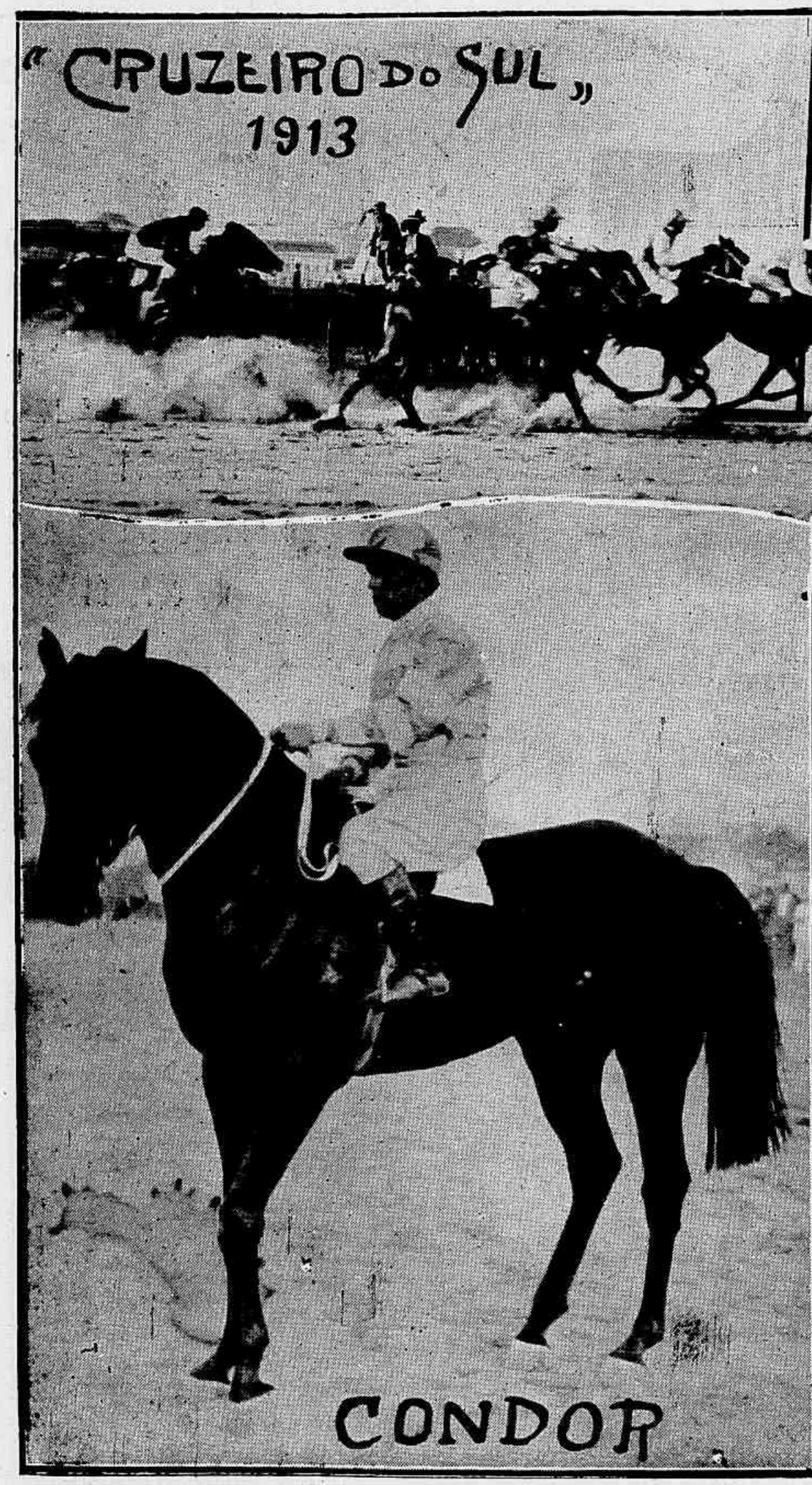
O Exmo. Sr. Marechal Hermes e o Sr. Dr. Rivadavia Corrêa se associaram ao jubilo da mocidade que tão effusivamente não se esqueceu do Mestre bom e digno, comparecendo na propria séde da Universidade Nacional.

Os academicos de todos os cursos da Universidade deram, em homenagem ao illustre educador, o primeiro numero da revista do Centro Academico Rivadavia Corrêa, recentemente creado, no qual ha protestos de estima e apreço de varios de seus discipulos.

Esta publicação, da qual é director e redactor-chefe, o nosso collega de imprensa, o academico Xavier Pinheiro, vem honrar a imprensa dos moços que estudam.

O Dr. Joaquim Abilio muito merece da mocidade actual e a *Revista* sente-se feliz em apresentar ao provecto mestre de direito as suas cordeaes saudações pela data que tão solemnemente foi commemorada.





Vencedor do Classico S. Francisco Xavier

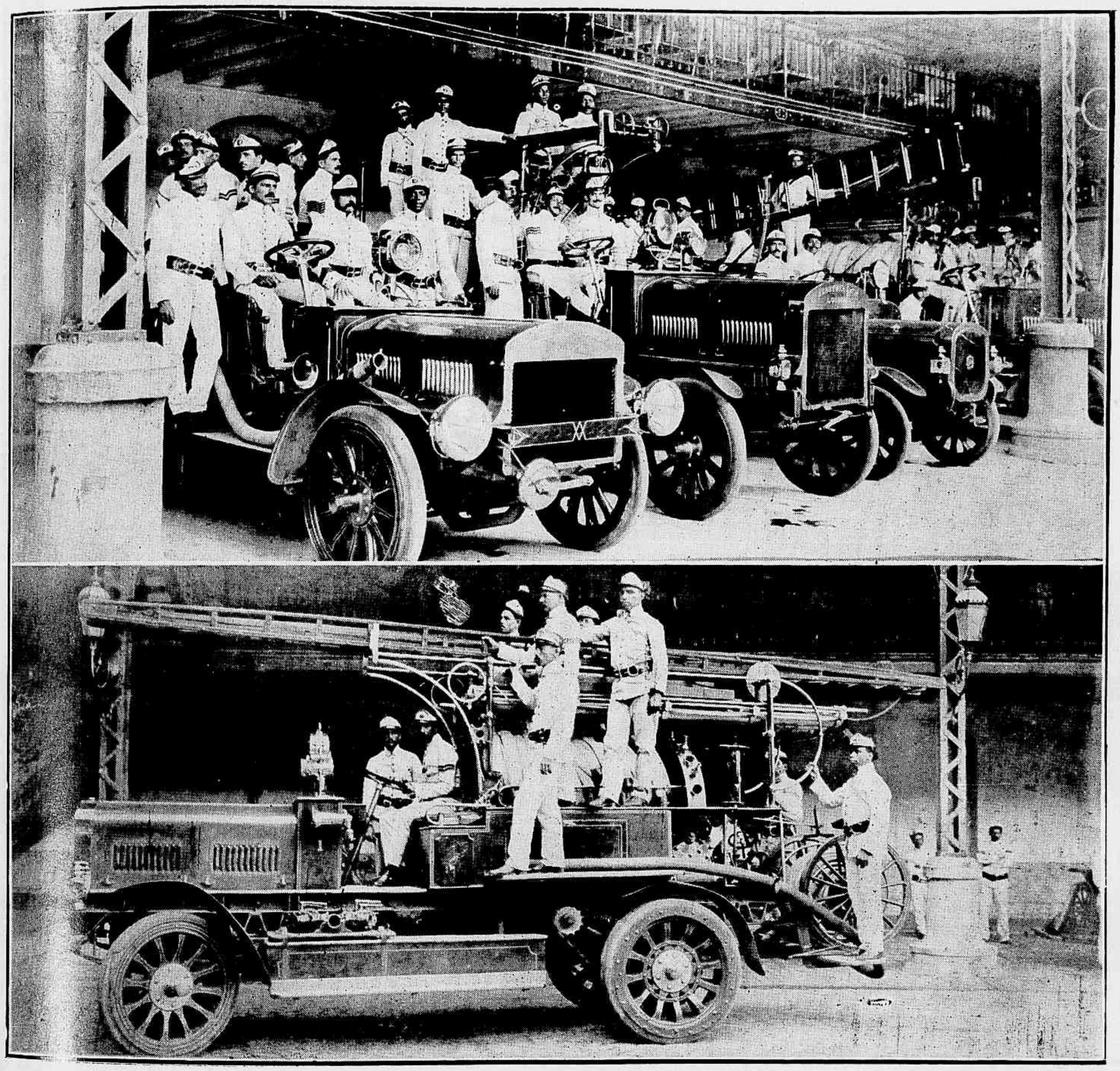
JOCKEY CLUB

Revestiu-se do maior brilhantismo a festa do Jockey Club, no Prado Fluminense, tendo por base o *Grande Premio Cruzeiro do Sul*, o *Derby Brasileiro* e o *Classico São Francisco Xavier*. A assistencia foi numerosa e extraordinaria, o que concorreu para que o *sport* estivesse muito animado, elevando-se assim as apostas a 184:982$000.

As carreiras foram todas disputadas licitamente, pelo que os *turfmen* as applaudiram com enthusiasmo.

CORPO DE BOMBEIROS

Inaugurou-se no domingo passado o novo systema de tracção do material do Corpo de Bombeiros. O antigo material de tracção animal foi quasi inteiramente substituido por automoveis confeccionados nas proprias officinas do Corpo, excepto as bombas que foram fornecidas pela fabrica ingleza de material de bombeiros "Merryweater".



Os automoveis inaugurados no Corpo de Bombeiros

CASAL RIBEIRO E LATINO COELHO

Em 1859, publicava Latino Coelho, na *Revista Contemporanea*, um excellente estudo sobre Casal Ribeiro (José Maria do), uma das mais bellas organisações de estadista que o velho Portugal possuiu.

Delle dizia o festejado escriptor:

"A sua eloquencia sem ser do genero grandioso e poetico, é comtudo correcta, sem affectação, e sem adornos exagerados e superfluas sumptuosidades. A pausa com que falla ordinariamente, para seguir os movimentos de reflexão deixa-lhe tempo para modelar e compôr a phrase sem as incorrecções que se observam nos oradores incitados pela imaginação e dominados pelo estro do improviso. Na replica extemporanea é sempre feliz, e o adversario que lhe lega a palavra na ordem da inscripção, não póde contar com um triumpho facil para as suas razões ou para as suas invectivas.

Termina o estudo com as seguintes ponderações:

"Na vida parlamentar estuda-se o homem, que julga as acções politicas dos outros, amigos ou adversarios. Mas a tribuna, que revela o orador, levanta apenas metade do véo, que encobre o estadista. A tribuna patenteia o talento; só o gabinete denuncia o tacto de governar. Na duplice manifestação da actividade politica a palavra é a acção — a acção retrata o ministro, a palavra apenas o orador".

Estas palavras mereciam ser insculpidas nas casas dos nossos politicos, que, salvo honrosissimas excepções, cogitam de tudo, menos de corresponder á grandeza a magnitude desta grande Patria, digna certamente de melhor sorte.

ENVIAM-SE CATALOGOS A QUEM PEDIR

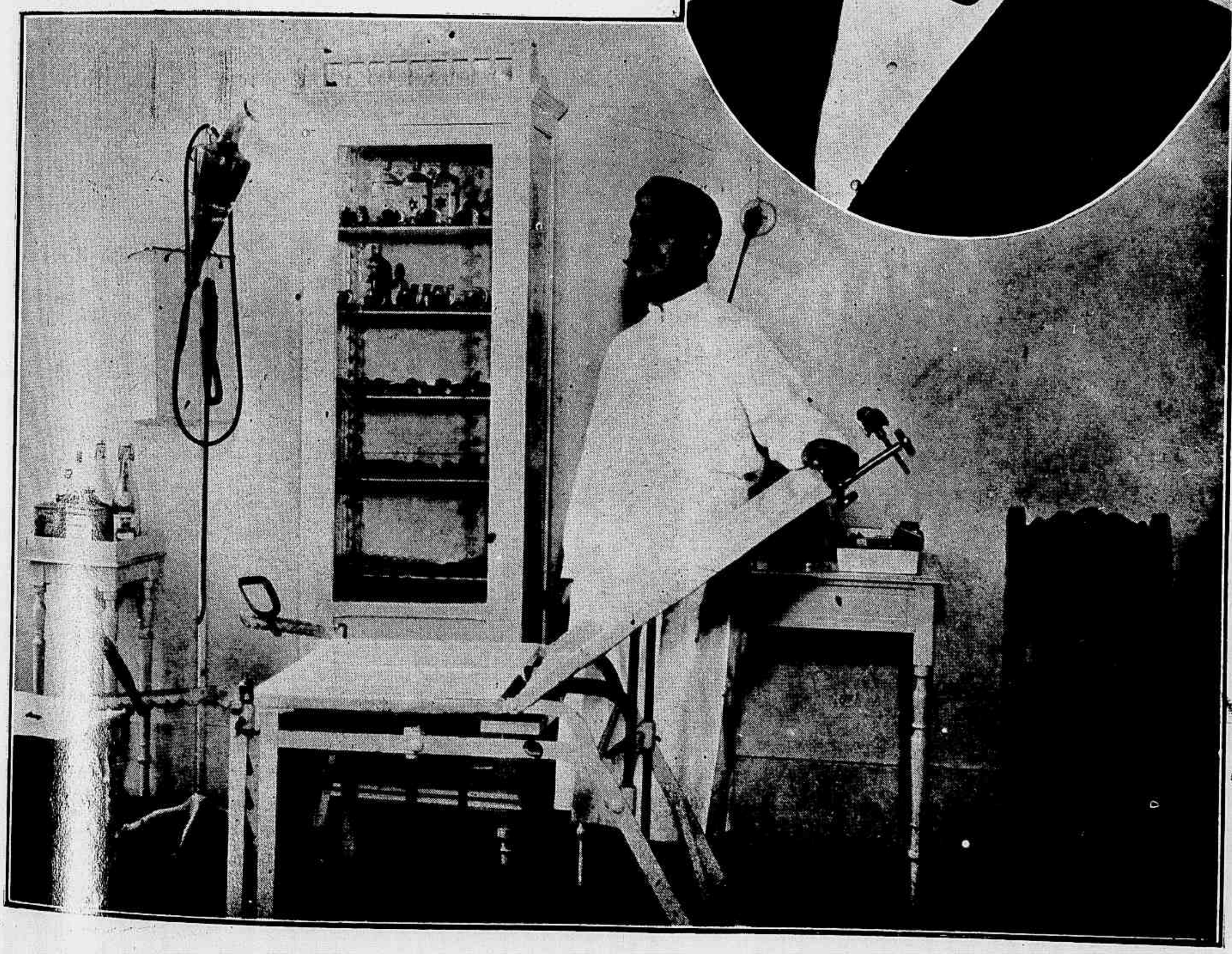
DEPOSITO BERTA
DE
Moreira Leão & C.

Casa para venda a varejo
RUA URUGUAYANA N. 141
RIO DE JANEIRO

TUBERCULOSE

Aquelle resultado das estatisticas, que demonstra que na nossa capital — de duas em duas horas a tuberculose faz uma victima — agitou vivamente a opinião publica e as sumidades medicas da nossa terra maravilhosa. E' simplesmente pavorosa a mortalidade pela tuberculose no Rio de Janeiro, e mais pavoroso é ainda, saber-se que para evitar a propagação do terrivel mal, não possuimos nem um sanatorio de altitute, nem um sanatorio de repouso, nem um hospital modelo, onde se possa fazer o isolamento do doente, meio unico para exterminar a terrivel doença, que nos está ceifando o melhor das nossas energias e das nossas forças.

Apenas a Liga Brasileira contra a Tuberculose, muito desajudada do governo e da caridade particular, numa grande missão humanitaria, soc-



Dr. Jorge Santos—Dr. Jorge Santos, no seu gabinete de trabalho

corre e attende os pobres tisicos, com uma grande caridade e um grande patriotismo.

O *Jornal do Brasil*, o grande jornal popular, abriu uma grande campanha anti-tuberculosa, e em suas columnas medicos e sabios illustres como os Drs. Antonino Ferrari, Anjo Coutinho, Albino Pacheco, Jorge Santos, Nabuco de Gouvêa e outros têm mostrado ao governo do paiz o perigo enorme que todos corremos com a propagação da horrorosa doença e apontado os meios a seguir para se entrar num caminho seguro de propaganda anti-tuberculosa.

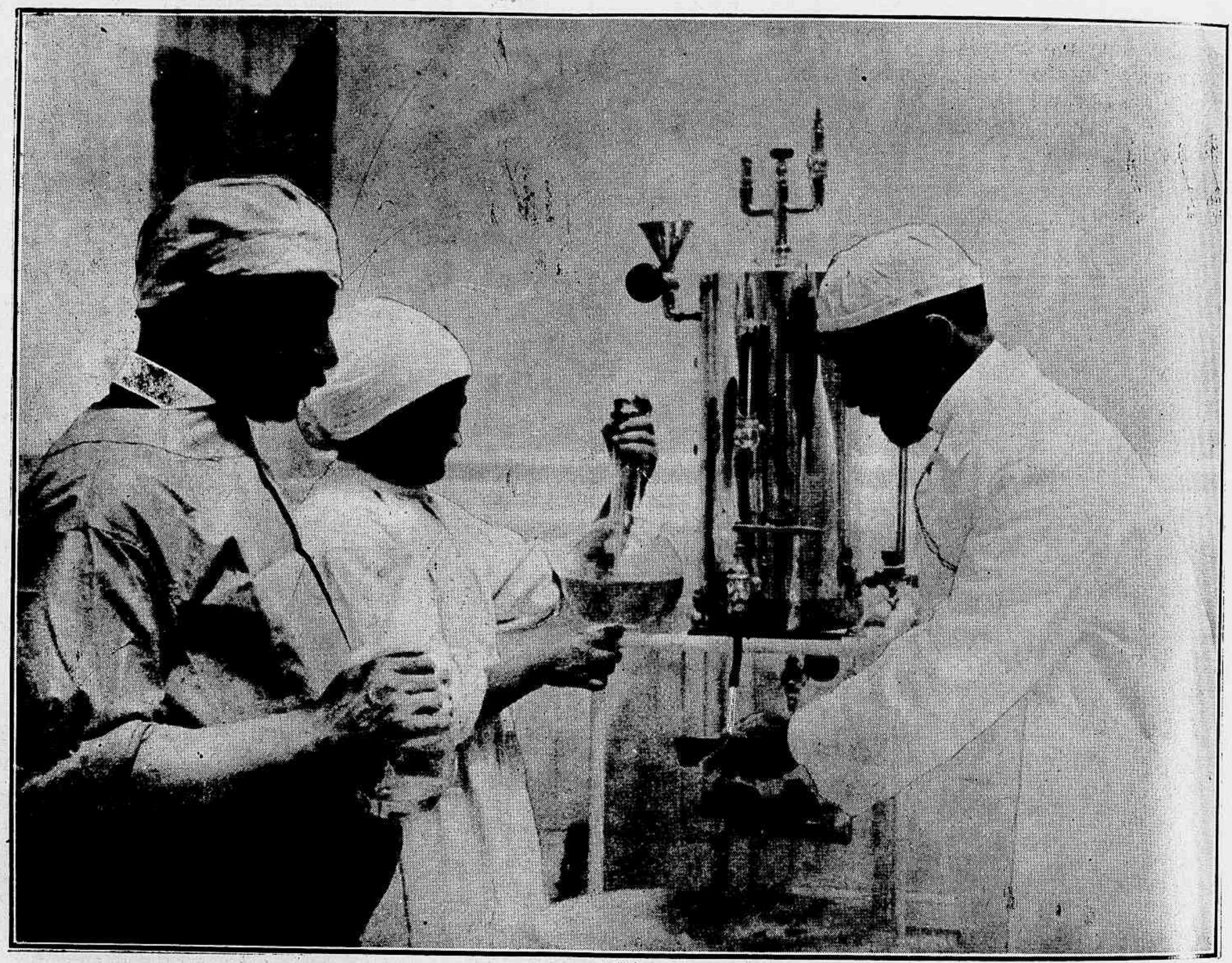
Uma cidade, como a nossa, que deu ainda não ha muito tempo um exemplo grandioso, ao mundo inteiro, banindo de entre nós, por completo, a febre amarella, não póde, nem deve ficar de braços

cruzados perante a tuberculose que esmaga e martirysa a maioria da sua grande população.

Já depois da sua companhia iniciada, o *Jornal do Brasil* viu, com prazer, o governo assignar um decreto concedendo á Saude Publica a quantia de 700:000$000 para a conclusão de varios serviços anti-tuberculosos. Esses 700:000$000 são um pingo de agua neste immenso oceano de dores, de miserias e de luto, mas são muito como prova de que o governo está na intenção de olhar com olhos de ver para tão grave problema social.

Assim seja !

UMA VICTORIA DA CULTURA MEDICA DO BRASIL NO ESTRANGEIRO



O Medico Brasileiro Dr. J. de Oliveira Botelho, fazendo sua asepsia no "Hospital General", do Mexico, ajudado pelo Medico Director do Pavilhão de tuberculosos, antes de operar a um tisico.

CONSELHOS MEDICOS

Chá de Eucaliptos —Na Bretanha, no intuito de combaterem o alcoolismo, entre os homens do mar, pescadores marinheiros, etc., uma asso ção de temperança, experimentou a infusão das has de eucaliptos. Em Janeiro de 1904 ensaiar as primeiras dozes que foram distribuidas entr ma-rinheiros, como chá assucarado.

Os bravos homens do mar acharam o imo aquelle chá, seis semanas após, a associação do ma-ritimos, distribuia 18.000 chicaras daquella fu-são. No inverno seguinte quadruplicou e o ch do eucaliptos era pedido de uma maneira regula .

Este chá é agradavel, muito hygienico e ita-mente economico, convem e é indicado nas affec ões catarrhaes, na grippe e suas consequencias.

Cinco ou seis folhas das de médio tama ho, lançadas num litro d'agua fervendo, dá um excel-lente chá, que deve ser bebido logo que vae arrefe-cendo. Se demorar muito de infusão ou em de-coção terá gosto amargo desagradavel.

Se se fizer com estes cuidados, pondo poucas folhas, não fazendo infusões demoradas, tem-se um optimo succedaneo do chá aromatico, hygienico, do-

tão de qualidades therapeuticas e excessivamente barato.

Entre nós, que está generalisado o gosto pelo mate, que é barato e mais saboroso, difficil será acostumar-nos ao chá de eucaliptos, todavia aqui fica a indicação que talvez sirva a algum guloso de bebidas extravagantes.

BROMIL

Cura tosse em 24 horas

Cura bronchite,
asthma e coqueluche

A MANEIRA DE USAR A SOMBRINHA

Um inglez excentrico e paciente depois de muitos annos de observação chegou ás seguintes conclusões:

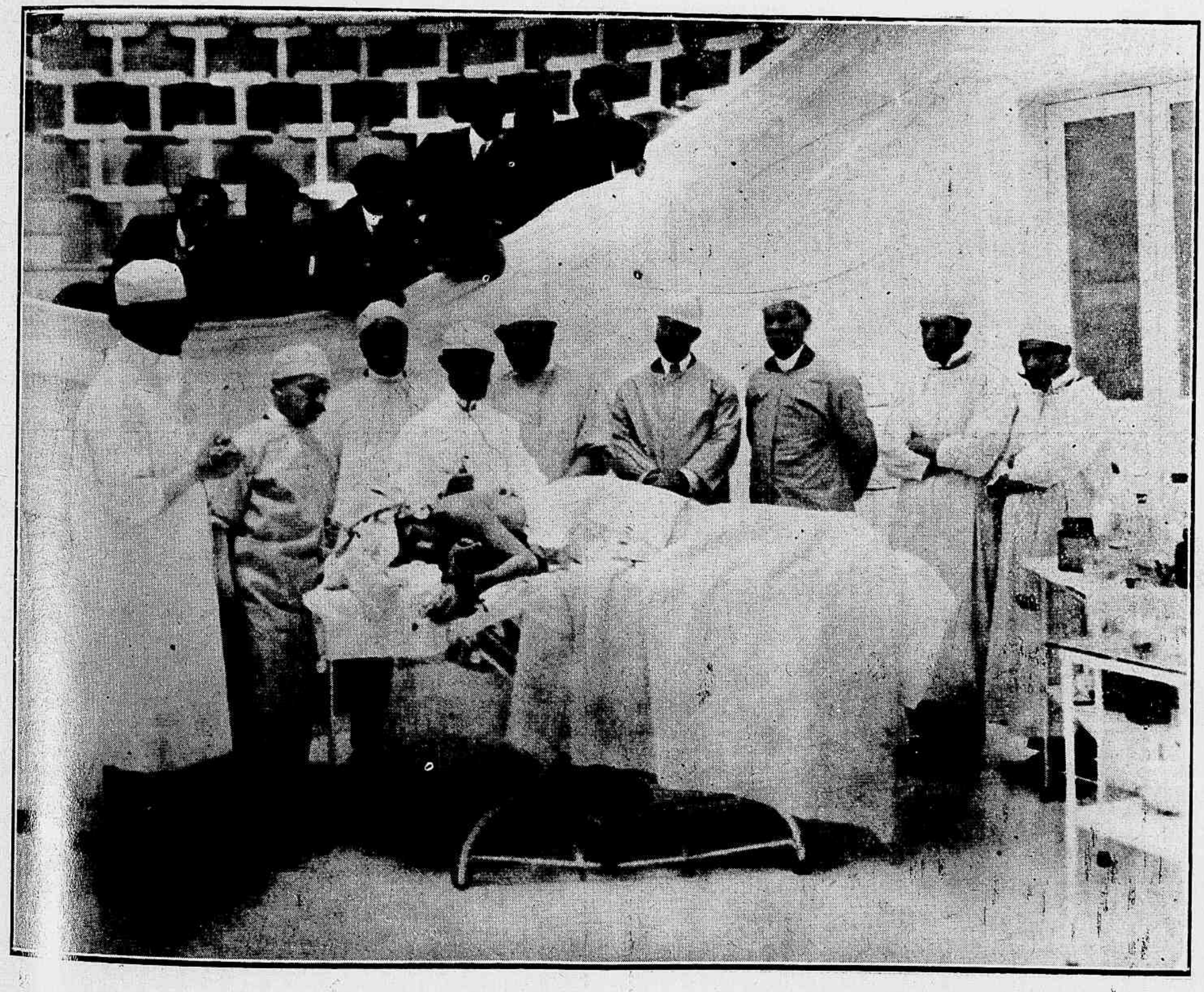
A mulher que usar sombrinha ou o guarda-chuva mesmo depois de passada a chuva é economica e muito boa dona de casa.

Se enrolar o guarda-chuva mesmo estando molhado nunca se casará.

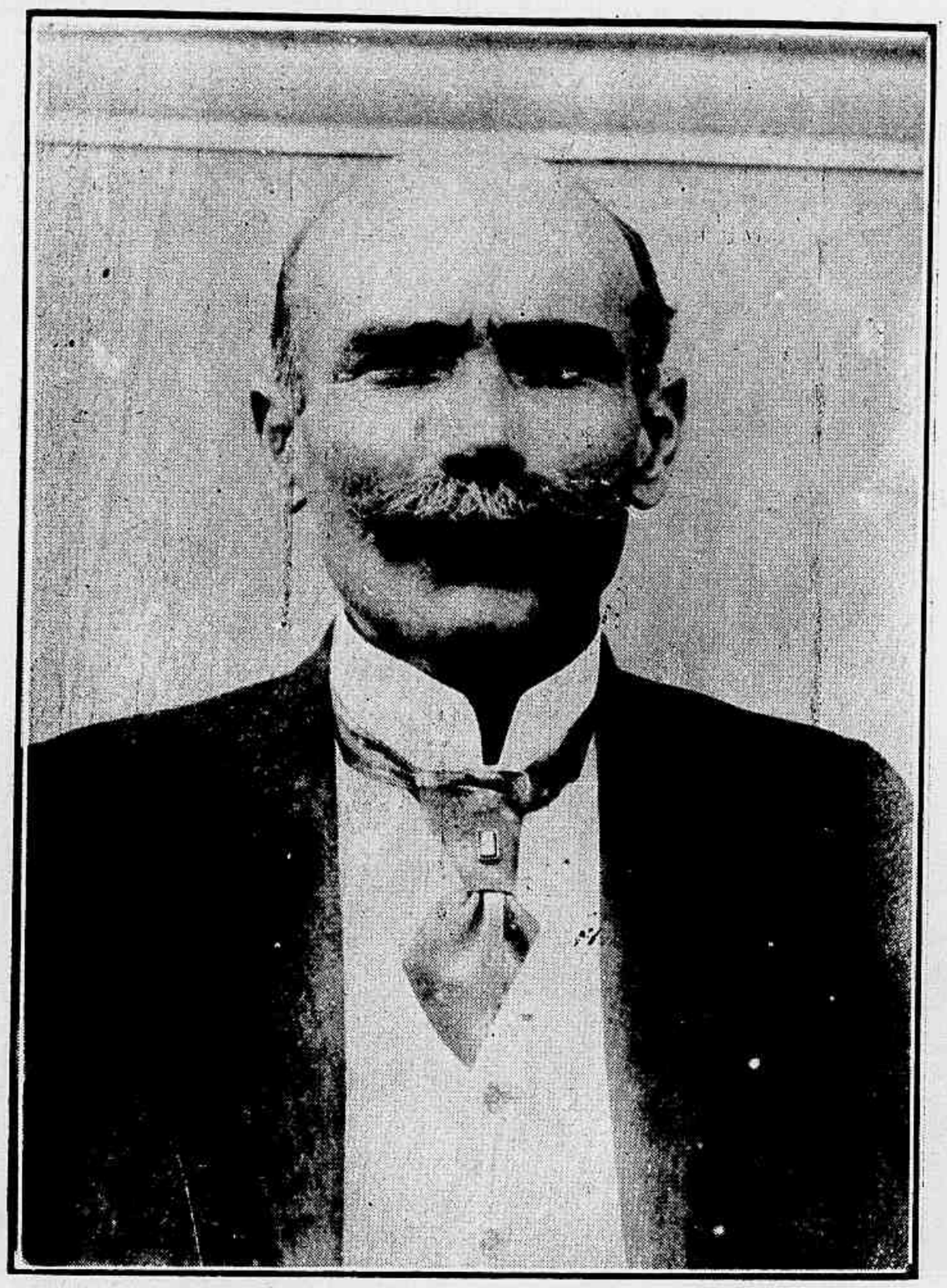
A que não enrolar a sombrinha será sempre pobre e não saberá mesmo aproveitar-se da fortuna quando ella lhe passa ao lado.

Trazer a sombrinha debaixo do braço: genio alegre.

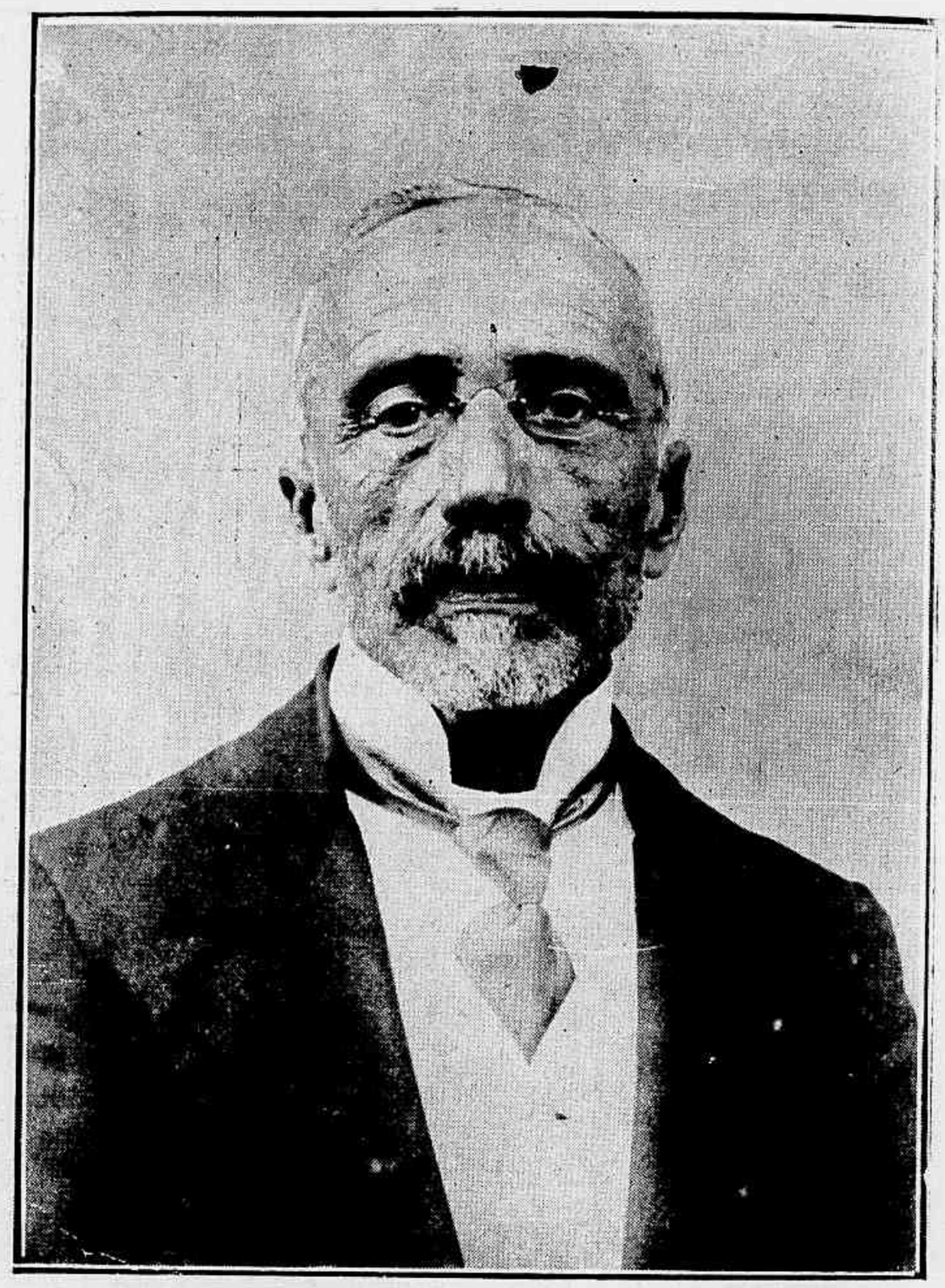
Finalmente será amorosa, amavel, apaixonada a que, á proporção que caminhar, bater com a sombrinha.



O Medico Brasileiro Dr. J. de Oliveira Botelho, operando a um tisico no "Hospital General" do Mexico, ajudado pelo Director da Faculdade de Medicina e outros professores. O doente já está convalescente.



Dr. Antonino Ferrari



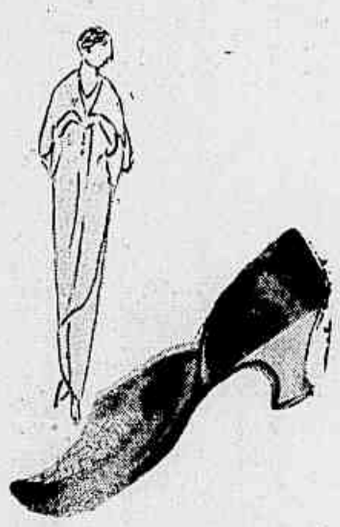
Dr. Anjo Coutinho

Uma tisica na consulta

Dr. Albino Pacheco

Da sandalia grega aos tacões de diamante

A vestimenta do pé é um verdadeiro reflexo de uma época, uma imagem do estado social: O chapim de setim de Francisco I, as botas de d'Artagnan, os saltos vermelhos de Luiz XV evocam a renascença, o XVII e o XVIII seculos. Onde está o XX? O exame das botinas de 1913 o revelará.



É de um empolgante interesse adivinhar e penetrar o segredo dos seres pelo estudo de sua physionomia. Ha necessidade de recorrer ao systema de Lavater se, com o dom da observação, nos applicamos quotidianamente nisso?

Alguns lêm nos olhos, outros observam a bocca e o nariz; outros ainda se reportam ao rythmo do andar e ao movimento dos braços, reconhecendo a vinte passos sem nunca o ter visto, um infiel, um desequilibrado ou um apaixonado.

As mãos tambem fallam e dizem tantas cousas que poderiamos lembrar as vezes repetidas com que ellas nos separam e distanciam para sempre de um sêr que não foi feito para nos comprehender, como de outras vezes, ao contrario, ellas attrahiram as nossas duas sobre as quaes ellas se fecham com doçura!

Os pés minusculos ou grandes, impacientes ou placidos, menos avisados que a mão e o rosto, trahem candidamente, elles tambem têm um estado de ser, e, melhor ainda, uma natureza.

A sabedoria das nações ensina-nos que o camponio era qualificado de "pé chato", o homem de qualidade, de "tacão vermelho", emquanto o senhor possuidor de bosques de grandes arvores tinha dizia-se, "feno em suas botas".

Isto é provar que, em todo tempo, o calçado foi como que o caracter representativo do estado social; desde o pé vestido pela folha de papyros ou de palmeira do velho Egypto, até ao pé calçado em botas dos Petrimetres sob o Directorio: aquelles, livres e bellos em sua marcha lenta e continua sobre as areias egy-

Colhurnos para salão *Colhurnos de selim* *Sapatos para passeio*

pcias; estes, enfreiados e enfeitados como um cavallo para a parada !...

O XVIII seculo, espiritual, ouropelico e licencioso, ser-nos-ia todo elle revelado pela audacia dos seus tacões, o luxo desenfreado de seus tecidos e a ponta desarrazoada de sua sola que parece fazer-nos um pé de nariz!... E as botas de d'Artagnan, soberbas e volumosas como o penacho do valoroso gascão; e a bainha delgada e fina que calçava o bom Rei Henrique; e o escarpim de setim de Francisco I; tantas botas, tantas historias picantes e nobres que ajudariam a psychologia das sociedades.

A franceza deixará uma historia divertida e variada ao infinito, porque, antes de ter o sapato da época actual, os francezes restabereceram successivamente o uso do calçado do Grande Seculo, a Polaine, a sandalia grega, o cothurno dos Romanos e até o calçado vermelho dos Phrygios que punham aos nossos pés dous passaros raros, attrahentes e encantadores.

Maupassant dizia que um pé nervoso, fremente debaixo do vestido, era como um "bello animalzinho impaciente".

Quanto nos temos educado desse tempo para cá e que plumagens inesperadas não encontramos, diariamente, vestindo o dito animalzinho ?

E' de desnortear !

Lembram-se, não ha muito tempo, das austeras e correctas botinas negras que, mais ou menos delgadas, providas de solas mais ou menos espessas eram sempre, para a manhã e a tarde, a monotona botina preta ?

E' muito justo que a encontremos nas provincias no gabinete de "toilette" de tia Paulina que sahe uma só vez para ir á missa.

Para as corridas matinaes que terminam por um passeio a pé pelo bosque, é a botina de polaina clara, quadrilhada ou lisa, côr de terra e de areia que é a unica harmonica com os modos simples da bella Simone desabrochada sobre a Avenida, em manhã de primavera, como uma dessas flores de Paris, perfumadas e frageis até a verosimilhança.

Com o seu "tailleur" "escolhido" para á tarde, ella vestirá o seu pézinho de cabrito pardo trançado e cabrito envernizado de preto, complicação encantadora que realça uma curvatura aristocratica e dá ares "eu me bisagro" á "toilette" de Simone, emquanto que muitas mulheres, aos seus lados, abrem sobre as suas meias de rendas janellas regulares e illuminadas por pingos dagua de sapatos envernizados, com bordados e placazinhas.

Lohengrin de pé pequeno, Camilla tão minuscula, parece ter abandonado o cysne, para chegar até nós sobre as azas de dous pombos, tanto as suas polainas brancas de antilope ou de panno põem candura lirial sob a saia estreita de mais.

Em pardo, azul ou mesmo em verde-gaio, ella arvora todos os caules sortidos, harmonizando-se com seus vestidos, segura de seu gosto e da fôrma de seu pé que, nenhuma excentricidade poderia enfeiar.

Mas vós, senhoras, de talhe mais desenvolvido e de proporções mais normaes, como se vos vê lindamente postas para as vossas visitas, sobre esses sapatos cothurnos de verniz tosco cujos

Sandalias brancas

Cothurnos de setim

Sapatos praleados

Uma bella pagina de cotillon

cravos embainhados de bordados dão brilho a vossos pés !... E esse sapato com galocha de verniz talões de phantasia, raiados ou lisos, de matiz pallido, nós o vemos remexer-se na extremidade de vossas pernas cruzadas por impaciente qu estaes para deixar essa reunião, "onde não se vos apanhará mais".

Guapa e de roupa curta e escassa, caminhando pela *rue de la Paix*, ás 3 horas, com os vossos tacões tão altos que se pergunta se não ides voar, gostamos desse Luiz XIII de volumosa fivela que se apparenta com o Luiz XIV altivo e magnifico, um e outro tão bem feitos para surgir dessa roupagem á amazona, como era a da grande Mademoiselle.

E será toda outra cousa e tão bella como a harmonia do vosso calçado com a intimidade do vosso pequeno salão, onde, ás 5 horas, ides nos dar o chá intimo. Segundo o humor e a jovialidade do tempo, appareceis-nos envolvidas em véos de Thais ou embainhados em brocado do seculo XVI e desses estofos sumptuosos sahirá, afinal e flexivel como os vossos estylos, o pé arqueado que já conhecemos, bello de ver-se em seu calçado de velludo, orlado de hermine ou de cysne,senão é o dia do borzeguim de setim branco, dobrado e desbordante de raposa negra ou o da babulha oriental com a extremidade revirada e bordada como um manto de madona. Affirmae que não vemos tudo e que se consentisseis em abrir uma das cortinas do vosso armario de calçados, ahi veriamos sapatos de Veneza pyrogravados como as sandalias das gregas ricas da antiguidade; cothurnos delgados e claros, os de Chrysis, que, vos mantêm os pés nus ao saltardes do leito, chinellas de tigre ou de panthera, tudo isto preciosamente alinhado sobre sulcos inclinados cobertos de velludo.

*
* *

Afim de melhor julgar do effeito de um calçado pelo tamanho do seu tacão, fizestes pôr um vidro ao fundo do armario e isto reflecte ao lado pilhas dos innumeros sapatos que possuis.

Os da tarde, eu o sei, são legião e isto se concebe, se partimos do escarpim envernizado, destinado a gastar suas extremidades contra as escadas, para chegar ao sapato de ouro enriquecido de brilhantes das grandes festas de gala, passando pela numerosa variedade de sapatos de setim lisos e bordados, pintados e perolados, baixos, altos, cacheados ou velados de renda.

A dansa de caracter, que isola os pares entre si e deixa ás suas fórmas harmoniosas o espaço necessario á liberdade dos seus movimentos, tem, mais do que o nosso gosto natural, mais do que o nosso desejo de requinte na *toilette*, posto hoje em vedetta o pé e o seu calçado.

De resto, sejam elles dourados como um idolo ou revestidos de fragil Chantilly, os nossos sapatos nos levarão ás nuvens, ha opportunidades para isso, porque os saltos constellados foram procurar a sua magnificencia...

Dans le champs des ètoiles.

Se, vendo o pé, se adivinha a perna... que bellas cousas adivinharemos, de manhã, de tarde e de noite, na envoltura das saias indiscretas !

Este filamento de seda de malhas largas, que põe tão lindamente a carne a descoberto, continuará o effeito do sapato de bordado para os vestidos de seda das 5 horas.

O mesmo tecido, mas em malhas de ouro e de prata, se perceberá nos véos transparentes dos nossos *tea gowns* como tambem os florões de ouro que sobem como lianas em torno da meia de seda lisa, preta ou côr de carne.

O Chantilly e a renda de linho em seda serão trazidos o mais simplesmente possivel no escarpim envernizado, enfeitado de pingos d'agua, tal como se fôra uma meia pratica e barata, o que, naturalmente, nos tornará difficeis para as meias destinadas ao vestuario sumptuoso da noite.

Aquelles serão pintados e bordados,faiscantes de pingos d'agua mesmo, quando em musselina de seda sombreada, delinearão, em vermelho florentino ou em violeta prelado, as pernas longas e finas.

A par desses esplendores avaliados em preços exorbitantes, ha a série adoravel e variada das meias de ervilhas, escossezas e rajadas, de diversos tons.

Depois as meias lisas identicamente sortidas com o vestido e das quaes se possuem varias duzias de pares; depois a meia-cabello, se assim se póde dizer, li-

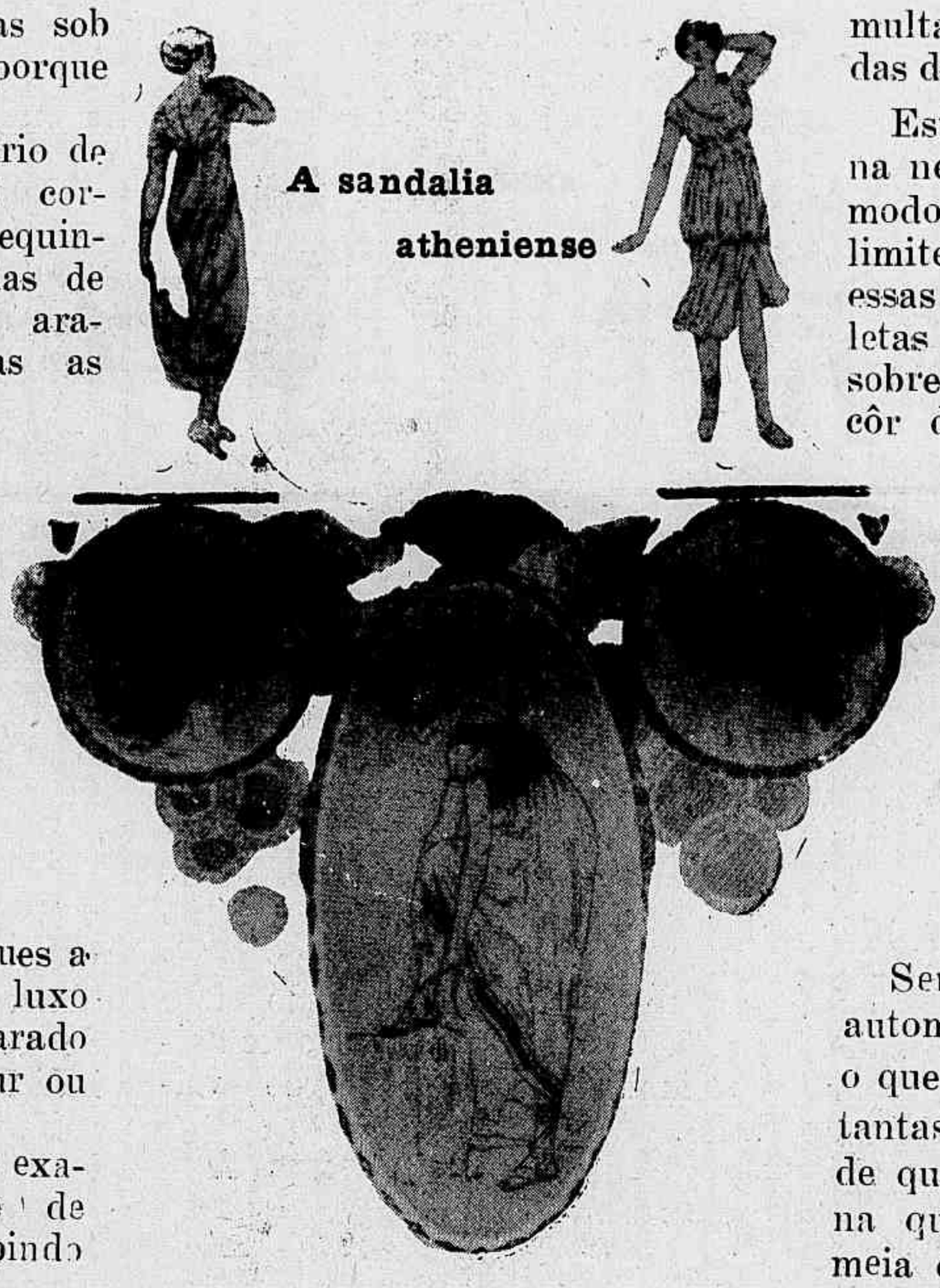
sa e tão fina que não póde ser usada senão algumas horas sob a condição de não andar, porque ella se consumiria.

Ahi está o que em seu delirio de luxo trazem e usam, quasi correntemente, as mulheres requintadas, sem fallar das meias de fio tão fino como teia de aranha e de que são providas as apreciadoras do *footing*.

Ellas nos dirão que pelo andar um pouco continuo, a meia de seda é detestavel e que ellas lhe preferem, como para os *sports*, de resto, o contacto menos escorregadiço do fio.

Merecem ellas approvação, primeiro, porque devemos convencer-nos de que pensam acertadamente e tambem um pouco porque nos parece bom pôr diques a esse gosto desenfreado de luxo que não poderia ser comparado senão ao de uma Pompadour ou ao de uma Du Barry.

E mesmo antes, esse gosto exagerado suscitou, da parte de Luiz XIII, um edicto prohibindo a toda a mulher, sob pena de multa de 1.500 libras, de usar redas de mais de nove libras a vara.



A sandalia atheniense

Estarão as Camaras francezas na necessidade de agir do mesmo modo ? Pois parece não ter mais limite o preço que se pede por essas meias com vôos de borboletas azues, de flores pintadas sobre um impalpavel tecido de côr de carne: pequenas perolas serradas, esmeraldas e topasios subindo pelas malhas de filigranna.

E' exacto que ainda não se chegou ao gráo de loucura dos Imperadores romanos que calçavam seus muares e cavallos de verdadeiros calçados de couro, de ouro ou de prata, segundo as circumstancias.

Será, talvez, por que temos o automovel ?... Em todo caso, e o que é certo, é que para possuir tantas preciosidades, ha uma meia de que não fallamos nunca, mas na qual pensamos sempre, é a meia de lã.

O Sr. Mauricio Augusto Pinto, do Commercio de Porto Alegre, nosso constante leitor

A ARVORE

Ao sol de Maio abrindo a fronde avelludada,
Na gloria de viver como um symbolo, quêda,
Ella fica a banhar-se aos raios da alvorada,
Na heraldica extensão verde-azul da alamêda.

Olhando o céo em cima, olhando em baixo a estrada
Attenta o ouvido e escuta o que o vento segrêda
Emquanto, a voltejar pela copa doirada,
Voejam, zumbindo no ar, meliponeas de sêda.

Perto o rio dedilha a harpa azul da corrente...
E quando a noite cae commovedoramente
Emburelando o cimo roxo das collinas,

A Arvore toma uma expressão consoladora,
Distende os braços, bole as ramagens e chora
O pranto vegetal das ultimas rezinas...

Rio, MCMXI.

Olegario Marianno.

NO JURY

O juiz: — O senhor deu a sua sogra um bife de vitella com arsenico ?

O accusado — Dei. Queria experimentar um remedio contra os ratos !

SUPPLEMENTO PARA CRIANÇAS

A Revista da Semana publica gratuitamente neste supplemento os retratos de todos os amiguinhos do João Paulino que nol-os queiram enviar, responsabilisando-nos tambem pela restituição das photographias

As aventuras de Pedrinho

Pedrinho, o agricultor genial

X

O Pedrinho lê: «Não se deve comer batatas que nascem no chão. Comem-se somente as que brotam dos galhos. Elle repete ao matuto a recommendação.

O matuto ficou de bocca aberta.

A AMBIÇÃO E O TRABALHO

Em certo logar cujo nome me não vem agora á memoria, viveram nos tempos dous mancebos, orphams por desgraça sua, e por sua boa estrella não de todo mal acompanhados.

De seus paes herdaram algumas geiras de terra e um velho casarão, que contava talvez mais de dous seculos de existencia, onde viviam os dois irmãos do nosso conto.

O mais velho delles poderia ter seus vinte e um annos; o outro contava escassamente dezenove.

Se bem que parecidissimos de rosto, não poderia encontrar-se maior differença de caracteres e de inclinações.

Angelo, — assim se chamava o maior, — era o perfeito typo do camponio feliz.

A estrella d'Alva surprehendia-o já agarrado ás ferramentas da lavoura e ao pôr do sol entrava no povoado com tal placidez n'alma que lhe assomava ao rosto um sorriso de satisfacção.

Ia para a sua faina a cantar, pensando qual seria o trabalho daquelle dia; e a cantar voltava com o regosijo de quem cumpriu o seu dever. Chamavam-lhe Angelo ,"o Alegre".

Seu irmão Antonio era, pelo contrario, um rapaz doentio e tristonho que, cabisbaixo e meditabundo, como se acabrunhado por secretos pesares, passava as noites á vela, fechado no seu quarto, rodeado de retortas, alambiques e demais apparelhos de chimica, que davam á sala um aspecto de laboratorio ou gabinete de feitiçaria.

O seu rosto pallido, desolhado e triste havia-lhe valido a alcunha de "Taciturno".

Na aldeia começou a ser voz

corrente que Antonio se dedicava a artes magicas e que do seu quarto sahiam ruidos tenebrosos capazes de pôr medo ao peito mais afoito.

Que se passava então com o pobre moço ? Vaes sabel-o.

Pouco tempo depois de lhe morrerem os paes, liquidou a sua herança e começou a viajar por longinquos paizes em busca de algo que elle proprio não era capaz de dizer.

Aconteceu-lhe então que, estando na capital da Persia, se abeirou delle um velho de longas barbas e lhe perguntou o que fazia por alli.

— Senhor — respondeu o rapaz, — ando á procura da felicidade.

— E sabes tu em que consiste a felicidade ?

— Para mim, em ter muitas riquezas.

—Se não é mais do que isso, pódes voltar para a tua terra. Toma esta receita; executa lettra por lettra o que está escripto, e serás tão rico quanto queiras. Oxalá que chegues a ser feliz !

Este no mesmo instante poz-se a caminho da sua aldeia, carregado com uma porção de drogas das que emprega quem se dedica á chimica.

A receita estava dentro de um sobrescripto lacrado que dizia:

"Não abras antes do dia 31 de Março".

Até esse dia Antonio passou indiziveis angustias, ancioso por conhecer a ambicionada formula para ser rico. . .

Por fim, chegou o momento tão desejado e o nosso homem leu soffregamente a receita, duas, tres, cem vezes. Tratava-se do modo de fabricar o ouro e eram dados todos os pormenores.

Antonio comprou os ingredientes necessarios, accendeu o forno, poz ao fogo um cadinho e esperou com impaciencia o resultado.

Palpitava-lhe o coração com violencia.

Depois, durante alguns minutos, apoderou-se delle um inexplicavel adormecimento dos sentidos e sonhou que, numa chuva miudinha, lhe cahiam sobre a fronte todas as suas mais bellas illusões.

Via por toda a banda montões de metal dourado, que serviam de leito a um rio de perolas e brilhantes: uma verdadeira paizagem de ouro, com suas arvores, casas e palacios dourados, tudo, emfim, quanto póde imaginar a exaltada phantasia do mais fervoroso admirador dese metal.

Em breve começaram a sahir do fundo do cadinho uns espessos vapores, que se condensaram e tomaram por fim a figura humana, mas vaga e phosphorescente, como se fosse formada por milhares de pyrilampos.

A apparição saudou Antonio com um sorriso e disse-lhe:

— Aqui me tens: sou o phosphoro; o mundo precisa de mim, e sou mais util do que tu imaginas. Tira-me daqui, leva-me para onde me conheçam e far-te-ei rico.

Mas Antonio, obcecado pela sua illusão não quiz attendel-o.

— Não é a ti que procuro, mas ao ouro. Vae-te e deixa-me em paz.

E a visão desfez-se pouco a pouco, lançando um olhar triste, muito triste, ao nosso moço.

Antonio avivou o forno,deitou novos ingredientes no cadinho e esperou.

Dentro em pouco tempo novos vapores brotaram em cachões. A casa encheu-se de uma fumaça espessa, que tornava difficil a respiração.

Ao cabo de uns minutos, aquelle fumo foi-se concentrando e tomou a fórma de um rapaz novo.

— Aqui me tens, e felicito-te por me teres descoberto.

— Mas quem és tu ? — perguntou Antonio.

— Sou o amoniaco: o que dá vida ás plantas, o que dá á rosa a perfume e á violeta as côres; o que faz crescer a verdura que atapeta os prados e accumula de louros grãos as recheadas espigas. Tira-me do cadinho e serás rico. Apresente-me ao mundo e far-te-ei millionario.

— Ora ! — disse Antonio — Quem eu procuro é o ouro não é a ti. Pódes ir-te quando quizeres.

A figura do joven sorriu como quem duvida, e desvaneceu-se como o phosphoro.

Depois do amoniaco apresentou-se a polvora no meio de uma fogueira terrivel. Em vão enumerou os beneficios que podia trazer á humanidade:

— Commigo, poderás fazer em pedaços os mais duros penedos e abrir caminhos atravez das montanhas e procurar nellas os jazigos dos metaes.

— Nada ! Nada ! Põe-te daqui para fóra ! — gritava Antonio. — O que eu busco é o ouro.

Ouviu-se logo um ruido secco, saltou uma porção de faiscas e apresentou-se a electricidade: Era esta uma donzella que pela sua estranheza merecia um detido exame.

Os seus olhos pareciam dois sóes, tão luminoso era o seu brilho; as palavras partiam-lhe dos labios marcando no ar num zig-zag de luz; os ouvidos estavam escondidos por telephonios e os braços denotavam uma força prodigiosa.

— *Sou amiga homem* — disse em estylo telegraphico. — *Sou força luz calor tudo. Applica-me beneficio humanidade.*

— *Vae-te com musica outra parte !* — dise Antonio, arremedando a maneira de fallar da electricidade.

E esta, como os outros, dissipou-se.

— Onde estará o ouro ? — ex-

clamou Antonio com um acento angustiado.

— Aqui! — disse uma voz; e sahiu um fumo amarellento que se transformou num velhote narigudo, que parecia arrancado de uma onça de ouro.

— Até que emfim, que te encontro! bradou o rapaz cheio de alegria. — Era a ti que eu procurava; já te não separarás mais de mim.

— Emquanto me não despedires não te deixarei.

E o velhinho dourado sentou-se numa cadeira e esta transformou-se logo numa poltrona de ouro macisso.

— Converte em ouro tudo o que eu te disser —disse Antonio, pensando na agradavel surpreza que ia fazer a seu irmão.

E ás duas por tres transformaram-se em ouro todos os objectos da habitação e até as proprias paredes. Antonio estava radiante.

No dia seguinte toda a aldeia

sabia que aquelle rapaz tinha artes de transmudar em ouro tudo o que quizesse e aquillo então foi uma verdadeira peregrinação.

De todos os lados acudiam os visinhos á casa do rapaz para que elle lhes fizesse onças das moedas de cobre; e houve mesmo quem lhe levasse caçarolas, pucaros e até o gato da casa para o vender a peso logo que estivesse metalisado.

Só Angelo, o *Alegre*, não seguiu aquella corrente de avareza e nada de seu quiz converter em ouro, continuando a cultivar as suas terras como sempre.

Por fim, não ficou na povoação nada que não fosse de ouro; até o solo e a herva dos campos.

E então veio uma crise terrivel. Tudo era ouro; mas as terras não davam colheita e o trigo consumiu-se como os demais viveres; de sorte que todos começaram a arrepender-se da sua avareza.

— Ai! — exclamavam —quem nos déra os nossos rebanhos de carne. Agora comiamos as ovelhas.

— Meus ricos chouriços — gritava outro.— São de ouro e ninguem lhes mette dente.

Como até os sócos eram de ouro, e pesavam muito, ninguem podia ir ás povoações visinhas comprar o necesario para a vida e assim se approximou o momento em que todos iam morrer de fome.

Por fim, chegaram as cousas a um extremo tal que a aldeia em peso se amotinou e quiz matar o infeliz Antonio, causa de todas as desgraças.

Então este pensou naquellas creaturas que se lhe tinham offerecido para amenisar a vida e beneficiar a humanidade, e a quem elle tinha escurraçado com tamanho despreso.

Lembrou-se de seu irmão, a unica pessoa de toda a aldeia que não quizera aproveitar-se daquella chuva de ouro e invejou-lhe a tranquillidade e aquelle seu são e puro contentamento.

Chorou como choram os que se arrependem e as suas lagrimas voaram vaporisadas para o céo, onde imploravam o perdão de Antonio.

Concedeu-lh'o Deus em sua infinita misericordia, e num instante, reverdeceram os campos e os tallos do trigo curvavam-se ao peso dos magotes de espigas, e tudo voltou ao seu estado primitivo.

Além diso, a electricidade estendeu os seus fios installando o telegrapho, o telephonio e a luz em toda aquella região, e diffundiu por todos os lados a animação e a vida.

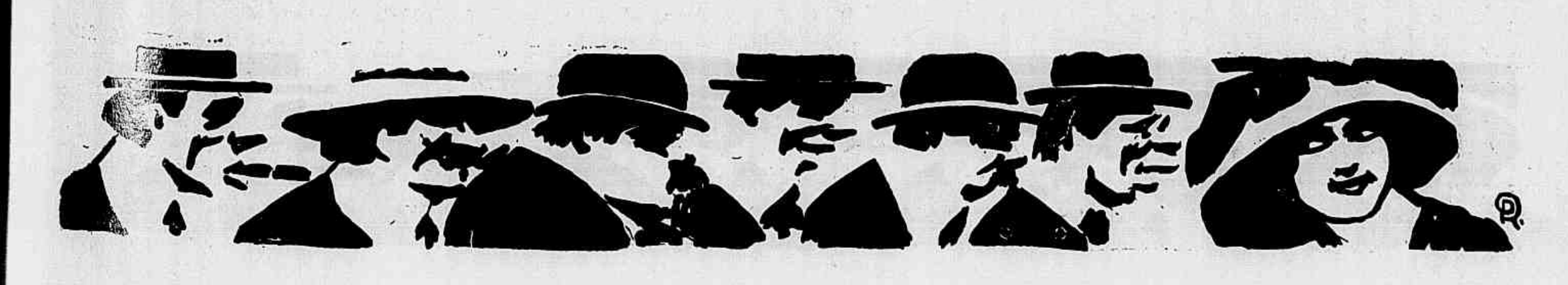
A interessante Deolina, filha do Sr. Raphael Martins

O amoniaco infiltrou-se na terra, dando ás plantas um formoso viço, antecipando mesmo o regresso da primavera.

E o phosphoro, emquanto se convertia em lumes, medicamentos e outras tantas cousas utilissimas ao homem, atirou-se ao nariz do ouro e abrazou-o de tal maneira que o velhote dourado corria que o levava a breca, dando gritos e jurando não tornar a fazer mal aos homens.

Entretanto, Angelo o *Alegre* dizia a seu irmão carinhosamente:

"Não busques desvairado a felicidade nas riquezas. Porque a unica riqueza que póde trazer-te a felicidade na terra é a que encontrares pela tua virtude e pelo teu trabalho."



O THESOURO DO AVARENTO

1 — O velho Cornelius infundia tanto terror com as suas praticas de alchimia e tinha sua casa tão cheia de instrumentos bizarros, que ninguem se atrevia a entrar nella ao seu serviço.

9 — Entra o alchimista reclama as chaves. seus paes, a joven Guilhermina apresentou-se-lhe. Ella ficou logo contente.

3 — E ella o serviu tão bem que elle lhe proesperar. Elle lhe daria todos os seus ganhos de uma vez só, mais tarde. Assim, passaram-se mezes metteu generosa recompensa, devendo ella apenas rento lhe d[illegible] sem que o a[illegible] um vintem.

4 — Um [illegible] elle sahiu [illegible]xando Guilh[illegible]mina sozinha [illegible] casa. De repe[illegible]te, ella ach[illegible] em um cofre o mólho de ch[illegible]ves do mestre Cornelius.

5 — Por curiosidade entreabriu ella o bahu'... Céos ! Que riqueza ! Quan[illegible] ouro !

6—Se ella tirasse algumas moedas !... Cornelius não daria por falta. Demais elle deve-lhe d[illegible]nheiro e depois os seus estão muito necessitados.

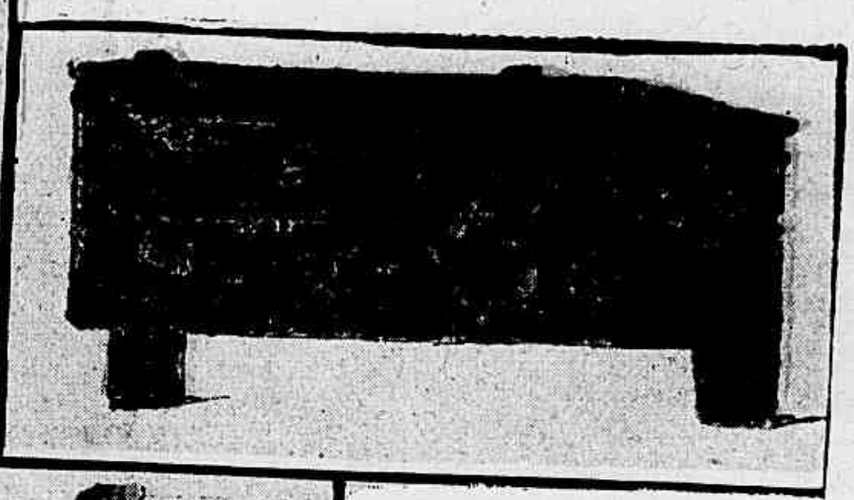
7—Ha nella uma grande luta intima. Emfim, fechando os olhos, ella torna a fechar o bahu' e arranca as chaves.

8 — E joga para longe della essas chaves tentadoras, ao acaso. Ellas vão cahir dentro de um cadinho em que está fervendo um metal.

cofre... Cornelius não procura mais a pedra philosophal que devia, acreditava elle, trazer-lhe a felicidade... Elle encontrou-a na bondade...

O ELEPHANTE MARINHO

O leitor conhece já o elephante d'agua ? Não, sem duvida. Com effeito, trata-se duma especie desconhecida de pachidermes.



Cinco destes animaes foram vistos pelo Sr. Le Petit, o sabio viajante do jardim das plantas, de Paris, nas margens do lago Leopoldo II, na extremidade esquerda do Alto Congo.

O seu comprimento é de dois metros mais ou menos. O pescoço é muito longo, a tromba e as orelhas pequenas. Parece não terem defesa alguma. Suas patas devem ser difeerentes das dos elephantes,a julgar pelos signaes deixados na areia.

Infelizmente, foi impossivel approximar-se alguem delles.

Jogaram-se ao lago e desappareceram, nadando por baixo d'agua, a tromba só apparecendo á superficie.

O elephante marinho é na realidade um animal bastante interessante.

9 — Entra o alchimista reclama as chaves. Guilhermina atira-se aos seus pés e confessa a tentação á qual ella resistiu.

10 — Cornelius commoveu-se: "O espirito do mal que nos tenta só nos faz culpados quando cedemos aos seus conselhos", disse-lhe elle abraçando-a.

11 — As chaves de ora em diante ficarão no

SCENAS SUBURBANAS

— Papae... por onde chegou o meu irmãozinho?

— Mas... pela estrada de ferro...

— Ah ! se foi pela Central teve sorte de não chegar aos pedaços.

——o——

— A proposito: conhece meu genro, Mme. B.?

— Não, Mme. R., não tenho esse prazer...

— Este prazer !... Ah ! minha pobre senhora, bem se vê que não o conhece !...

ENTRE OS ANIMAES — Um heroe

1 — Ao cabo de dous dias de viagem os dous amigos chegaram a uma aldeia cuja população estava terrificada. Todos tinham a physionomias de apavorados. As gallinhas choravam. As pintadas gritavam. Os patos fugiam.

2 — O coelho tomou as suas informações. Uma gansa parda disse-lhe com os olhos marejados de lagrimas:

— Um monstro. joven coelho. um monstro já comeu quatro frangos e tres perdizes das mães de familia. Estamos aterrorisados.

3 — Eis o nosso serviço! murmurou o coelho. Onde se póde ver esse monstro?

Um porquinho da India. que estava pintando uma casa. desceu da escada para mostrar o caminho.

— Lá em baixo. sob essas arvores. disse elle. Está no tanque!

4 — E' um monstro aquatico?

— Vive tambem em terra. Parece um dragão da antiguidade. E' formidavel! Não se approximem muito; seriam esmagados!

5 — Elles approximaram-se. comtudo. o pato um pouco inquieto. serpoleto muito tranquillo. Viram o monstro. Era um crocodillo.

Tinham ouvido falar desse animal ou lido descripções. Elle dormia ou fingia dormir. deitado de papo para o ar.

6 — Nessa occasião desceu de um pinheiro um joven esquillo muito gentil. Elle quebrava nozes entre os dentes e saltava á corda com um ramo verde. Saudou polidamente os dous amigos e puzeram-se a conversar.

7 — O esquillo sahia de seu ninho. Ignorava tudo.

Ouvindo a sua palração ingenua o coelho teve uma idéa.

— O senhor deve ser muito agil e habilidoso?

— Com certeza! Olhem! E faz piruetas soberbas.

8 — Então. venha! Vamos divertir-nos!

Foram juntos á villa e em casa de uma doninha. armazem de cordas. compraram um novello de trançado forte.

9 — Voltemos lá agora! disse o coelho.

Voltaram para proximo do crocodilo.

— Aqui está o papel que o senhor tem de desempenhar. disse o coelho ao esquillo. Vê este animal. Vamos aproveitar-nos do seu sonho. O senhor passar-lhe-á esta corda em torno das maxillas de modo a fechal-as.

(Continua).

NOSSOS CONCURSOS

RESULTADO DO CONCURSO SEMANAL N. 383

Enviaram soluções certas os seguintes amiguinhos:

1 Eduardo Luiz Motta; 2 João Gimenez Fernandes; 3 Zelia de Lacerda Brandão; 4 David Pantaleão; 5 Antonio Castro da Veiga Pinto; 6 Maria do Carmo Dias Leal; 7 Donguinha Dias Leal; 8 Homero Dias Leal; 9 Filhote Dias Leal; 10 Marilia Dias Leal.

11 Floriano Pilar da Costa; 12 Maria Lydia Braga da Silva; 13 Carlos Alberto Gonçalves de Freitas; 14 Waldemar Carvalheira; 15 Ruth de Carvalho; 16 Vicentina da Silva; 17 José Gomes da Silva; 18 João Ribeiro; 19 Maria Pêgo de Amorim; 20 Aida Diva Freire Gameiro.

21 João Evangelista Pinto da Costa; 22 Odette da Conceição Villas; 23 Marieta Barroso; 24 Luiz Pedro Sayão; 25 Octavio Augusto da Silva; 26 Alice Vaz; 27 Mario Alves; 28 Esther Pereira da Silva; 29 Jorge Alves; 30 Antonia Caribé da Rocha.

31 Alvaro Gomes da Motta; 32 Cypriano de Azevedo.

— Feito o sorteio coube:

O 1° premio ao menino Floriano Pilar da Costa.

O 2° premio á menina Vicentina da Silva.

O 3° premio ao menino Luiz Pedro Sayão.

Os premiados desta capital podem vir a esta redacção (Avenida Rio Branco ns. 110 e 112), para receber seus premios, que lhes serão entregues mediante recibo assignado pelo proprio premiado.

Soluções do Concurso Semanal n. 384:

1ª resposta *Aranha.*
2ª resposta — *Alma-Calma.*

No proximo numero daremos a solução, a lista dos decifradores e o resultado do sorteio, com a distribuição de um premio de 10$000 e dous premios de 5$000.

CONCURSO SEMANAL N. 385:

1ª—Qual é o Estado do qual mudando-se a primeira lettra é sobre-nome ?

(Enviada pela amiguinha Aida Diva Freire Gameiro).

2ª—Qual é o sport que é composto de uma nota musical e de um animal ?

(Enviada pela amiguinha Yara Lopes).

As soluções serão recebidas até sexta-feira 13 de Junho e será feito sabbado 14 o sorteio para a distribuição dos premios.

O 1° de DEZ MIL RÉIS
O 2° de CINCO MIL RÉIS
O 3° de CINCO MIL RÉIS

JOÃO PAULINO
Supplemento da *Revista da Semana*
Avenida Rio Branco 110 e 112 — "Coupon" do **Concurso semanal n. 385.**

AVISO

Os amiguinhos que não vierem receber os premios no prazo de um mez perderão o direito.

Os amiguinhos que quizerem enviar perguntas para o "Concurso de João Paulino", podem mandar para a redacção da *Revista da Semana,* que serão publicadas.

PREMIOS NOVOS

84 GRANDE CONCURSO MENSAL — 4 "coupons" do mez de Junho.

1° PREMIO — 10$000
2° PREMIO — 10$000

Os cinco "coupons" do Concurso Mensal de Maio serão recebidos até quinta-feira, 10 de Julho de 1913.

84 CONCURSO MENSAL

7 de Junho de 1913.

4 *Revista da Semana*

NOTA IMPORTANTE — As soluções devem trazer o "coupon" acima, a assignatura e residencia do leitorzinho, escriptas por sua propria mão e os premios só serão pagos mediante recibo tambem assignado pelo leitorzinho.

MAIS PREMIOS — *A cada leitorzinho que nos trouxer soluções para os nossos concursos daremos gratuitamente uma entrada de primeira classe para o excellente* CINEMATOGRAPHO PARIS sito á Praça Tiradentes.

Este premio equivale a uma restituição mais do que triplicada do preço da "Revista de Semana", pois essa revista custa apenas 300 réis e o cartão de entrada que damos aos decifradores de concursos para o CINEMATOGRAPHO PARIS *vale* 1$000.

VIAGEM A' LUA

Os sete Sabios da Grecia reunidos em Athenas quizeram decidir uma vez qual era a maior maravilha da creação; ordenaram que cada um por sua vez havia de dar a sua opinião a esse respeito.

O primeiro que fallou sustentou que não havia neste mundo nada mais maravilhoso do que as estrellas: segundo os astronomos, algumas eram verdadeiros sóes em volta dos quaes gravitam mundos que contêem, assim como a terra, plantas, animaes, mas de fórmas variadas e desconhecidas. Enthusiasmados com essa perspectiva, os sabios supplicaram Jupiter de lhes conceder visitarem o planeta mais proximo da terra, a Lua. Apenas ahi permaneceriam tres dias e viriam em seguida contar aos homens os prodigios que tivessem visto nesse novo mundo. Jupiter consentiu e marcou-lhes para ponto de reunião o cume de uma montanha elevada onde iria esperal-os uma nuvem. Chegaram á hora marcada acompanhados pelos artistas e poetas encarregados de pintar e descrever suas descobertas.

Atravessaram rapidamente o espaço e attingiram a Lua, onde encontraram um palacio preparado para os receber. No dia seguinte estavam tão cansados da viagem que só acordaram ao meio-dia. Para restaurarem as forças serviram-lhes uma refeição succulenta, á qual fizeram tanta honra que a curiosidade achou-se muito diminuida. Nesse dia viram através das janellas um paiz delicioso coberto de uma rica verdura e de flores de exquisita belleza; ouviram o melodioso gorgeio das aves e prometteram de se levantarem no dia seguinte de madrugada para principiarem as suas observações. Mas ao segundo dia, no momento em que se dispunham a pôrem-se a caminho, uma companhia de bailarinos e bailarinas embargaram-lhes o passo. Um segundo banquete, ainda mais sumptuoso que o primeiro, estava preparado; havia vinhos raros, musica, dansas; tudo convidava ao prazer. Deixaram-se arrastar. De repente, visinhos invejosos, vindos para perturbar a festa, precipitaram-se de espada desembainhada na sala do festim. Travou-se uma luta, da qual participaram os Sabios e os invasores foram vencidos. Era preciso que a

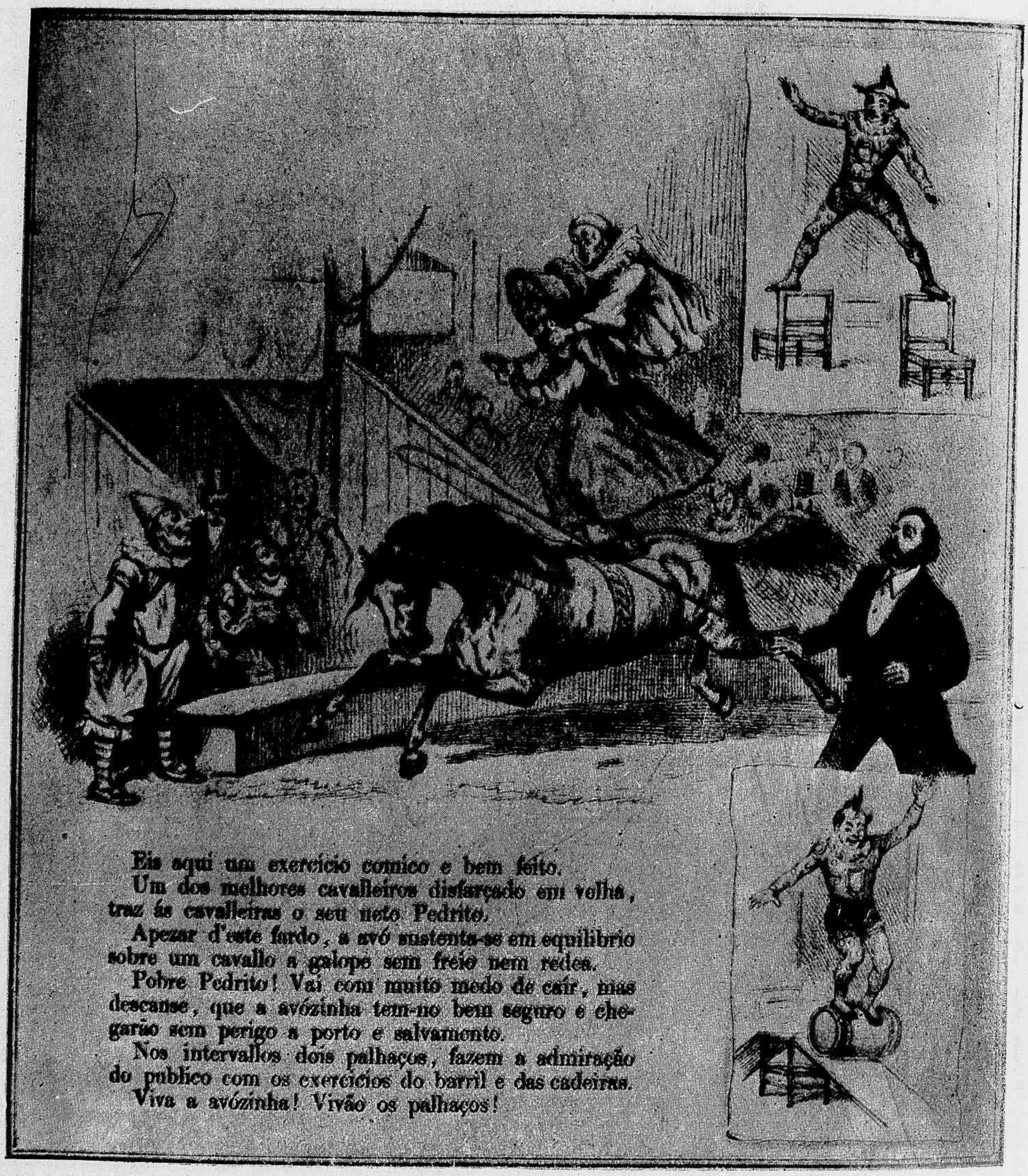
justiça seguisse o seu curso e o terceiro dia foi occupado inteiramente pela accusação, a defesa e o julgamento: e assim se passou o tempo concedido por Jupiter, e os sete Sabios voltaram para a Grecia onde todo o povo correu a seu encontro avido de ter noticias da Lua. Tudo quanto os Sabios souberam dizer foi que era um bello paiz, coberto de verdura, esmaltado de flores e onde as aves chilreavam divinamente. Qual era a natureza dessa verdura e dessas flores, não podiam dizer uma unica palavra a esse respeito.

O celebre naturalista Lineo, autor deste apologo, applica-o a nós todos quantos sejamos. Vivemos com effeito em uma terra encantadora, mas desdenhando as maravilhas que a Providencia se deu em profusão, parecemo-nos mais ou menos com os viajantes da Lua.

CIRCO AMERICANO

O hippodromo

XIII



Eis aqui um exercicio comico e bem feito.

Um dos melhores cavalleiros disfarçado em velha, traz ás cavalleiras o seu neto Pedrito.

Apezar d'este fardo, a avó sustenta-se em equilibrio sobre um cavallo a galope sem freio nem redea.

Pobre Pedrito! Vai com muito medo de caír, mas descanse, que a avózinha tem-no bem seguro e chegarão sem perigo a porto e salvamento.

Nos intervallos dois palhaços, fazem a admiração do publico com os exercicios do barril e das cadeiras.

Viva a avózinha! Vivão os palhaços!

(Continúa).

OFFICINAS GRAPHICAS

DO

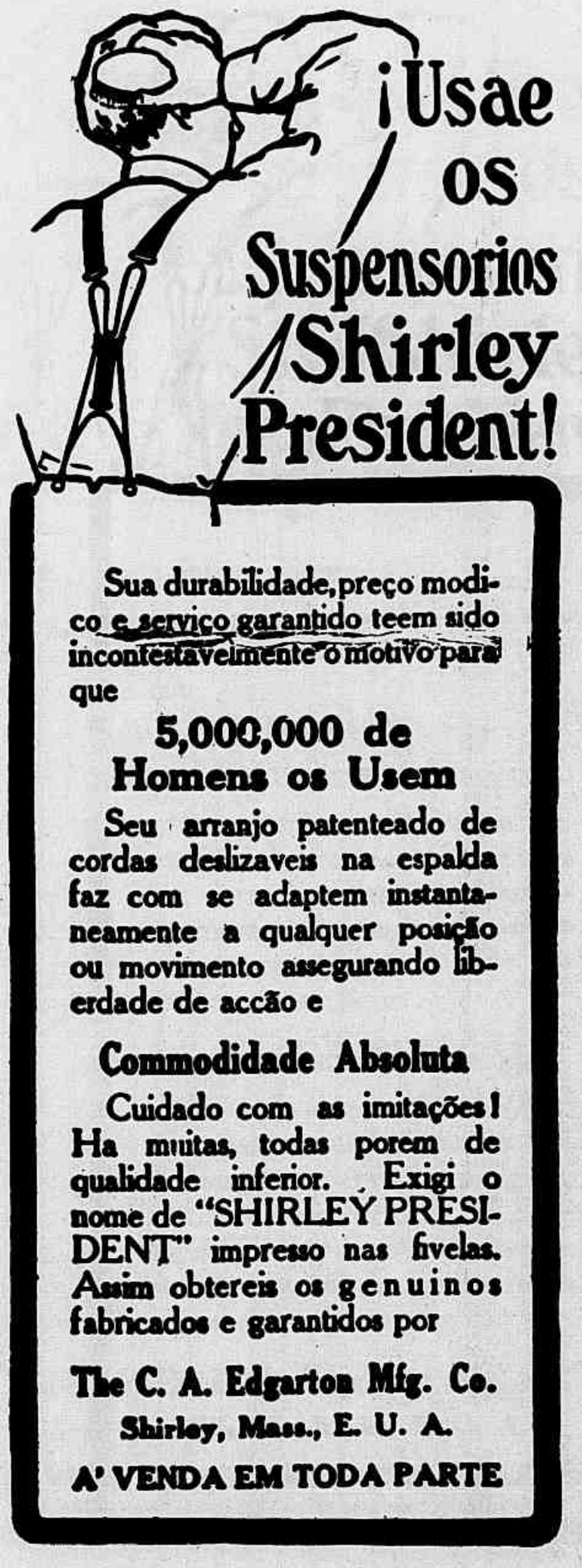
JORNAL DO BRASIL

E

REVISTA DA SEMANA

Nestas officinas executa-se com perfeição, presteza e modicidade de preço, qualquer trabalho concernente ás artes graphicas. Fazem-se com nitidez «clichés» em zinco e cobre, por todos os systemas e stereotypias de qualquer formato

AVENIDA RIO BRANCO 110 E 112



Sua durabilidade, preço modico e serviço garantido teem sido incontestavelmente o motivo para que

5,000,000 de Homens os Usem

Seu arranjo patenteado de cordas deslizaveis na espalda faz com se adaptem instantaneamente a qualquer posição ou movimento assegurando liberdade de acção e

Commodidade Absoluta

Cuidado com as imitações! Ha muitas, todas porem de qualidade inferior. Exigi o nome de "SHIRLEY PRESIDENT" impresso nas fivelas. Assim obtereis os genuinos fabricados e garantidos por

The C. A. Edgarton Mfg. Co.
Shirley, Mass., E. U. A.

A' VENDA EM TODA PARTE

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1/2, e aos sabbados, ás 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy n. 45

288 — 1ª

Sabbado 7 do corrente **100:000$**

Por **8$300**

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionaes do Brasil, caixa n. 41 rua Primeiro de Março n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor n. 94 nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

A TOUTINEGRA DO MOINHO

A' venda este emocionante romance

Obra completa em 3 volumes, acompanhada da musica **A canção da Toutinegra.** Preço da obra completa **5$000 Rs.** Pelo Correio mais **1$000 Rs.** Os volumes não se vendem separadamente. Pedidos ao *Jornal do Brasil*, Avenida Rio Branco 110 e 112.

A PERFUMARIA GASPAR — Praça Tiradentes 18
—Avisa que se mudou para a Praça Tiradentes n. 18, onde em uma installação provisoria, até a conclusão do seu edificio, espera receber as ordens de todos os seus freguezes.
MEU CORAÇÃO Extracto, Loção, Brilhantina, Oleo, etc.
Extracto e Brilhantina ONDINA
18 PRAÇA TIRADENTES 18
RIO DE JANEIRO